

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS**

THAÍSSA SOARES SILVA

**HASHEM É O MEU PASTOR: A CONSTRUÇÃO SEMIÓTICA DA CONFIANÇA
NOS SALMOS**

**Campo Grande/MS
2024**

THAÍSSA SOARES SILVA

HASHEM É O MEU PASTOR: A CONSTRUÇÃO SEMIÓTICA DA CONFIANÇA NOS
SALMOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens, da Faculdade de Artes, Letras e Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como exigência parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens.

Área de concentração: Linguística e semiótica.

Orientador: Prof. Dr. Geraldo Vicente Martins.

Campo Grande/MS
2024

Teus caminhos, Senhor, faz
conhecidos para mim; ensina-me Teus
atalhos. Conduze-me em Tua verdade e
me acostuma (a Teu ensino), pois Tu és
meu D'us, meu Salvador; por Ti tenho
esperado todos os dias.

David HaMelech
O Livro dos Salmos, 2020

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação a todos aqueles cujos corações ardem com amor pelo Altíssimo. A vocês, que vivem com uma alma inflamada pela busca do sagrado, esta obra é um tributo. Não seria justo se eu não a dedicasse a vocês. Desejo que essa pesquisa desperte em cada um a reflexão e um retorno contrito ao sentido das escrituras, ao amor ao templo e à sabedoria eterna da Lei. Dedico este trabalho àqueles que buscam incansavelmente o significado nas entrelinhas do texto, que procuram a sabedoria e se entregam à reflexão sincera. Dedico, com especial afeto, a todos que amam a língua hebraica, reconhecendo nela um tesouro de inestimável valor. Que cada análise aqui apresentada inspire a busca pelo conhecimento, pelo sentido e pelas riquezas que as Escrituras oferecem. A todos os que trilham um caminho de compreensão e fé, esta obra é para vocês, que reconhecem no estudo um ato de amor e reverência ao sagrado.

Também dedico este trabalho à minha família, que esteve ao meu lado em todos os momentos e me fortaleceu com amor incondicional. Aos meus amigos, que trouxeram o alimento de sabedoria à minha vida, ajudando-me a trilhar este caminho até aqui. Ao meu orientador, cuja orientação, paciência e apoio iluminaram minha jornada, e aos professores da banca, cuja sabedoria contribuiu para o amadurecimento desta pesquisa. Que cada linha desta dissertação reflita o espírito de gratidão e contrição, e que ela seja um testemunho do amor pelo sentido, pela reflexão e pela busca pela verdade que transcende o entendimento.

A todos vocês, principalmente aos pequeninos, aos quais pertence O Reino, dedico este trabalho, com o desejo sincero de que ele inspire corações e mentes em sua jornada pelo saber e pelo amor ao Altíssimo. Que a paz e o conhecimento estejam com todos!

RESUMO

Tendo em vista a importância das Escrituras Sagradas para inúmeras culturas, elas se tornaram foco de pesquisa sob diversas vertentes interpretativas; nessa perspectiva, o presente trabalho se estabeleceu de modo a investigar como a confiança se constitui como paixão semiótica no livro de Salmos. Essa paixão emerge como um elemento central na relação do salmista com Deus, revelada nas figuras e nos temas que constroem as isotopias, como a proteção divina, a salvação e o louvor, evidenciando a profundidade da fé e da dependência do salmista em relação ao divino; assim, a análise se concretizou recorrendo a conceitos da semiótica discursiva. Optou-se por realizar uma análise escolhendo especificamente passagens textuais que revelassem a confiança do salmista em Deus, tendo sido selecionados os salmos 23, 27, 40, 63, 71 e 121. É importante destacar que a análise considera duas línguas: primeiramente o português, língua em que a dissertação está desenvolvida, e o hebraico como apoio de análise, idioma original desses textos. A análise abrange não apenas os significados linguísticos, mas também as nuances culturais e os efeitos de sentido presentes nos textos a partir das duas línguas, sendo, portanto, utilizadas as versões em língua hebraica e em língua portuguesa do livro *Tehilim Keter David* (2020). Já a transliteração utilizada para os textos de Salmos está presente em *O livro dos salmos com transliteração linear*, versão de 2017, que contém os textos em hebraico, em português (interlinear) e transliterado. É válido destacar que o trabalho se construiu por meio da seleção dos elementos figurativos em língua hebraica e o modo como eles constroem as isotopias presentes; para isso, a pesquisa abordou o conceito proposto por Bertrand (2003), entendendo que compreender o sentido não diz respeito apenas a identificar os objetos no mundo, mas a reconhecer as relações entre eles, as quais constroem significações. Essas isotopias são possíveis de serem compreendidas por meio dos elementos figurativos e temáticos que compõem as poesias presentes nos Salmos; para as isotopias, também é preciso destacar que consideramos a análise da confiança, tendo em mente que, na língua hebraica, a relação entre אמונה, no transliterado *Emunah*, que, de forma superficial, é traduzido como fé, e o lexema ביטחון, no transliterado *Bitachon*, que é confiança plena em Deus, revela a conexão entre seus conceitos. Assim, entendemos a importância de analisar os lexemas e suas construções de sentido em hebraico, já que os textos foram originalmente escritos nesse idioma, o que nos permite compreender melhor os significados culturais e os efeitos de sentido associados; além disso, reconhecemos que os textos selecionados para análise formam um conjunto coeso de significados, intrinsecamente relacionados à língua hebraica.

Palavras-chave: semiótica discursiva; paixão da confiança; literatura hebraica; texto bíblico.

ABSTRACT

Considering the importance of the Holy Scriptures for countless cultures, they have become a focus of research across various interpretative perspectives; in this context, the present work investigates how trust is constituted as a semiotic passion in the Book of Psalms. This passion emerges as a central element in the relationship between the psalmist and God, revealed through figures and themes that construct isotopies, such as divine protection, salvation, and praise, highlighting the depth of the psalmist's faith and dependence on the divine. The analysis is anchored in concepts from discursive semiotics. Specific textual passages revealing the psalmist's trust in God were chosen for analysis, including Psalms 23, 27, 40, 63, 71, and 121. Importantly, the analysis considers two languages: primarily Portuguese, the language in which the dissertation is developed, and Hebrew as an analytical support, the original language of these texts. The analysis covers not only linguistic meanings but also the cultural nuances and sense effects present in both languages, using both the Hebrew and Portuguese versions from the book *Tehilim Keter David* (2020). The transliteration used for the Psalms texts is found in *O livro dos salmos com transliteração linear*, the 2017 version, which contains the texts in Hebrew, in Portuguese (interlinear), and transliterated. It is worth noting that this work is constructed by selecting figurative elements in Hebrew and examining how they build the present isotopies. For this, the research utilized Bertrand's (2003) concept, understanding that comprehending a meaning involves not only identifying objects in the world but also recognizing the relationships among them, which construct meanings. These isotopies are comprehensible through the figurative and thematic elements that compose the poetic texts in the Psalms. Regarding isotopies, we must also note that we consider the analysis of trust, bearing in mind that, in Hebrew, the relationship between אמונה *Emunah*, transliterated, superficially translated as faith, and the lexeme ביטחון *Bitachon*, transliterated, which represents full trust in God, reveals the connection between these concepts. This underscores the importance of analyzing the lexemes and their meaning constructions in Hebrew, since the texts were originally written in that language, allowing for a deeper understanding of the cultural meanings and sense effects associated with them. Furthermore, we recognize that the texts selected for analysis form a cohesive set of meanings, intrinsically related to the Hebrew language.

Keywords: discursive Semiotics, passion of Trust, hebrew Literature, Biblical text.

SUMÁRIO

Introdução.....	9
------------------------	----------

Capítulo 1

— Do <i>corpus</i> de pesquisa à teoria.....	15
1.1. Salmos: Um tesouro poético do <i>Tanakh</i>	15

Capítulo 2

— A abordagem semiótica.....	26
2.1. Estruturas semânticas e sentido nos textos bíblicos.....	26
2.2. Sobre os estudos semióticos bíblicos.....	41

Capítulo 3

— Figuras e temas nos salmos.....	47
3.1. A Dimensão da Confiança no Salmo 23: Uma Análise Semiótica.....	47
3.2. Entre Céus e Terra: a Dimensão da Confiança.....	62
3.3. O Senhor como Luz (caminho) para a vida: A grande isotopia.....	72
3.4. Da Adversidade ao Louvor: a confiança no texto do Salmo 40.....	88
3.5. Entre o Deserto e o Santuário: a dependência de Deus no Salmo 63.....	106
3.6. Confiança na Adversidade: um Estudo do Salmo 71.....	119
3.6.1. A confiança como uma isotopia discursiva.....	122

Considerações finais.....	133
----------------------------------	------------

Referências.....	138
-------------------------	------------

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Salmo 71 interlinear.....	18
Figura 2: Salmo 71 na edição em língua hebraica e portuguesa, em 2020.....	19
Figura 3: O quadrado semiótico.....	33
Figura 4: As instâncias mínimas do sentido no Salmo 23.....	50
Figura 5: A paixão da Confiança disposta no Salmo 23.....	58
Figura 6: Proteção divina versus vulnerabilidade.....	63
Figura 7: Análise tensiva da Confiança no Salmo 121.....	69

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Tabela das letras hebraicas e seus sons correspondentes.....	22
Quadro 2: Isotopias, Figuras e Temas presentes no Salmo 23.....	59
Quadro 3: Isotopias, Figuras e Temas presentes no Salmo 121.....	70
Quadro 4: Isotopia da Exaltação e Louvor em meio ao Perigo.....	85
Quadro 5: Isotopia do Testemunho da Confiança	102
Quadro 6: Isotopia da Satisfação espiritual	116
Quadro 7: Isotopia da Proteção Divina.....	130
Quadro 8: Isotopia do Perigo e dos Inimigos (Luta e Conflito).....	130
Quadro 9: Isotopia do Louvor e da Adoração.....	131
Quadro 10: Isotopia da Imensidão das Obras de Deus.....	132

INTRODUÇÃO

Desde os meus primeiros contatos com a literatura bíblica, ainda na infância, os Salmos sempre se destacaram para mim pela profundidade emocional e pela riqueza poética. A trajetória de vida do rei Davi e de outras figuras bíblicas, conforme apresentada nesses textos, desperta em mim uma admiração pela sua confiança inabalável em Deus, mesmo diante das adversidades mais severas. Essa admiração se transformou em um interesse acadêmico durante os meus estudos já da graduação, quando percebi o potencial de explorar os sentidos da confiança presente nos salmos por meio das lentes da semiótica discursiva.

Meu interesse pessoal pelo tema se consolidou ao longo dos anos, especialmente ao perceber a relevância dos Salmos não apenas como textos religiosos, mas também como testemunhos literários e culturais que refletem a complexidade da experiência humana. A confiança expressa nos Salmos ressoa com minhas próprias buscas espirituais e intelectuais, motivando-me a investigar como essa paixão se manifesta textualmente.

Eleger abordar a confiança como paixão nos Salmos foi algo também motivado pelo reconhecimento de que essa temática é central não apenas para a compreensão da figura do salmista, mas também para o entendimento das relações de fé e esperança no contexto bíblico. A confiança, como uma paixão que oscila entre certeza e dúvida, presença e ausência, oferece um campo fértil para a análise semiótica, permitindo uma exploração rica e multifacetada dos textos.

Além disso, posso dizer que os estudos pela língua hebraica sempre foram uma de minhas paixões, paixão que, inclusive, foi um fator importante para que eu cursasse Letras, ainda que a Universidade não ofertasse o hebraico como língua estrangeira. Durante um tempo da graduação, inclusive, montamos um pequeno grupo de estudos da língua hebraica, oportunidade em que pude compartilhar com meus colegas conhecimentos breves e pontuais sobre a língua, seu sistema de escrita e um pouco da construção dos sentidos presentes nas letras hebraicas. Isso também me levou a me interessar pela semiótica, visto que ela busca sempre

compreender o sentido, podendo ele estar presente no texto, tanto em seu nível cultural, como religioso, caso da língua hebraica, em que as letras possuem significação¹, tanto pelo seu processo histórico, como pelo ponto de vista religioso. O interesse pela língua em que os Salmos foram primeiramente escritos reforça minha motivação para analisar esses textos na sua forma mais autêntica, buscando identificar as nuances e os significados que possam ser perdidos em traduções.

Assim, minha motivação pessoal se entrelaça com meu percurso acadêmico, em que a curiosidade e a busca por um entendimento mais profundo da experiência humana, conforme discursivizada nos Salmos, se alinham com as ferramentas analíticas proporcionadas pela semiótica discursiva. Este trabalho, portanto, é resultado de uma confluência entre minha trajetória pessoal e minhas ambições acadêmicas, buscando contribuir para o estudo dos Salmos e para a aplicação da semiótica em textos bíblicos.

Tendo em vista a importância das Escrituras Sagradas para inúmeras culturas, elas tornaram-se foco de pesquisa sob diversas vertentes interpretativas. O presente trabalho se estabeleceu com o objetivo de investigar a constituição da confiança como paixão semiótica no livro de Salmos, paixão que emerge como um elemento central na relação do salmista com Deus, revelada nas figuras e nos temas que constroem as isotopias, como a proteção divina, a salvação e o louvor, evidenciando a profundidade da fé e da dependência do salmista em relação ao divino.

Para concretizar esse propósito, a análise foi realizada sob a perspectiva da semiótica discursiva, optando-se, na abordagem dos Salmos, pela escolha de passagens específicas que revelassem a confiança do salmista em Deus, razão pela qual se tomam para estudo os salmos 23, 27, 40, 63, 71 e 121. É importante

¹No contexto da semiótica discursiva e da análise de textos bíblicos, é importante reconhecer a rica e multifacetada natureza da língua hebraica, especialmente na esfera religiosa. Na tradição hebraica, as letras do alfabeto não são meramente símbolos fonéticos, mas carregam significados profundos e multifacetados. Cada letra possui um valor numérico, um conceito conhecido como gematria, que é amplamente utilizado na exegese bíblica e no misticismo judaico para revelar camadas ocultas de significado nos textos sagrados. A criação do alfabeto hebraico é permeada por simbolismos que transcendem a comunicação linguística. Cada letra, além de representar um som, possui um significado intrínseco e é frequentemente associada a palavras e conceitos específicos. Por exemplo, a letra *Aleph* א, a primeira letra do alfabeto, é “o chefe de todas as letras que o seguem” (RASKIN, 2017, p. 33), também simboliza unidade e o princípio divino, sendo frequentemente associada a Deus “o Aleph simboliza o ensinamento central do judaísmo: o de que Deus é um” (RASKIN, 2017, p. 33).

destacar que a análise considera duas línguas: primeiramente o português, língua em que a dissertação está desenvolvida, e o hebraico, como apoio de análise, dado ser o idioma original desses textos.

A análise abrange não apenas os significados linguísticos, mas também as nuances culturais e os efeitos de sentido presentes nos textos a partir das duas línguas, utilizando, portanto, as versões em língua hebraica e em língua portuguesa do livro *Tehilim Keter David* (2020). A transliteração² utilizada para os textos de Salmos está presente em *O livro dos salmos com transliteração linear* (2017), que contém os textos em hebraico, em português (interlinear) e transliterado.

A análise se constitui por meio da seleção dos elementos figurativos, temáticos nas versões em português e em língua hebraica e como eles constroem as isotopias presentes. Para isso, aborda-se o conceito proposto por Bertrand (2003), segundo o qual compreender um sentido não diz respeito apenas a identificar os objetos no mundo, mas a reconhecer as relações entre esses objetos, as quais constroem significações. As isotopias são possíveis de serem compreendidas por meio dos elementos figurativos e temáticos que compõem as poesias presentes nos Salmos.

Em relação às isotopias, destacaremos a análise da confiança. Na língua hebraica, a relação entre אמוּנָה *Emunah*³, traduzida superficialmente como fé, e a palavra ביטחון⁴ *Bitachon*, que é a confiança plena em Deus, possui conceitos conectados. Entendemos que é importante analisar palavras e expressões em

² O transliterado é o texto hebraico escrito em caracteres (letras) no alfabeto latino e vice e versa; é transpor um sistema de escrita para outro. Nesse caso, utilizar-se-ão, na pesquisa, palavras pertencentes à língua hebraica em letras latinas. Dado que as palavras hebraicas são escritas sob um sistema de escrita diferente, a transliteração das mesmas permitirá uma simplificação do processo de compreensão para os usuários do sistema alfabético latino-americano. É importante salientar que as palavras que estão sendo transcritas não têm uma grafia específica, uma vez que se trata de uma decodificação de um sistema de caracteres de uma língua para outra, de uma outra língua.

³ Para este trabalho, os termos essenciais para a nossa pesquisa e os lexemas na língua hebraica, em transliterado, aparecerão em itálico. Já as figuras, e demais elementos fundamentais para a nossa análise, aparecerão entre aspas.

⁴ A palavra ביטחון do hebraico *Bitachon* carrega basicamente o sentido de confiança e de verdade, “O conceito de Bitachon é confiança plena em D’us; segurança total. Bitachon é a certeza de que vai acontecer somente o bem, e isso atrai as bênçãos para que elas aconteçam. É um escudo tão firme que torna-se impossível ao mal transpassá-lo”. CHABAD. Bitachon e Emuná. Disponível em: <https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/1525081/jewish/Bitachon-e-Emun.htm> acesso em: 11 de out. de 2022. Já palavra אמוּנָה do hebraico *Emunah*, firmeza, fidelidade e estabilidade. Carrega o sentido de que tudo é para o bem.

hebraico, pois os textos foram originalmente escritos nesse idioma, o que nos permite compreender melhor os significados culturais e os efeitos de sentido associados. Além disso, reconhecemos que os textos selecionados para análise formam um conjunto coeso de significados, intrinsecamente relacionados à língua hebraica.

Além desta breve introdução, organizada em torno das razões gerais que impulsionaram a pesquisa, suas principais características e os propósitos a que visava atingir, a estrutura da dissertação compõe-se de três capítulos, seguidos pelas Considerações finais e a relação de obras utilizadas na escrita do texto.

O capítulo 1 ocupa-se em apresentar as considerações introdutórias acerca dos textos bíblicos que serão analisados ao longo da dissertação. Nele, encontra-se uma contextualização do Livro de Salmos, explorando suas origens, significados e importância dentro da tradição judaica; há também um breve panorama da língua hebraica, a língua em que os textos foram originalmente escritos, além de discutirmos questões relacionadas à tradução e à escolha das versões do Salmos que utilizamos na análise. Abordaremos as razões para utilizar as versões *Tehilim Keter David* (2020) e *O Livro dos Salmos com Transliteração Linear* (2017), destacando suas particularidades e a importância de considerar os textos em hebraico, português e transliterado.

Já o capítulo 2 dedica-se a fundamentar teoricamente a análise semiótica que será realizada nos textos. Abordaremos os principais conceitos da semiótica discursiva utilizados ao longo do trabalho, com destaque para alguns dos elementos teóricos presentes nos níveis discursivo, como os de natureza figurativa e temática. Exploraremos noções como isotopias, figuras e temas, bem como o conceito de paixão, especialmente a paixão da confiança, central na leitura dos Salmos. Além disso, buscaremos explicitar como tais instrumentos semióticos possibilitam uma leitura mais profunda dos textos sagrados, permitindo uma análise que vai além do nível literal e que destaca as nuances do sentido construídas nas camadas mais profundas do discurso bíblico.

O capítulo 3, por fim, apresenta a análise semiótica dos Salmos selecionados: 23, 121, 27, 40, 63 e 71, sendo cada um deles examinado de modo detido, formando, portanto, seis subseções, seguindo uma ordem específica que

destaca aspectos diferentes da confiança em Deus. A primeira subseção é dedicada ao Salmo 23, explorando instâncias mínimas de confiança e desconfiança, em que a confiança é consolidada por meio das figuras do Pastor, suas ovelhas, e o caminho percorrido, bem como pelos temas de pastoreio, cuidado, consolo e presença divina constante. A seguir, com o Salmo 121, analisaremos o tema da proteção constante de Deus. Ou seja, se concentra na proteção divina e nos perigos que o salmista enfrenta, o que permitirá propor um paralelo com o Salmo 23, destacando a confiança em meio aos perigos do caminho.

Logo depois, com o Salmo 27, veremos como a luz é apresentada como um caminho de confiança e direção, remetendo à orientação divina que guia o salmista em meio às adversidades, iluminando seu percurso e fortalecendo sua confiança em Deus como protetor e salvador.

A seguir, com o Salmo 40, examinaremos como a confiança do salmista se transforma em louvor após um período de adversidade. O salmo revela uma jornada de superação, em que a fé se fortalece com o reconhecimento da ajuda divina, culminando em um cântico de gratidão e louvor a Deus. Na subseção seguinte, com o Salmo 63, discutiremos a relação entre o deserto e o santuário, analisando suas significações; o deserto é visto como um lugar de provação e sede espiritual, enquanto o santuário assume o valor da presença divina e refúgio. Essas duas figuras revelam contrastes entre ausência e plenitude na busca do salmista por Deus.

Com a última subseção de análise, apresentaremos o Salmo 71 e o testemunho de confiança do salmista ao longo da vida, já em uma fase mais experiente de sua existência. As figuras de “Luz” e “Caminho” são centrais, e o salmista realiza uma introspecção sobre sua confiança, fortalecendo a ideia de Deus como guia e protetor. Nesse texto, em que a confiança é apresentada em seu ápice, a narrativa é um testemunho da fé do salmista, transformando-se em gratidão e louvor. Tal salmo reflete a maturidade espiritual, destacando a confiança contínua em Deus, mesmo diante dos desafios da velhice e das adversidades acumuladas ao longo dos anos.

Nas considerações finais de nosso trabalho, retomaremos os principais pontos abordados ao longo da pesquisa, ressaltando como a análise semiótica

aplicada aos Salmos revelou aspectos profundos da confiança como paixão. Destacaremos as principais isotopias, figuras e temas identificados em cada salmo, evidenciando a importância da metodologia semiótica para compreender as dinâmicas discursivas presentes nos textos. Além disso, refletiremos sobre as contribuições da pesquisa não somente para a semiótica, mas também para os estudos literários e bíblicos, sugerindo caminhos para futuras investigações e a relevância de continuar explorando o significado dos textos bíblicos por meio da semiótica e da análise das camadas de sentido que os constituem.

CAPÍTULO 1

DO CORPUS DE PESQUISA À TEORIA

1.1. Salmos: Um Tesouro Poético do *Tanakh*

Os Salmos, uma coleção de cânticos, orações e poemas líricos encontrados no *Tanakh*, a bíblia hebraica, constituem-se como dos textos mais poéticos e influentes da literatura bíblica. Olhando mais a fundo, sabe-se que a bíblia cristã foi escrita em três línguas distintas: o hebraico, o aramaico e o grego koinê; posteriormente, os conjuntos de rolos foram unidos formando a bíblia que conhecemos até os dias atuais: a *torah*⁵ representa os cinco livros bíblicos da lei; os *Nevihim*⁶ equivalem aos livros bíblicos proféticos; e os *Ketuvim*⁷, do hebraico “escritos”, são a terceira parte do *Tanakh*, a bíblia hebraica, que corresponde aos escritos narrativos e poéticos em um total de onze livros. Há também o conjunto dos livros originalmente escritos em grego⁸, que correspondem ao “Novo Testamento” dentro da cultura cristã.

À vista disso, os Salmos não somente manifestam em seus textos a essência da fé e devoção israelita, mas também concedem recursos para visualizarmos os sentimentos e as experiências espirituais de seus autores. Entre eles, o rei Davi se destaca como uma figura central, cuja vida e composições refletem uma confiança inabalável em Deus, mesmo em meio às adversidades. Evidentemente, os objetivos

⁵ Do original hebraico, “instrução”, representando os cinco livros da lei judaica. Para os judeus, esses livros, que originalmente eram rolos carregados dentro da arca sagrada, foram recebidos no Sinai como instrução ao povo de Israel. Na bíblia cristã, também se encontra em seus cinco primeiros livros.

⁶ Do original hebraico, “profetas”, equivale aos livros bíblicos proféticos divididos entre Josué, os profetas maiores: Isaias, Jeremias e Ezequiel, e os 12 profetas menores na bíblia hebraica, o *Tanakh*.

⁷ Do hebraico, “escritos”, é a terceira parte do *Tanakh*. Dividido em três subgrupos na cultura judaica: o grupo dos livros proféticos *Sifrei Emet*; O grupo dos cinco rolos *Hamesh Megillot*; e os livros históricos, como o livro de Daniel. Na bíblia cristã, corresponde aos últimos livros do velho testamento.

⁸ Esse grupo, consagrado na cultura cristã como os livros pertencentes ao novo testamento, na tradução hebraica, recebe o nome de *Brit Hadashah*, ou seja, nova aliança.

do trabalho não se estruturam com base a olhar para o ser existente, que escreveu tais textos, mas nossa base epistemológica se instaura para que possamos enxergar os efeitos de sentidos existentes ao longo do texto e as construções que são possíveis por meio da linguagem. Lidamos com as construções que são instauradas no ato languageiro e que se consolidam em meio aos textos e a cultura. Ainda assim, trazer uma breve contextualização histórica faz-se necessário, de maneira a olharmos a especificidade do texto que iremos analisar.

Podemos afirmar que os Salmos são, essencialmente, uma expressão poética dos diversos aspectos da experiência humana em relação à sua fé em Deus. Tais textos abordam temas diversos, dentre os quais, podemos destacar a angústia, a alegria, a gratidão, o arrependimento e a súplica. Essa riqueza temática permite que o *Livro de Salmos* seja não somente um testemunho histórico e religioso, mas também uma motivação, ou seja, por muitas vezes, o consolo e a fé para gerações de leitores. No contexto religioso, os Salmos são utilizados em momentos litúrgicos e em rituais, de maneira a assumir uma função essencial na prática da fé judaica e cristã.

Para abordarmos um pouco mais o que diz respeito ao *corpus* de pesquisa, precisamos entender a que grupo de texto pertence o Livro de Salmos. Na verdade, essa obra é um conjunto de escritos que se encontra dentro do grupo dos *Ketuvim*, dos textos poéticos. A palavra “salmos”, do grego *Psalmos*, deriva do verbo referente a tocar as cordas de um instrumento musical, do hebraico, como o texto original apresenta, *Tehilim*, plural de *Tehillah*, que significa “louvores”. De acordo com *Rashi*, um dos pensadores mais influentes dentro da cultura judaica:

Este livro foi composto com dez expressões de canto: 1) com regência, 2) com melodia, 3) com acompanhamento musical, 4) com canto, 5) com louvor, 6) com oração, 7) com bênção, 8) com ação de graças, 9) com louvores e 10) com “Louvado seja Deus”. Estes correspondem aos dez homens que os compuseram: 1) Adão, 2) Malquisedeque, 3) Abraão, 4) Moisés, 5) Davi, 6) Salomão, 7) Asafe e 8-10) os três filhos de Coré. Em relação a Jedutum, há uma disputa. Alguns dizem que Jedutum era um homem, como está escrito em Crônicas. Outros sustentam que Jedutum mencionado neste livro não significa nada além das ordenanças (דְּוִת) e leis dos decretos que foram passados sobre ele e sobre Israel.(tradução nossa)⁹

⁹This book was composed with ten expressions of song: 1) with conducting, 2) with melody, 3) with musical accompaniment, 4) with song, 5) with praise, 6) with prayer, 7) with blessing, 8) with thanksgiving, 9) with praises, and 10) with “Praise God.” These correspond to the ten men who composed them: 1) Adam, 2) Malchizedek, 3) Abraham, 4) Moses, 5) David, 6) Solomon, 7) Asaph,

Por meio dessa referência, podemos ver como o livro foi composto e quais são as suas especificidades poéticas: “1) com regência, 2) com melodia, 3) com acompanhamento musical, 4) com canto, 5) com louvor, 6) com oração, 7) com bênção, 8) com ação de graças, 9) com louvores e 10) *com louvado seja Deus*”¹⁰ (SEFARIA). Como se apontou, sabe-se também que a leitura desse livro se faz presente dentro de nossa sociedade, razão pela qual realizar a análise dos salmos é importante, visto que a Bíblia sagrada é um dos livros mais lidos no mundo, Como afirma Silva (2019), podemos compreender o grau de importância do texto bíblico na sociedade:

O texto bíblico, considerado como texto de referência primeiro e como discurso fundador dos discursos de fidelização e de divulgação religiosa, devido ao efeito de atemporalidade do discurso religioso, é a base para a discursivização do discurso de divulgação religiosa (SILVA, 2019, p. 568).

No que se refere ao nosso *corpus* de pesquisa, serão utilizadas duas versões distintas do *Tehilim Keter David*, ambas de notada relevância e amplamente reconhecidas no contexto judaico, porém com diferenças significativas em sua estrutura e abordagem. Para identificarmos essas diferenças, precisamos compreender dois conceitos, o de tradução e transliteração. Reconhecemos que a atividade de tradução consiste em transmitir as significações de um texto de uma determinada língua para a outra, preservando, na medida do possível, o sentido original, a fluidez e as características culturais do conteúdo. Trata-se de um processo interpretativo, que exige do tradutor a compreensão profunda dos idiomas envolvidos, bem como do contexto cultural e histórico em que o texto foi produzido.

Já a transliteração, por sua vez, refere-se à representação dos sons ou caracteres de uma língua para o sistema de escrita de um idioma diferente. A transliteração busca recuperar sua pronúncia, permitindo que leitores de outro idioma consigam reproduzir ou identificar os termos em questão, mesmo sem compreender a língua inicial.

and 8-10) the three sons of Korah. Concerning Jeduthun, there is a dispute. Some say that Jeduthun was a man, as is written in Chronicles. Others maintain that Jeduthun mentioned in this Book means nothing else but the ordinances (דְּוֹת) and laws of the decrees that were passed over him and over Israel. SEFARIA. Sefaria. Psalms. Disponível em: <<https://www.sefaria.org/Psalms.1.1?lang=bi&with=Rashi&lang2=en>> acesso em: 11 de out. de 2022.

¹⁰*Halelu Yah*, do hebraico “הללויה” significa literalmente “louve a Yah(nome de Deus). Costumeiramente, no Brasil, utiliza-se a palavra “Aleluia”, provinda dessa expressão.

A primeira versão do Livro de Salmos que utilizaremos, publicada em 2017, é uma edição interlinear, que apresenta o texto original em hebraico, acompanhado de sua tradução direta para o português e a transliteração para facilitar a recitação dos leitores que ainda não dominam o hebraico. Esse formato interlinear não apenas permite um estudo profundo do conteúdo, mas também oferece uma experiência mais acessível para aqueles que desejam recitar ou compreender as palavras do Rei David no idioma sagrado, preservando a musicalidade e o ritmo que fazem parte da recitação dos Salmos.

Vejamos uma imagem de como o texto se dispõe nesta versão:

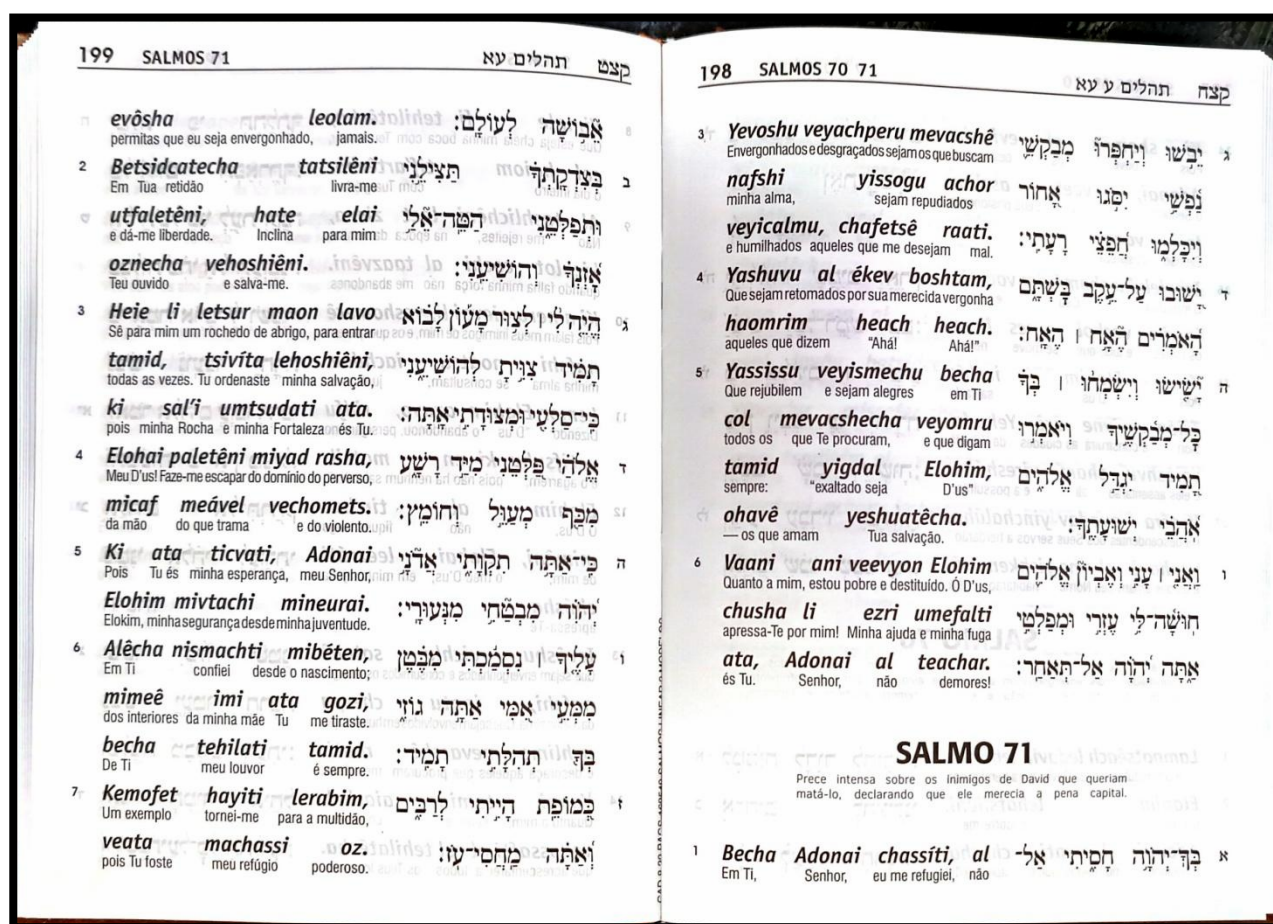


Figura 1: Salmo 71 na edição interlinear, em 2017.

A segunda versão que utilizaremos, publicada em 2020, centra-se na apresentação do texto em hebraico lado a lado com sua tradução para o português, sem a transliteração, o que confere uma maior fluidez à leitura e à análise. Essa edição destina-se especialmente àqueles que já possuem um conhecimento básico ou intermediário do hebraico, ou que preferem um estudo mais imersivo no texto

bíblico, concentrando-se na compreensão das palavras e no impacto semântico da tradução; esta, como nas edições anteriores, mantém um compromisso de fidelidade ao texto hebraico, respeitando os significados e contextos espirituais transmitidos ao longo das gerações. Agora, vejamos como o texto se dispõe nessa versão, mais ampliada:

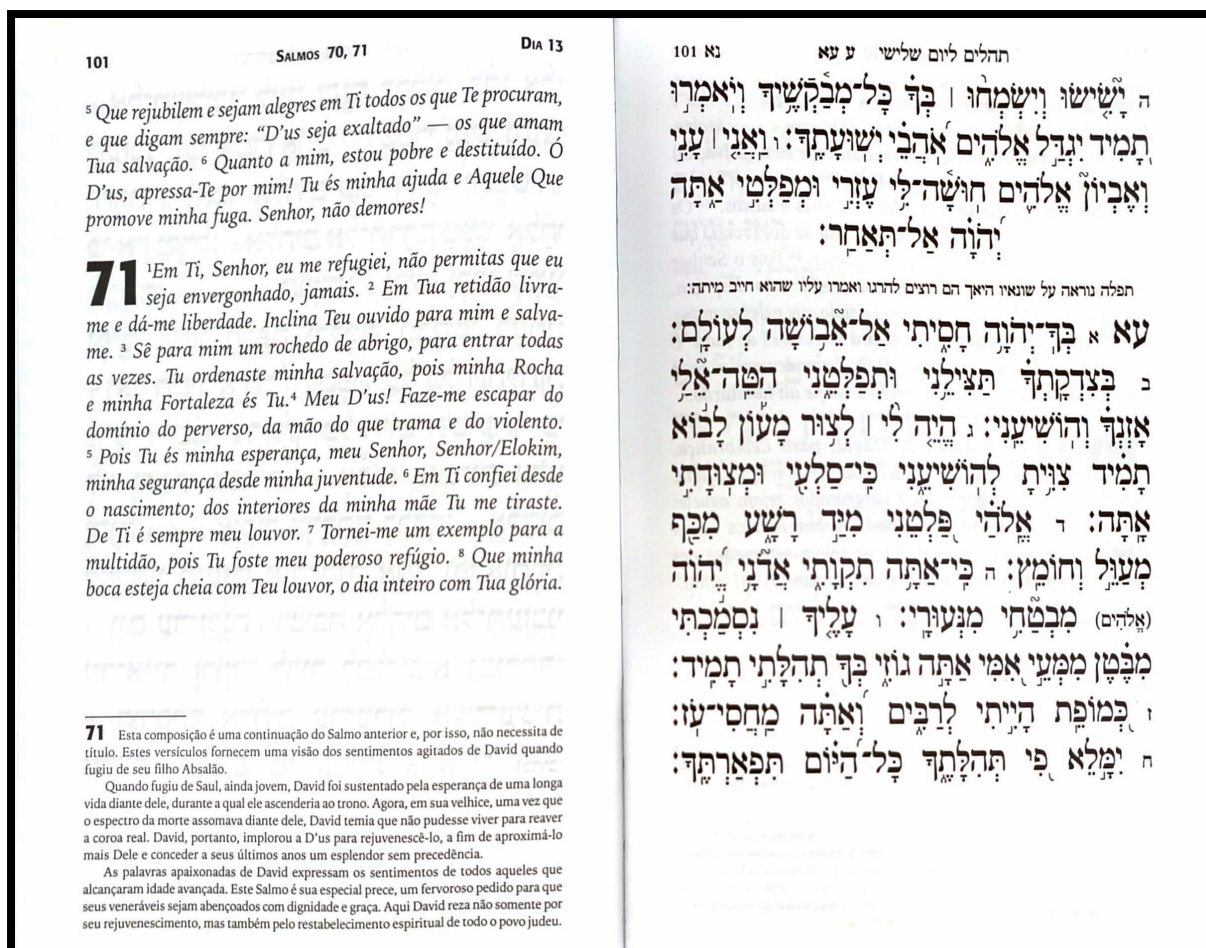


Figura 2: Salmo 71 na edição em língua hebraica e portuguesa, em 2020.

Trata-se de uma obra que não apenas reflete o cuidado com a fidelidade ao texto hebraico, mas também valoriza profundamente o legado litúrgico e religioso que esse livro carrega dentro da tradição judaica. É um ponto de convergência entre a preservação do sentido profundo dos Salmos e sua transposição para uma linguagem acessível ao público de língua portuguesa. A escolha dessa obra se fundamenta em várias razões, que podem ser divididas em duas categorias principais: razões externas, ligadas ao reconhecimento e importância que o *Tehilim Keter David* tem na comunidade judaica contemporânea; e razões internas, que envolvem as características intrínsecas do próprio texto traduzido, sua abordagem

específica e a maneira como a tradução lida com as nuances e a complexidade do hebraico bíblico.

Externamente, esse livro é tido em alta conta pela comunidade judaica no Brasil, onde os Salmos ocupam um lugar central tanto na prática litúrgica quanto no estudo religioso diário. No contexto judaico, o livro dos Salmos é amplamente utilizado em orações, cânticos e como fonte de consolo espiritual em diversas ocasiões, desde momentos de adversidade até celebrações e festividades. Os sábios reconhecem o Rei David como o autor principal dos Salmos, uma figura essencial para a história e espiritualidade do povo judeu:

“Do Rei David, o ilustre descendente da tribo de Judá e, portanto, predestinado a reinar, muito se sabe e se admira. Ungido por ordem Divina pelo profeta Samuel e grande sábio da Torá, presidia o Sinédrio e teve seus Salmos posteriormente entoados no Templo pelos levitas, prova de que foram feitos por um homem guiado pela Luz Infinita.” (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020)

Assim, o *Tehilim Keter David* não é apenas um livro de orações, mas uma obra profundamente arraigada na identidade cultural e religiosa do povo judeu. Além disso, o uso desse texto específico permite um contato mais direto com a tradição judaica, uma vez que sua tradução procura respeitar e reproduzir os significados e contextos originais dos Salmos, levando em consideração a história e a espiritualidade judaica envolvidas em cada palavra. Isso é particularmente relevante quando observamos a intenção dos tradutores de não apenas transportar o conteúdo dos Salmos para o português, mas também de transmitir ao leitor os ecos culturais e espirituais que acompanham cada versículo. Sobre isso, é importante destacar que, além do significado literal, o *Tehilim Keter David* preocupa-se em manter uma certa cadência e musicalidade no texto traduzido, aspectos centrais na experiência de leitura e recitação dos Salmos:

“Sobre os Salmos, às vezes mencionam algum instrumento musical, por exemplo o *guitit*. Isto significa que o Salmo em questão requeria este acompanhamento específico no Templo. Outros Salmos eram cantados com diversos instrumentos.” (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020)

Essa musicalidade é um aspecto fundamental da experiência litúrgica judaica, pois os Salmos não foram originalmente escritos como simples textos de leitura, mas como cânticos entoados durante momentos sagrados no Templo. Cada Salmo carrega uma atmosfera específica, evocada pela escolha de instrumentos, tempos e ritmos de recitação. Preservar essa musicalidade na passagem do texto

para o português não é uma tarefa fácil, mas a tradução de Wasserman e Szwertszarf procura equilibrar o significado e a sonoridade, respeitando a natureza poética e melódica do texto original. Ao fazer isso, os tradutores garantem que a versão em português não perca a profundidade emocional e espiritual dos Salmos, permitindo que o leitor moderno ainda possa sentir os ecos de sua tradição ancestral.

Internamente, a obra se destaca por preservar uma relação direta entre o texto dos Salmos e o contexto mais amplo da Torá, um aspecto que é muitas vezes negligenciado em outras traduções. O Tehilim Keter David organiza o livro dos Salmos em cinco partes, em analogia ao Pentateuco:

“O Livro dos Salmos é dividido em cinco partes, assim como o Pentateuco. Da mesma maneira, muita semelhança há entre Moisés e David. Enquanto o primeiro é o maior dos profetas, o último é o maior dos reis.” (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020).

Essa divisão tradicional reflete a profunda interconexão entre a Torá e os Salmos, evidenciando a continuidade temática e espiritual entre essas duas partes centrais da Bíblia Hebraica. Moisés, o líder espiritual que recebeu a Torá no Monte Sinai, e David, o salmista e rei, são figuras complementares que encarnam a sabedoria profética e a fé inabalável, respectivamente. Ainda no que diz respeito à autoria, o Tehilim reconhece que David não foi o único autor dos Salmos, mas, segundo a tradição judaica, outros dez coautores contribuíram para a obra:

“De acordo com a tradição, o Tehilim teve a participação de outros dez coautores: Adão, Malkitsedec, Abraão, Moisés, Heiman, Yedutun, Assaf e os três filhos de Corach. Mesmo assim, em geral, o livro é atribuído a David e foi ele quem recebeu o título de 'Neim Zemirot Yisrael', o 'Agradável cantor de Israel'.” (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020)

Apesar dessa diversidade de autores, é inegável que David ocupa um lugar de destaque e reverência, sendo sua figura indissociável da criação e da perpetuação dos Salmos como cânticos litúrgicos. O impacto espiritual e emocional dos Salmos, particularmente aqueles atribuídos a David, continua a ressoar com força entre os judeus até hoje: “Ninguém nega: David é o salmista por excelência do povo judeu. Sua fé, integridade, retidão, contrição e esperança inquebrantável na salvação Divina inspiram a todas as gerações exiladas.” (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020). Esse impacto duradouro é uma das razões pelas quais o Tehilim é tão frequentemente utilizado nas orações diárias e em momentos de reflexão. A obra tornou-se, ao longo dos séculos, um elo entre Deus e o povo judeu,

permitindo que as palavras de David e dos outros autores ecoem nos corações e nas mentes daqueles que o recitam em sinagogas, casas de estudo e lares ao redor do mundo.

Para facilitar a leitura e compreensão do texto transliterado, elaboramos, com base no Alfabeto Fonético Internacional, conforme apresentado por Santos e Souza (2003), um quadro que apresenta cada letra do alfabeto hebraico, a correspondência adotada neste trabalho em caracteres latinos e sua representação sonora em português. A necessidade aqui é a de apresentar ao leitor os sons presentes nos fonemas existentes na língua hebraica, mesmo sem conhecimento prévio do idioma. Segundo os autores, “uma vez que a fonética lida com a substância da expressão, deve-se tentar registrá-la o mais fielmente possível” (SANTOS; SOUZA, 2003, p. 25). Desse modo, ao associar cada letra hebraica ao som correspondente, buscamos preservar a pronúncia e o sentido originais, tornando a análise mais acessível e enriquecedora para aqueles que desejam acompanhar as nuances do texto em sua estrutura e profundidade semântica. Veja-se o quadro a seguir:

Letra Hebraica	Letra (Latina) adotada	Representação Sonora em Português
א	'	[ʔ] - Som oclusivo glotal; sem som próprio; pausa suave, como no início de “água”.
ב	b/v	[b] / [v] - Som oclusivo bilabial (b) como em “bola” ou fricativa labiodental (v) como em “vida”.
ג	g	[g] - Som oclusivo velar como em “gato”.
ד	d	[d] - Som oclusivo alveolar como em “dado”.
ה	h	[h] - Som fricativo glotal como em “rápido”.
ו	v/o/u	[v] / [o] / [u] - Som fricativo labiodental (v) como em “vaca” ou semivogais como em “ouro”.
ז	z	[z] - Som fricativo alveolar como em “zero”.
ח	ch	[χ] - Som fricativo uvular, gutural, similar ao “j” em espanhol (como em “Juan”).
ט	t	[tʰ] - Som oclusivo enfático alveolar; próximo ao “t” em português, mas com leve intensidade.
י	y/i	[j] / [i] - Semivogal palatal como em “yoga” ou vogal como “vida”.
ך / כ	k/kh	[k] / [χ] - Som oclusivo velar (k) como em “casa” ou fricativo velar, gutural, similar ao “j” em espanhol.
ל	l	[l] - Som lateral alveolar como em “lua”.
מ / מ	m	[m] - Som nasal bilabial como em “mão”.
נ / נ	n	[n] - Som nasal alveolar como em “nada”.

o	s	[s] - Som fricativo alveolar como em “sol”.
ע	‘	[ʕ] - Fricativa faríngea; som gutural suave, difícil de reproduzir Para os falantes da língua portuguesa.
ק / פ	p/f	[p] / [f] - Som oclusivo bilabial (p) como em “pato” ou fricativo labiodental (f) como em “fogo”.
ץ / צ	ts	[tsʰ] - Africada enfática alveolar como “ts” em “tsunami”
ק	k	[q] - Oclusiva uvular, som “k”, como em “kilo”.
ר	r	[ʁ] / [r] - Som fricativo uvular (ʁ), similar ao “r” francês, comum em Israel; também pode ser um som vibrante simples alveolar [r], como em “ratón” em espanhol, adotada, em geral, pelos judeus de origem latina. Ambas as opções sonoras são utilizadas em diversas partes do mundo, por falantes da língua hebraica.
ש	sh/s	[ʃ] / [s] - Fricativa pos talveolar (ʃ) como “ch” em “chuva” ou alveolar (s).
ת	t	[t] - Som oclusivo alveolar como em “teto”.

Quadro 1: Tabela das letras hebraicas e seus sons correspondentes. Fonte: autoria própria.

Reconhecemos que a escolha do *Tehilim Keter David* como uma das bases textuais deste trabalho não é apenas uma decisão prática, mas sim uma atitude profundamente alinhada com os objetivos de explorar as estruturas linguísticas, poéticas e semânticas dos Salmos a partir de um ponto de vista que respeite sua origem judaica. Além disso, essa tradução específica oferece uma ponte entre o hebraico original e o português, sem perder de vista as nuances culturais e espirituais que tornam os Salmos uma obra central não apenas para a tradição judaica, mas para toda a humanidade.

À medida que examinamos os Salmos, notamos que esses textos bíblicos têm um contexto histórico e cultural específico, moldado ao longo dos séculos por diversas traduções e interpretações. Como observado por Konings (1992), “a Bíblia constitui uma unidade, na diversidade de escritos autônomos. Cada livro bíblico tem sua própria história e deve ser lido sobre o fundo de seu próprio contexto histórico, gênero literário, intenção do autor, etc.” (KONINGS, 1992, p. 20). Tal observação reforça a importância de considerarmos a particularidade de cada Salmo em sua construção textual, ao mesmo tempo em que os enxergamos como parte de uma unidade maior que a tradição bíblica apresenta.

A diversidade de contextos e gêneros também se reflete na maneira como os Salmos foram preservados e transmitidos. Como indica Galvão (2020), seguindo a argumentação de Geisler e Nix (2006), “não existem manuscritos que teriam sido produzidos antes do cativeiro babilônico (586 a.C.), mas houve uma verdadeira ampliação de cópias das Escrituras que datam da era do Talmude (c. 300 a.C.-500 d.C.)” (GALVÃO, 2020, p. 38). Esse período de cópia e transmissão textual, que incluiu a produção de rolos para as sinagogas e cópias particulares, foi fundamental para a preservação dos textos sagrados, incluindo os Salmos.

Ademais, é relevante reconhecer que o ato de tradução da Bíblia, em suas várias versões, busca adaptar esses textos a diferentes públicos e contextos sem perder sua essência sagrada. Como Fontaine (2012) enfatiza, “a Palavra atemporal de Deus consiste das passagens que se aplicam a todos, em todo lugar e que jamais mudarão”. Assim, embora as traduções possam variar, o núcleo de devoção e espiritualidade contido nos Salmos permanece constante.

Ao longo da história, as traduções bíblicas desempenharam um papel crucial na preservação e disseminação dos textos sagrados em diversas línguas e culturas. No caso da língua portuguesa, um marco importante foi a tradução feita por João Ferreira de Almeida (1628-1691), considerado o principal responsável pela primeira tradução completa da Bíblia para o português, a qual permanece em uso por mais de 325 anos. A respeito desse estudioso do texto bíblico, Galvão assinala: “João Ferreira de Almeida, nascido em Torres de Tavares, Portugal, mudou-se para a Holanda aos 14 anos e, aos 17, já havia concluído a tradução do Novo Testamento, iniciando também o estudo das línguas hebraica e grega” (GALVÃO, 2020, p. 50). Sua habilidade com idiomas e sua dedicação ao aperfeiçoamento das traduções foram fundamentais para a propagação da Bíblia em língua portuguesa, enfrentando desafios e resistências na publicação de suas obras. Essa versão priorizou também os idiomas em que esses textos foram originalmente escritos, isso pôde resultar, muitas vezes na tradução, em escolhas linguísticas que se afastaram das formas canônicas do português da época.

Além da versão de Almeida, outra tradução importante para o público lusófono é a Bíblia de Jerusalém, uma versão reconhecida por sua qualidade acadêmica e exegética. Segundo Konings (2016), “a Bíblia de Jerusalém é uma

tradução em português da edição francesa da École Biblique de Jerusalém, uma instituição acadêmica especializada em arqueologia e exegese bíblica” (GALVÃO, 2020, p. 52). Essas traduções continuam a desempenhar um papel relevante no estudo e interpretação dos textos sagrados, permitindo o acesso ao conteúdo bíblico em um formato que respeita tanto o rigor acadêmico quanto a tradição religiosa.

Diante desse cenário, é importante reiterar que a escolha da versão interlinear dos Salmos, em hebraico com transliteração e tradução, reforça o compromisso do trabalho em preservar não apenas o conteúdo textual, mas também o rico contexto cultural e religioso que envolve esses textos sagrados. A versão + (2017 e 2020), amplamente reconhecida na tradição judaica, destaca-se justamente por sua atenção à proximidade ao texto original e à transposição para a língua portuguesa de forma acessível e respeitosa, sem perder de vista as nuances litúrgicas e espirituais. Essa escolha permite que, mesmo em uma leitura acadêmica, o leitor seja conduzido por uma experiência de imersão cultural e religiosa, mantendo viva a essência do texto hebraico.

Ao optarmos por essa versão específica, buscamos proporcionar uma leitura pela qual não apenas se compreenda o conteúdo e o contexto semântico dos lexemas, mas que também respeite o peso simbólico e litúrgico presente nos Salmos, mantendo-os conectados à sua origem na tradição judaica. Além disso, a transliteração oferece ao leitor que não domina o hebraico a possibilidade de acompanhar as recitações originais, ampliando a compreensão dos sentidos que emergem tanto das palavras quanto das sonoridades preservadas na tradição oral. Trata-se, portanto, de uma escolha que privilegia uma abordagem integral, em que a riqueza do texto hebraico e suas implicações religiosas e culturais são valorizadas em cada análise realizada ao longo deste estudo.

No capítulo a seguir, abordaremos alguns aspectos centrais da semiótica discursiva, com foco em sua metodologia de análise, e discutiremos como seus princípios podem ser aplicados na abordagem dos salmos.

CAPÍTULO 2

A ABORDAGEM SEMIÓTICA

2.1 Estruturas semânticas e sentido nos textos bíblicos

Em se tratando da teoria empregada para análise, a semiótica discursiva é uma ciência que “postula a unicidade do fenômeno da significação, quaisquer que sejam as linguagens que o exprimem e o manifestem” (BERTRAND, 2003, p. 13). Como um grande instrumento de compreensão da significação, a semiótica se torna uma ciência indispensável no campo dos estudos a respeito do sentido dos textos. Assim, a pesquisa recorre à semiótica discursiva, iniciada pelo grande estudioso estruturalista, que é considerado fundador da escola semiótica de Paris, A. J. Greimas.

Inicialmente, vale enfatizar uma breve consideração que a pesquisadora Karin Adriane Henschel Pobbe Ramos (2007) realiza acerca dos estudos semióticos bíblicos e de sua importância:

Nesse sentido, a semiótica tem sido um instrumental analítico muito utilizado na compreensão dos textos bíblicos. Desde o seu surgimento, no último quarto do século passado, com os estudos de Greimas, na França, grupos de estudiosos da Bíblia têm se valido desse modelo para suas pesquisas. O primeiro deles foi o GROUPE D'ENTREVERNES, de Lyon, na década de 1970, que publicou dois volumes com análises de narrativas bíblicas à luz da semiótica.. Também há o Centre d'Analyse du Discourse Religieux (CADIR), da Faculté de Théologie de Lyon, cujo periódico trimestral *Semiotique et Bible* circula desde 1975, com estudos de textos bíblicos, elementos de iniciação à leitura semiótica e reflexões teológicas e teóricas. (RAMOS, 2007, p 4)

A semiótica discursiva, diferente de outras vertentes de análise, parte do texto para também compreender o contexto, considerando o discurso religioso e, nesse caso, poético, sob uma ótica intrínseca. Como declara Greimas (1970), é por meio do “*véu do parecer*”, que a mensagem ganha destaque fundamental, cujo conhecimento mais amplo contribui para uma maior compreensão dos textos

bíblicos de maneira científica. Compreender o que o texto diz levando em consideração o modo e as estratégias que ele emprega para dizer é um ponto essencial, pois rompe com modelos tradicionais, os quais colocam em jogo os paralelos de certo e errado, verdade absoluta e não verdade. De maneira geral, pode-se afirmar que a semiótica:

[...] procura descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz, examinando, em primeiro lugar, o seu plano de conteúdo, concebido sob a forma de um percurso global que simula a “geração” do sentido. Ao priorizar o estudo dos mecanismos intradiscursivos de constituição do sentido, a semiótica não ignora que o texto é também um objeto histórico determinado na sua relação com o contexto (tomado em sentido amplo). Apenas optou por olhar, de forma privilegiada, numa outra direção. (MATTE; LARA, 2009, p. 340).

Vemos que a semiótica busca descrever e explicar não somente o conteúdo dos textos, mas também os mecanismos pelos quais eles transmitem seu sentido. Sendo assim, ela se concentra em desvendar o plano de conteúdo e da expressão, podendo ser compreendida como uma ciência que reconstrói o percurso do sentido. Isso implica analisar como o sentido é produzido e estruturado dentro do texto, considerando sua organização interna e os processos discursivos que o constituem.

Quando atentamos para os mecanismos intradiscursivos de constituição do sentido, compreendemos os elementos internos que contribuem para a construção do significado. Tal procedimento resulta, por exemplo, na análise de figuras, temas, isotopias e categorias semânticas, bem como a maneira como esses elementos interagem para formar um todo coeso e significativo. Um pouco mais à frente, veremos cada um desses elementos de análise e as suas funções no texto, de modo a reconhecermos cada um nos momentos de análise dos salmos.

No entanto, podemos reconhecer que a semiótica não ignora o fato de que os textos são também objetos históricos, inseridos em contextos sócio-históricos específicos que influenciam e moldam seu sentido. Embora a análise semiótica priorize o estudo dos mecanismos internos do texto, ela reconhece que a compreensão completa de um texto também deve levar em conta seu contexto histórico, cultural e social. Esse reconhecimento amplia a análise, permitindo uma visão mais abrangente do texto e de seu significado.

Apresentando-se como uma ciência que se define por uma abordagem centrada nos aspectos internos do texto, a semiótica oferece uma perspectiva

detalhada sobre como o sentido é gerado e estruturado discursivamente. Esse enfoque permite uma compreensão profunda dos processos semióticos, ao mesmo tempo em que se mantém aberta a possibilidade de integrar considerações contextuais para uma análise mais completa e rica.

Voltando-se para o *corpus* do nosso trabalho, a análise dos salmos se fundamentará em obras semióticas diversas, como *Caminhos da semiótica literária*, de Denis Bertrand (2003), *Sobre o sentido: ensaios semióticos*, de Algirdas Julien Greimas (1975), e *Teoria Semiótica do Texto*, de Diana Luz Pessoa de Barros (2005). Partindo da metodologia semiótica, buscar-se-á evidenciar, no texto de caráter poético, os seus efeitos de sentido de modo a compreender as camadas figurativas presentes, bem como as principais implicações para a configuração da confiança desdobrada dos salmos. Como declara Bertrand, “é do sentido que o signo suscita, que ele articula e que o atravessa” (BERTRAND, 2003, p. 15).

Vale ressaltar que a finalidade da análise semiótica não é moldar o texto bíblico a um modelo, mas observar os processos de significação a serviço do texto e os efeitos de sentidos que eles constroem. Ramos destaca como os mecanismos e modelos de análise da semiótica discursiva podem contribuir para os estudos da religião de maneira representativa e científica:

Faz-se necessária a criação de mecanismos e modelos de análise que permitam entender a religião de um ponto de vista intrínseco, a fim de buscar uma explicação interna, um sentido dentro do fenômeno. Para Trías, isso só é possível a partir da análise dos “jogos linguísticos” promovidos pela religião, ou seja, a partir do estudo do discurso religioso manifesto nos escritos sagrados e sua simbologia. Nessa perspectiva, a palavra se sobrepõe à razão, por meio das formas múltiplas e complexas, com uma lógica imanente e uma verdade própria. (RAMOS, 2007, p 2)

Considerando, inclusive, esse pensamento, Nogueira (2016) destaca a importância dos estudos da religião dentro do campo da ciência, afirmando que as práticas religiosas se entrelaçam com a linguagem, e que “muitas de nossas experiências religiosas são induzidas pela linguagem por meio de hinos, orações, mantras, e na leitura de textos, etc” (NOGUEIRA, 2016, p. 244). Devemos também nos ater com relação à importância do texto bíblico para a sociedade, visto que ele foi o pioneiro a ser impresso em 1456, em uma máquina impressora, e hoje se apresenta como o livro mais vendido do mundo¹¹. Ele também se encontra como o

¹¹Ver em (<https://www.guinnessworldrecords.com/world-records/best-selling-book-of-non-fiction>)

livro que possui o maior número de traduções¹² ao redor do mundo, possuindo atualmente mais de 720 línguas com versão de seu texto completo.

Em se tratando do *corpus* da pesquisa, por ser um texto cujo original se encontra em hebraico clássico¹³, utilizar-se-ão algumas ferramentas exegéticas clássicas, como a análise dos lexemas hebraicos, principalmente as noções compostas pelos lexemas *Emuná* e *Bitachon* ao longo do texto hebraico, além da versão em língua portuguesa. Eles serão abordados ao longo do trabalho são elementos que enriquecem a análise bíblica porque são signos constituintes do texto, as quais também constroem o caminho da significação, assim como Bertrand (2003) afirma:

O objeto da semiótica é o sentido... Uma restrição, portanto, impõe-se logo de início: a semiótica se interessa pelo “parecer do sentido”, que se apreende por meio das formas de linguagem e, mais concretamente, dos discursos que o manifestam, tornando-o comunicável e partilhável, ainda que parcialmente. (BERTRAND, 2003, p. 11)

A partir desse fragmento, é válido destacar também o ponto de vista de que a semiótica não se constitui como uma ciência acabada, mas sim como uma ciência em constante evolução e que se apresenta de maneira a enriquecer as análises bíblicas. Desse modo, não cabe aqui esgotar todos os efeitos possíveis dentro do objeto de estudo, mas contribuir com novas análises bíblicas dentro dos estudos semióticos.

Compreendemos, por meio da afirmação de Bertrand, que a semiótica tem se concentrado principalmente no estudo do sentido. Desde o início, um recorte se estabelece: o campo da semiótica está particularmente interessado na “aparência do sentido”; esse sentido é compreendido por meio de diversas formas de linguagem e, mais especificamente, dos discursos que expressam e tornam o sentido acessível e compartilhável, mesmo que não na sua totalidade. Destaca-se aqui a concepção retirada do *Dicionário de semiótica* (GREIMAS; COURTÉS, s/d, p. 415):

¹²Ver em <https://www.wycliffe.net/resources/statistics/#:~:text=translation%20in%20progress-,Bible%20translation%20is%20currently%20happening%20in%202%2C846%20languages%20in%20157,Scripture%20in%20their%20first%20language.>

¹³ Pode-se compreender como Hebraico Clássico “toda a literatura bíblica do Velho Testamento, cientes de que um milênio, em que os 24 livros tiveram origem e redação, representa um prazo largo de evolução para uma língua.” (PINKUSS, 2001, p.169) Dessa forma, pode-se classificar o livro de salmos como hebraico clássico.

A teoria semiótica deve apresentar-se inicialmente como ela é, ou seja, como uma teoria da significação. Sua primeira preocupação será, pois, explicitar, sob a forma de uma construção conceitual, as condições da apreensão e da produção de sentido.

Por meio da citação, é possível compreender mais uma vez que a teoria semiótica precisa ser apresentada primeiramente em sua essência, ou seja, como uma teoria da significação. Como apresenta Bertrand (2002) “O mundo natural, do “senso comum”, na medida em que é logo de saída instruído pela percepção, constitui em si mesmo um universo significante, ou seja, uma semiótica.” Assim, tal perspectiva de análise tem em seu foco descrever e esclarecer, de maneira conceitual, os fundamentos e os processos que possibilitam a compreensão e a criação de significados. Tal perspectiva garante uma base sólida para entender como os sentidos são gerados e interpretados, estabelecendo as condições essenciais para a análise semiótica.

Diante desses fatores, reconheçamos não somente os autores que permeiam a pesquisa, mas também a relevância de inúmeros outros para os estudos semióticos. De início, podemos mencionar Louis Hjelmslev, em *Prolegômenos a uma teoria da linguagem* e *Ensaio lingüísticos*, que instituem as bases epistemológicas da futura semântica estrutural em Greimas (1966). No entanto, se apartando do formalismo, como afirma Bertrand (2003), “apreendendo o sentido através de suas discontinuidades e centrando-se na análise das estruturas enunciadas independente do sujeito do discurso”, a semiótica ganha novos conceitos epistemológicos por meio da linguística da enunciação, em sua maior parte abordada por Émile Benveniste (1989). De acordo com Bertrand, é nesse momento que se apresenta a concepção semiótica do discurso “visto como uma interação entre produção (por um sujeito enunciador) e apreensão (ou interpretação, por um outro sujeito enunciador)” que se aproxima “da realidade da linguagem em ato” e busca incorporar o sentido “em sua dimensão contínua”.

Levando em conta esses fatores, devemos nos ater, nesse momento, a quais são os elementos que iremos analisar, suas características principais e suas funções. Diante das proposições já apresentadas, podemos concluir que a semiótica olhará para o texto, de modo a buscar o seu sentido, fator que não pode ser mal interpretado, visto que esse olhar não sugere que o mundo exterior ao texto não exista, mas propõe a reconhecer sua existência partindo do texto, de maneira que

seja possível abordar os aspectos externos ao texto inseridos em seu processo enunciativo. Um fator complementar também compreendido é que os nossos estudos se baseiam no ponto de vista de que a linguagem constrói o mundo por meio do ato languageiro; assim, não trataremos do sentido como algo que pode estar no mundo de fato, mas algo que existe por ele mesmo no percurso languageiro, com o texto pelo texto que perfaz um todo de sentido.

Nessa visada, os semas desempenham um papel crucial na análise. Conforme assinala Bertrand:

O sema, ou figura sêmica, é a unidade mínima de significação. É uma unidade diferencial: constitui um dos termos resultantes de uma categoria, ou seja, de uma estrutura relacional construída por oposições elementares constituintes, do tipo: alto/baixo, vida/morte [...] ou por diferenças graduais do tipo: escuro/claro, frio/morno/quente, etc... e que formam a base da estrutura elementar da significação. (BERTRAND, 2003, p. 169).

Vê-se que os semas estão diretamente associados às categorias fundamentais de sentido no texto, como oposições ou gradações que organizam as relações semânticas. Tais unidades mínimas, ao serem reconhecidas e analisadas, permitem acessar o nível profundo da significação, revelando tanto as estruturas elementares, quanto as complexidades do discurso. Por exemplo, ao trabalhar com os Salmos, identificamos semas que constituem oposições como luz/trevas, vida/morte, confiança/desconfiança, e assim por diante, todos responsáveis por estruturar a significação do texto como um todo. Assim, os semas formam a base sobre a qual se constroem os temas, figuras e isotopias que compõem a análise discursiva mais ampla.

Dito isso, podemos recordar que a semiótica opera, em sua versão clássica, a partir do reconhecimento de três níveis de análise: o fundamental, o narrativo e o discursivo. Partindo do nível fundamental, o nosso trabalho irá abordar as instâncias mínimas presentes no *corpus* de pesquisa por meio de uma análise dos componentes sintáticos e semânticos. Compreendamos o nível fundamental como: “o modo de existência da significação como uma estrutura elementar, isto é, como uma estrutura em que a rede de relações se reduz a uma única relação” (BARROS, 2005, p. 74). Essa estrutura elementar reduzida pode ser chamada também como a instância mínima do texto, apresentada pelo quadrado semiótico o qual, por sua vez, se trata de uma reprodução da estrutura dos semantismos que se encontram

presentes no texto, assim como as suas relações. A esse respeito, pode-se considerar que o

Quadrado semiótico é o modo lógico de representação da estrutura elementar, que a torna operatória. No quadrado representa-se a relação de contrariedade ou de oposição entre os termos e, a partir dela, as relações de contradição e de complementariedade (GREIMAS; COURTÉS, s/d, p. 433).

As instâncias mínimas se encontram presentes em todos os textos, decorrentes das mais diversas formas de enunciação; elas se apresentam como oposições de base, ou seja, fundamentais. Como exemplo disso, temos as oposições mínimas de morte *versus* vida ou natureza *versus* cultura¹⁴, entre outras, que se apresentam na esfera de sentido em caráter de atração ou de repulsão. Tal fato nos leva à contraposição dos termos, eufórico *versus* disfórico, tendo o eufórico como um elemento positivo e o disfórico como um elemento negativo. Essa relação de valor disfórico ou eufórico será determinada por meio do texto, sendo a vida, por exemplo, eufórica em algumas situações, mas também poderá ser disfórica, assim como a morte poderá ser eufórica ou disfórica a depender do contexto.

Ainda a respeito da articulação presente no nível fundamental, Bertrand (2003, p. 174) afirma que “o quadrado se apresenta, de maneira formal, como uma rede relacional abstrata. Suas grandes relações constitutivas são cinco: contradição, contrariedade, sub-contrariedade, complementariedade, hierarquia”. Essa perspectiva relacional enriquece o sentido quando a compreendemos não apenas em uma mirada binária, mas expandida para uma articulação de quatro elementos, na qual, além dos opostos diretos, consideramos também os negativos: não-morte, não-vida, etc. Assim, o quadrado semiótico envolve os termos s1 e s2, que “formam o eixo semântico da categoria. Cada um destes, bem como suas respectivas negações, designa semas, que só são constituídos como tais pela intersecção das relações que os solidarizam” (BERTRAND, 2003, p. 174).

Greimas e Courtés explicam com maior profundidade o emprego do quadrado semiótico para a categoria semântica, ao mencionar que ele

define-se por seu caráter abstrato... As unidades que o instituem são estruturas elementares da significação e podem ser formuladas como categorias semânticas, suscetíveis de serem articuladas no quadrado

¹⁴ Novas linhas de pesquisa se preocupam em buscar novos pontos de vista acerca dessa oposição mínima, visto que ela pode se apresentar, segundo alguns semiotistas, como uma problemática de sentido, tema que não será possível abordar nos limites deste trabalho.

semiótico (o que lhes confere um estatuto lógico-semântico e as torna operatória. (GREIMAS; COURTÉS, s/d, p. 398)

Essa estrutura quaternária permite uma análise mais complexa e rica dos sentidos subjacentes, revelando nuances e interações no texto. Isso leva a conceber o quadrado semiótico, em que os elementos que se apresentam em relação podem ser considerados de modo “horizontal” ou de modo “vertical”. Se realizarmos um recorte vertical, veremos os dois lados da dêixis, que se estruturam como os opostos; dentro de cada dêixis, será possível contemplar os elementos que possuem em si a relação de complementaridade, em que um elemento poderá implicar no outro. Isso se torna antagônico quando olhamos do outro lado, em que o elemento inicial, por exemplo, do lado esquerdo da dêixis será contrário do elemento direito. Já esse elemento contrário do lado direito será, conseqüentemente, complementar ao elemento que se encontra abaixo dele, negativo no quadrado, do mesmo lado da sua deixis. Isso é possível perceber por meio da imagem a seguir:

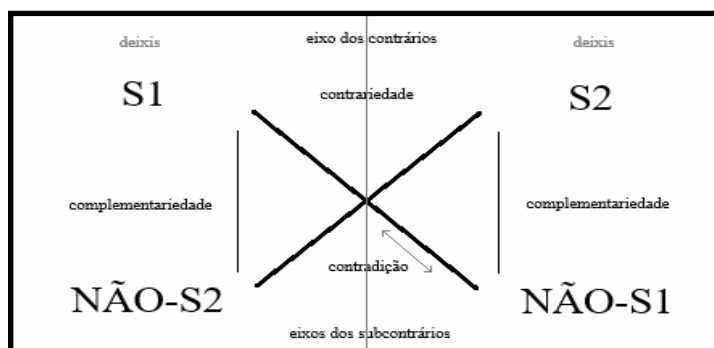


Figura 3: O quadrado semiótico

Constata-se, assim, que o quadrado semiótico pode ser uma importante ferramenta para se compreender o sentido mínimo, ou seja, o nível mais profundo do texto e suas relações de sentido, encontrando-se como um denominador comum dentro de cada texto. Por muitas vezes, também podemos destacar, ao longo do texto, mais de um grupo de categoria mínima, o que gera, portanto, diferentes quadrados semióticos. No entanto, em tal nível de abstração, perde-se a

especificidade do texto, sendo recuperada por meio dos níveis narrativo e discursivo.

O quadrado semiótico, como exposto por Bertrand, revela-se como uma estrutura fundamental para a compreensão proposta pelo percurso gerativo de sentido; não apenas organiza as oposições e contradições que se apresentam em um texto, mas também “amarra, por uma rede de interdefinições, os valores semânticos (e os termos que os designam). Em consequência, estes não poderiam ser consolidados de maneira isolada” (BERTRAND, 2003, p. 174). Dessa maneira, o quadrado não se limita a ser um modelo estático ou posicional, mas também ganha uma dimensão dinâmica, permitindo que seja utilizado para se compreender a passagem de um termo a outro ao longo do texto.

A estrutura relacional do quadrado semiótico possibilita uma análise mais profunda dos textos, indo além da superfície narrativa e identificando os valores semânticos na camada mais abstrata. Como nota Bertrand, “o quadrado pode ser apreendido e utilizado, por um lado, como um modelo posicional e taxionômico, formando um paradigma que indica as posições relativas dos termos uns em relação aos outros” (BERTRAND, 2003, p. 174). Com isso, cada termo do quadrado só adquire sentido pleno em relação aos outros, formando um paradigma que indica suas posições relativas. Isso demonstra que o quadrado pode ser tanto uma ferramenta posicional, como um mecanismo narrativo que se desdobra ao longo da trama.

Além disso, o quadrado semiótico ocupa importante papel na arquitetura narrativa, constituindo “no nível profundo, a forma primeira das estruturas que, num nível mais superficial, se desdobraram em arquitetura narrativa” (BERTRAND, 2003, p. 174). Assim, ele se torna uma ferramenta essencial para a semiótica ao permitir a compreensão tanto do desenvolvimento dos significados quanto de suas articulações no texto. Ao alcançar o nível discursivo, verifica-se que a estrutura já entrevista pelo quadrado se manifesta por meio das figuras, temas e isotopias, que concretizam as relações semânticas abstratas em elementos narrativos e figurativos visíveis no texto, razão pela qual se pode dizer que o quadrado semiótico atua como uma moldura profunda que dá forma e coerência às representações superficiais no discurso.

Podemos abordar, na sequência, o nível narrativo, que se apresenta por meio de elementos como o sujeito, entendido como uma função, a desempenhar ao longo da narrativa. Assim, nesse nível, a narrativa se organiza a partir do ponto de vista de um sujeito. Comparando o nível narrativo ao nível fundamental, percebe-se que “os elementos das oposições semânticas fundamentais são assumidos como valores por um sujeito e circulam entre sujeito graças à ação também de sujeitos” (BARROS, 2005, p 15). Contemplando esse nível, identificamos que não corresponde mais a uma busca por “afirmar ou negar conteúdos”, mas se trata de “transformar, pela ação do sujeito, estados de liberdade ou de opressão” (BARROS, 2005, p 15). No entanto, vale destacar que, embora o nível narrativo forneça importantes informações acerca da dinâmica dos sujeitos e suas ações, o foco da análise realizada neste trabalho está centrado na articulação entre o nível fundamental e o nível discursivo. O objetivo aqui é explorar como as oposições básicas, principalmente as relativas à confiança, se manifestam discursivamente por meio de figuras, temas e isotopias, mais do que acompanhar as transformações narrativas.

Quando olhamos para o nível discursivo, nos deparamos com o nível mais superficial do sentido, concretizado por meio dos elementos figurativos, temáticos e das Isotopias visíveis no texto. Ao utilizar o termo “superficial”, não estamos, de modo algum, empregando juízo de valor, como se tal nível de análise fosse “menos importante”, “supérfluo” que os demais já citados. O conceito de “superficial” empregado expressa “o patamar (...) mais próximo da manifestação textual” (BARROS, 2005, p. 53). Ou seja, olhar para o nível discursivo é olhar para os elementos que se encontram mais palpáveis ao enunciatário; são os elementos que se encontram mais aparentes no discurso, elementos dos quais a compreensão do sentido é primeiramente assimilada. Sendo assim:

É claro que as expressões “nível superficial” e “nível profundo” não comportam, nesse caso, nenhum juízo de valor, contrariamente às mesmas expressões, quando são utilizadas na análise literária em que a “significação profunda”, herdeira de uma longa tradição hermenêutica, supostamente revelaria um sentido guardado no segredo do texto, e por isso implicitamente julgado mais essencial. (BERTRAND, 2003, p. 46-47)

Entre os elementos que compõem o nível discursivo, as figuras desempenham um papel central. Para a semiótica, como explica Bertrand, “a

figuratividade se define como todo conteúdo de um sistema de representação visual, auditivo ou misto, que entra em correlação com uma figura significativa do mundo percebido, quando ocorre sua assunção pelo discurso” (BERTRAND, 2003, p. 169). Assim, a figura é o elemento que, no interior do texto, evoca algo do mundo percebido, de forma concreta, e, por isso, cumpre um papel fundamental na construção de sentido.

As figuras podem variar de mais para menos concretas ao longo do texto; isso ocorre conforme a semiótica figurativa trabalha as formas de adequação entre o mundo natural e as manifestações discursivas das linguagens, atitude culturalmente moldada pelo uso e uma parte central da semiótica figurativa. Como observa Bertrand, “as formas de adequação, lábeis e culturalmente moldadas pelo uso, entre essas duas semióticas — a do mundo natural e a das manifestações discursivas das linguagens naturais — constituem o objeto da semiótica figurativa” (BERTRAND, 2003, p. 169). Dessa forma, as figuras presentes em um texto possuem múltiplas camadas de significação que refletem tanto o mundo concreto, percebido pela linguagem, quanto o discurso no qual estão inseridas.

Por seu turno, os temas remetem a conceitos mais abstratos e gerais, como amor, poder, conflito, entre outros. Diferentemente das figuras, os temas são estruturados de modo a representar valores mais abrangentes e genéricos que percorrem o discurso. Segundo Barros (2005, p. 62), “tematizar um discurso é formular os valores de modo abstrato e organizá-los em percursos. Em outras palavras, os percursos são constituídos pela recorrência de traços semânticos ou semas, concebidos abstratamente”. Isso nos mostra que os temas são representações abstratas dos valores que circulam no discurso.

A interação entre figuras e temas no nível discursivo se manifesta por meio de recorrências que constroem isotopias. Quando um determinado tema ou figura aparece repetidamente, ele forma uma linha de continuidade semântica que, por meio da recorrência de traços figurativos e temáticos, cria um todo de sentido coeso dentro do texto. Essas categorias que se repetem formam o que chamamos de isotopia, e sua análise é central para entender como o discurso se organiza e constrói seu significado de maneira coerente e rica. Segundo Barros,

[...] é necessário examinar, na busca dos sentidos do texto, as relações vigentes entre as várias isotopias. Essas relações estabelecem-se entre as

isotopias figurativas de um mesmo texto, cada uma delas pressupondo uma linha de leitura temática. Dessa forma, por meio das relações verticais entre isotopias figurativas, ligam-se também os diferentes percursos temáticos do discurso. (BARROS, 2005, p.71)

Compreendemos, portanto, que a isotopia se apresenta como redes de semas (unidades de significado) que percorrem o texto, criando coerência e continuidade temática. As isotopias, assim compreendidas, “são na maioria das vezes complexas e entretecidas, na realidade dos textos” e a atividade de leitura, assim, consistirá, portanto, em identificar e “hierarquizá-las, e reconhecer, isolando-a, uma isotopia regente mais profunda” (BERTRAND, 2003, p. 188), que dominará e controlará as isotopias de nível superior.

O reconhecimento de isotopias envolve identificar essas redes e entender como elas contribuem para a construção do sentido. A análise textual, por sua vez, “consiste precisamente em selecionar e justificar uma ou várias isotopias que comandam a significação global”. Desse modo, compreende-se que a escolha de uma isotopia “é estratégica, pois é responsável pela interpretação que o analista procurará infundir no texto” (BERTRAND, 2003, p. 189), sendo ela que fundamentará a coerência do discurso analisado.

Além da organização isotópica, a análise dos Salmos requer também o exame de certa dimensão passional presente nos textos. É nesse ponto que a semiótica das paixões se torna relevante, dado ser uma abordagem que lida com as emoções e os sentimentos que permeiam o discurso e, muitas vezes, são relegadas a um segundo plano em estudos que privilegiam as dimensões pragmática e cognitiva. Bertrand destaca essa lacuna ao afirmar que esse estudo das dimensões cognitiva e pragmática do discurso deixava na sombra “como um vazio a preencher, a dimensão dos sentimentos, das emoções e das paixões, que ocupam, no entanto, um lugar essencial dos discursos, sejam eles literários ou não” (BERTRAND, 2003, p. 357). Dada a centralidade da confiança nos Salmos, explorar a paixão da confiança dentro dessa estrutura teórica torna-se um eixo fundamental para o trabalho, observação que justifica a necessidade de uma análise com base na confiança, paixão central dos Salmos escolhidos.

A paixão da confiança nos Salmos é, portanto, tratada como uma construção semântica codificada na linguagem. Bertrand explica que “trata-se, na verdade, aqui

de construir uma semântica da dimensão passional nos discursos. Isto é, considerar a paixão não naquilo em que ela afeta o ser efetivo dos sujeitos, 'reais', mas enquanto efetivo de sentido inscrito e codificado na linguagem” (BERTRAND, 2003, p. 357-358). A confiança expressa pelo salmista não deve ser entendida apenas como um sentimento individual ou biográfico, mas como um efeito de sentido, uma paixão inscrita no texto e culturalmente moldada para comunicar um valor central na tradição religiosa judaica. Assim, ao analisar a confiança na linguagem dos Salmos, observa-se como essa paixão foi valorizada e transformada em um componente essencial da experiência religiosa e da relação entre o homem e o divino.

Embora os estudos iniciais a respeito das paixões em semiótica tenham se desdobrado da abordagem do nível narrativo, no percurso gerativo de sentido, voltamos o olhar, com base nas proposições já apresentadas, sobretudo para o nível discursivo, com vistas a explorar como a confiança se manifesta por meio das figuras e temas no texto. Se, como aponta Bertrand (2003, p. 358-359), “a história da semiótica textual é, como vimos, amplamente ligada à narratividade, cujos modelos parecem moldar a estrutura constante do discurso”, não se deve, entretanto, tomar esse modelo como exclusivo; assim, nossa análise busca destacar a confiança como paixão a partir dos dados do nível discursivo, utilizando figuras como “a luz”, “a rocha”, “o pastor”, e “o santuário” para construir um quadro em torno da tensão entre perigo e confiança. Esse caminho metodológico oferece um enfoque complementar e conduz o olhar semiótico sobre as paixões a um campo menos explorado, focalizando a confiança como um centro na análise semiótica dos textos bíblicos.

Em relação aos aspectos tensivos considerados na análise, são necessários alguns apontamentos teóricos. A compreensão da tensividade envolve a interrelação entre dois domínios essenciais: o da intensidade, que se refere aos estados de alma e ao sensível, e o da extensidade, que diz respeito aos estados de coisas e ao inteligível. Claude Zilberberg afirma que “a tensividade é o lugar imaginário em que a intensidade – ou seja, os estados de alma, o sensível – e a extensidade – isto é, os estados de coisas, o inteligível – unem-se uma a outra.” (ZILBERBERG, 2006, p. 169); tal conexão cria um espaço tensivo que serve como receptáculo para as grandezas discursivas. Segundo o mesmo autor, “essa junção indefectível define um espaço tensivo de recepção para as grandezas que têm

acesso ao campo de presença” e toda grandeza discursiva que adentra esse espaço é automaticamente qualificada por esses dois eixos, ou seja, “pelo próprio fato de sua imersão nesse espaço, toda grandeza discursiva vê-se qualificada em termos de intensidade e extensidade” (ZILBERBERG, 2006, p. 169).

No que se refere a nosso fazer interpretativo, selecionamos alguns conceitos que irão nortear a abordagem da confiança nos Salmos. Em primeiro lugar, consideremos que iremos analisar a paixão nos salmos de um modo tensivo, ou seja, explorando a dinâmica entre os estados afetivos, suas intensidades, e as oscilações que marcam o percurso do salmista ao longo do texto. Para isso, devemos ter em mente que a análise tensiva examina como a confiança é construída, ameaçada, ou reafirmada em resposta às circunstâncias descritas nos salmos. O segundo ponto é que há diversos fatores no texto que determinam a intensidade dessa paixão (a confiança, no caso) e, a esse respeito, podemos citar quatro fatores que se encontram presentes ao longo da narrativa, os quais nortearão nossa análise.

O primeiro deles é a presença de ameaça (de inimigos), o que ocorre em momentos em que o salmista se encontra rodeado de inimigos, reconhecendo a presença desses malfeitores, a tensão inclina-se a aumentar (configurando-se em uma alta tensão), devido ao fato de, nesses trechos, surgirem semas que comportam, em seu sentido, uma carga de desafio direto à segurança e ao bem-estar do salmista, o que pode vir a testar a sua confiança plena. Em contrapartida, podemos reconhecer uma baixa tensão presente em momentos em que o salmista expresse segurança, proximidade com Deus, ou reflita ao longo do texto sobre momentos de paz e proteção divina. Tal carga de sentido pode revelar uma baixa tensão, indicando que não haja uma ameaça iminente que ameace a confiança manifestada.

O segundo fator a ser considerado é o estado emocional do salmista ao longo do texto. Para a semiótica das paixões, podemos reconhecer, nos desdobramentos textuais, alguns semas, assim como elementos figurativos ou temáticos, que indiquem um estado de paz, medo, desespero, alegria, dentre outras emoções, expressas pelo enunciador. Em nosso caso específico, poderemos reconhecer, ou não, momentos em que o salmista manifeste medo, ansiedade ou dúvida (ainda que brevemente); tais sentimentos podem indicar vulnerabilidade e

fazerem aumentar a tensão. Em contrapartida, também é possível reconhecer momentos em que o salmista manifeste uma confiança plena e inabalável, circunstância em que a confiança se encontra em seu ponto máximo, indicando uma maior ausência de emoções negativas.

Outro fator importante refere-se à intensidade da Interação com o Divino. Momentos em que há a busca, ou clamor pela intervenção divina, podem indicar uma situação de alta tensão, fazendo com que, assim, o salmista expresse sentimentos de desespero e pressão, tornando a necessidade de intervenção divina maior. Por outro lado, o salmista poderá expressar-se sobre a bondade de Deus, dentre outros aspectos que indiquem a sua confiança plena, proteção e paz, indicando uma baixa tensão.

Por fim, o quarto fator diz respeito à construção de sentido entre o perigo versus refúgio: descrições de guerra, de falsos testemunhos, violência, ou demais cenários (figuras), que ponham o salmista em risco físico ou espiritual, podem indicar que a confiança estaria sendo testada, com um possível aumento da tensão. Já em descrições, com a presença de elementos figurativos e temáticos que indiquem refúgio, proteção e estabilidade, a tensão se encontraria arrefecida.

Diante de tais cenários, consideramos que duas possibilidades se apresentam: a da tensão proposta pela presença de perigo e, por outro lado, a da confiança, que podem convergir ou divergir no texto. Isso se dá devido ao fato de que, ao indicar perigo e desespero, também poderemos encontrar no texto um testemunho de uma confiança plena, fato que poderia indicar uma alta tensão ao mesmo tempo em que encontramos uma confiança plena, ainda que mediante o perigo. A tensão é alta em ambos os casos porque, apesar das circunstâncias externas adversas, a confiança é uma resposta ativa e intensa, que exige uma forte convicção.

Finalmente, outras situações possíveis podem se apresentar ao encontrarmos elementos que carreguem traços de desespero, indicando uma confiança um pouco mais amena, porém não ausente, e também a presença de perigos e necessidade de socorro; nesse caso, a tensão aumenta e a confiança diminui, mas sempre se encontra presente. Há ainda a possibilidade de se encontrar uma situação em que a confiança esteja em seu estado máximo, pleno, e, ao

mesmo tempo, o texto indique uma baixa tensão, ou seja, maior ausência de perigo, caso em que registraremos uma baixa tensão de perigo em contrapartida com a confiança em seu ponto máximo.

Enfim, trata-se de diversos contextos possíveis, orientados pelas relações tensivas, que a análise buscará verificar quando da abordagem dos salmos propostos para este trabalho.

2.2. Sobre os estudos semióticos bíblicos

Ainda no que se refere à área em que esta dissertação se insere, uma especificidade proporcionada pelo alcance da teoria e seu instrumental de análise, não podemos deixar de lado um pouco da história dos estudos semióticos sobre a bíblia, com ênfase em um período recente no Brasil; no entanto, devemos mencionar que tão breve estudo demonstra apenas um recorte sobre o tema.

Em se tratando dos estudos semióticos acerca dos estudos bíblicos, temos o artigo “A formação do Cânon bíblico” (FILHO, 2015), a partir da semiótica da cultura. Podemos citar também o livro *A Bíblia Hebraica como Obra aberta: Uma proposta Interdisciplinar para uma Semiologia Bíblica*, da autora Eliana B. Malanga, obra que não somente é de grande importância nos estudos semióticos bíblicos, mas também para os estudos literários bíblicos em geral, preocupando-se em trazer uma abordagem bíblica à luz da semiótica, considerando conhecimentos dentro da língua hebraica. Lima (2016) assinala que Malanga procurou “aplicar o conceito de ‘obra aberta’ de Umberto Eco” dentro dos estudos bíblicos, o que resulta em um trabalho fundamental para a ótica da crítica bíblica no Brasil. Desse modo, podemos declarar também que a autora, ainda que aborde a bíblia com base semiótica, demonstra que a Bíblia Hebraica “faz um uso especial da linguagem” (LIMA, 2016, p. 6), ou seja, o texto hebraico tem em si um universo de raciocínio particular inerente a ele.

Abordando a bíblia à luz da semiótica como fundamentação metodológica, temos *O Manual de Exegese*, de Júlio Zabatiero (2007). Zabatiero considera o comprometimento com um método semiodiscursivo, valendo-se da semiótica francesa como base teórica, aplicando o uso de princípios da “teoria da ação comunicativa”, de Jurgen Habermas (ZABATIERO, 2007, p. 24-26). Essa

abordagem, como já apontado, emerge mais profundamente do ponto de vista semiótico, com métodos mais pertinentes ao longo da leitura.

No que concerne aos estudos mais recentes acerca do discurso religioso, podemos destacar a pesquisadora Sueli Maria Ramos da Silva, com o livro *Discurso Religioso* (2020), que possui como principal propósito categorizar os diversos discursos religiosos. A autora delinea três categorias principais: discurso fundador, discurso de fidelização religiosa e discurso de divulgação religiosa. O primeiro capítulo, “O discurso fundador na esfera religiosa”, explora textos bíblicos fundamentais como a narrativa de Caim e Abel e os Atos dos Apóstolos – teses subsequentes, como as de Cardoso (2017) e Domingos (2022), expandem essa análise para outras narrativas bíblicas. Já o segundo capítulo do livro aborda o “Discurso de Fidelização Religiosa”, voltado para os fiéis, com exemplos como a Ladainha e a missa, analisados semioticamente – estudos posteriores, como o de Soares (2020), também exploram esta categoria. O terceiro capítulo, “Totalidade Discursiva de Divulgação Religiosa”, é destacado por sua contribuição na formulação de uma tipologia específica desse tipo de discurso, que visa persuadir e informar, sem um destinatário específico pré-determinado. Silva (2020) baseia-se em Grillo (2006) para classificar a divulgação religiosa em cinco tipos, detendo-se na relação enunciativa com o enunciatário.

Em se tratando do livro de Salmos, temos o artigo “Isotopias e ponto de vista na leitura do Salmo 139” (BALANIUC, 2023), cujo foco principal é realizar a análise semiótica do Salmo 139 por meio dos conceitos de enunciação (Fiorin, 1999) e de isotopia (Bertrand, 2003). No entanto, fazem-se necessários mais estudos acerca dos textos bíblicos e de suas traduções, valendo-se da semiótica como uma ferramenta de análise, principalmente no que concerne a uma análise bíblica que envolva a língua portuguesa e a língua hebraica, estudo no qual se encontra um número insuficiente de estudos realizados.

Com isso, entendemos que ainda há muito a ser explorado, pois se trata de um campo muito rico, principalmente se olharmos aos contextos de escrita. Como exemplo, podemos citar os tipos de textos escritos em diversos períodos da história, com a escolha de uma língua específica para constituir a análise; há também a tipologia textual e a escolha da tradução. Assim sendo, este trabalho se faz relevante, pois busca analisar a constituição do sentido por meio de questões

pertinentes ao estudo do texto hebraico e abordar, a partir da língua, uma construção com base judaica nos textos abordados.

Assim, o trabalho busca explorar a confiança do salmista, uma das paixões centrais nos Salmos, pela perspectiva da semiótica discursiva. A confiança, entendida aqui como uma paixão, será analisada em seus aspectos tensivos, considerando suas manifestações nos três níveis de análise semiótica indicada pelo percurso gerativo de sentido, o nível fundamental, o narrativo e o discursivo; para isso, selecionamos nove Salmos que possuem na confiança o tema principal, ou seja, possuem esse tema como o seu fio condutor.

Ao longo da pesquisa, identificamos, em um nível mais superficial, em torno de oitenta Salmos que possuem na confiança a sua base de sentido e, se olhássemos de modo mais profundo, ainda seria possível reconhecer mais Salmos que apresentam o mesmo semantismo; no entanto, selecionamos os Salmos em que pudéssemos reconhecer diversas facetas da confiança ao longo do texto hebraico. A nossa linha de abordagem salmítica considerará essa questão como direcionamento para a ordem dos salmos: iniciaremos a análise com o Salmo 23, apresentando as instâncias mínimas de confiança e desconfiança, abordaremos o campo narrativo, que apresenta a esfera tensiva da confiança e que se consolida no nível discursivo não somente por meio das figuras principais do Pastor, de suas ovelhas e do caminho percorrido por ela, mas também pelos temas de pastoreio, cuidado, consolo e presença divina constante.

Todos esses elementos temáticos e figurativos constroem a paixão da confiança que se sustenta por meio da fé em Deus e na certeza de que Ele guiará o salmista em todos os seus caminhos. A partir desse momento, poderemos abordar o Salmo 121, que apresenta o tema do pastoreio de um modo mais implícito, mas se constrói em torno da isotopia da proteção divina. Com isso, já podemos realizar um paralelo com o Salmo anterior, no entanto, com uma presença maior do semantismo do perigo, pois o Salmo em questão irá citar os possíveis perigos que possam aparecer no caminho do Salmista (ou de um modo mais figurativo, a ovelha).

Logo depois, no Salmo 27, veremos como a luz é apresentada como um caminho de confiança e direção. Ela simboliza a orientação divina que guia o

salmista em meio às adversidades, iluminando seu percurso e fortalecendo sua confiança em Deus como protetor e salvador.

No Salmo 40, examinaremos como a confiança do salmista se transforma em louvor após um período de adversidade. O salmo revela uma jornada de superação, em que a fé se fortalece com o reconhecimento da ajuda divina, culminando em um cântico de gratidão e louvor a Deus. No Salmo 63, discutiremos a relação entre o deserto e o santuário, analisando suas significações. O deserto é apresentado como um lugar de provação e sede espiritual, enquanto o santuário simboliza a presença divina e o refúgio. Essas duas figuras revelam contrastes entre ausência e plenitude na busca do salmista por Deus.

Como última seção de análise, apresentaremos o Salmo 71 e analisaremos o testemunho de confiança do salmista ao longo de sua vida, já em uma fase mais experiente de sua vida. As figuras de Luz e caminho são centrais, e o salmista realiza uma introspecção sobre sua confiança, fortalecendo a ideia de Deus como guia e protetor. Neste texto, em que a confiança é apresentada em seu ápice, a narrativa é um testemunho da fé do salmista, transformando-se em gratidão e louvor. Esse salmo reflete a maturidade espiritual, destacando a confiança contínua em Deus, mesmo diante dos desafios da velhice e das adversidades acumuladas ao longo dos anos.

Na análise, valemo-nos da semiótica discursiva para compreender os processos de significação dessa literatura consagrada dentro da cultura ocidental, sem possuir vínculo direto com outras áreas específicas do texto como histórico-crítica, pragmática, etc, mas buscando compreender o seu processo enunciativo. Para isso, para abordarmos os nossos textos selecionados para a análise, utilizaremos não somente a versão de *O Livro dos Salmos* (2017), mas também a versão de 2020, ambas de tradução de Adolpho Wasserman e Chaim Szwertszarf, traduzido do livro *Do original em língua hebraica, Tehilim Keter David*, para o texto em português. Recorre-se ainda ao *Dicionário Português-Hebraico e Hebraico-Português* para considerar os efeitos de sentidos (semas e sememas), presentes nos vocábulos, e os seus campos semânticos.

Teremos, não somente para fins de compreensão sonora das palavras hebraicas, mas também das suas unidades de significado, o texto em transliterado¹⁵,

adotado para este trabalho, o que acarreta uma compreensão maior das palavras para aqueles que não conseguem ler o hebraico. Vale esclarecer que, por ser o hebraico o idioma no qual os textos foram escritos primeiramente, é relevante uma análise que abarque também os conceitos, ou seja, os sentidos construídos nos lexemas existentes nessa língua, de modo a discutir os principais efeitos de sentido pertinentes a essa cultura e existentes no nosso corpus. Como afirma Greimas: “A língua não é um sistema de signo, mas uma reunião [...] de estruturas de significação” (GREIMAS, 1976, p. 30), do que se pode concluir que a língua carrega em si toda uma carga de cultura e assim, considerar tais elementos só tende a enriquecer o trabalho.

Com isso, temos como objetivos específicos, em primeiro lugar, o de identificar as categorias mínimas de sentido no nível fundamental dos Salmos. Por meio disso, identificaremos as oposições semânticas básicas que estruturam o sentido dos textos, estabelecendo categorias fundamentais como confiança/desconfiança e presença/ausência que subjazem às narrativas dos Salmos. Logo depois, no nível discursivo, temos como objetivo também identificar e descrever os elementos figurativos presentes nos Salmos, destacar os elementos temáticos, como proteção, pastoreio, peregrinação e manancial, e examinar como esses temas se articulam com as figuras identificadas. Além disso, a análise das isotopias, ou recorrências semânticas, presentes nos textos, destacará como elas contribuem para a coesão e coerência discursiva. Será fundamental verificar como os níveis fundamental, narrativo e discursivo se inter-relacionam, demonstrando como as categorias mínimas de sentido e as paixões narrativas se manifestam e se concretizam nas figuras, temas e isotopias dos Salmos.

Por fim, buscaremos integrar a análise semiótica com os conceitos hebraicos de *Emuná* (fé) e *Bitachon* (confiança). Isso envolverá explorar como esses conceitos se manifestam nos Salmos analisados e relacioná-los às categorias semânticas e paixões identificadas nos níveis fundamental, narrativo e discursivo. Demonstrar

¹⁵ O transliterado é o texto hebraico escrito em caracteres (letras) no alfabeto latino e vice-versa; é transpor um sistema de escrita para outro. Nesse caso, utilizar-se-ão, no trabalho, palavras pertencentes à língua hebraica em letras latinas. Dado que as palavras hebraicas são escritas sob um sistema de escrita diferente, sua transliteração permitirá uma simplificação do processo de compreensão para os usuários do sistema alfabético latino-americano. É importante salientar que as palavras que estão sendo transcritas não têm uma grafia específica, uma vez que se trata de uma decodificação de um sistema de caracteres de uma língua para outra, de uma outra língua.

como a compreensão desses conceitos enriquece a análise semiótica dos Salmos oferecerá uma visão mais aprofundada da confiança do salmista, proporcionando uma análise detalhada e estruturada dos textos bíblicos de acordo com a metodologia semiótica de Dennis Bertrand (2003).

Assim, para a dissertação, não se propõe apenas uma análise textual dos Salmos, mas também uma compreensão um pouco mais ampla da paixão da confiança, utilizando as ferramentas da semiótica discursiva. Por meio dessa abordagem, esperamos revelar como a confiança, vivenciada pelo salmista, é construída, comunicada e experimentada, oferecendo novas perspectivas tanto para os estudos bíblicos quanto para a teoria semiótica.

No capítulo a seguir, apresentaremos as análises, que se iniciam, como indicado anteriormente, pelo Salmo 23, buscando demonstrar como suas sequências discursivas se entrelaçam para formar um quadro coeso de confiança em Deus. As figuras do Pastor e das ovelhas, junto aos temas de cuidado e consolo divino, destacam a presença contínua de Deus. Esses elementos reforçam a paixão da confiança do salmista, fundamentada na fé e na certeza da orientação divina em sua jornada.

A esta altura do texto, talvez seja oportuno ressaltar que, para nós, a pesquisa não é apenas um projeto acadêmico, mas um projeto de vida, pois a vontade de aprofundar conhecimentos nas áreas que estudamos está e sempre estará interligada a um propósito pessoal. Sem esse verdadeiro propósito, a exploração perde o brilho e torna-se apática, carecendo da paixão que ilumina o caminho para o conhecimento. O nosso propósito é dar cor e vida à viagem, transformando cada descoberta numa celebração do espírito humano.

Passemos, pois, a mais uma das seções de nosso trabalho, a do exercício de análise dos Salmos.

CAPÍTULO 3

FIGURAS E TEMAS NOS SALMOS

Ao longo deste capítulo, exploraremos, nos tópicos que o compõem, as análises semióticas dos Salmos selecionados, com foco na construção da confiança como paixão central. Cada análise abordará, de modo ora mais ora menos detalhado, as isotopias, figuras e temas presentes nos textos, destacando como eles contribuem para o sentido de confiança que permeia as orações e cânticos dos salmistas. Analisaremos o modo como o percurso do sentido se desdobra, considerando tanto a interação entre elementos discursivos e figurativos quanto a presença das dimensões tensivas que enriquecem o texto poético. Essas análises proporcionarão uma compreensão mais profunda das nuances que envolvem o relacionamento do enunciador com o Divino, revelando as camadas de significação nas quais a fé e a entrega se manifestam de forma particular em cada salmo.

3.1. A Dimensão Da Confiança No Salmo 23: Uma Análise Semiótica

Adentremos o espaço do Salmo vinte e três, primeiro texto e uma espécie de guia para as análises. Recordemos que a semiótica discursiva recorre ao quadrado semiótico para representar as relações de contrariedade, contradição e implicação entre os termos do nível fundamental, organizados em (pelo menos) uma categoria mínima de sentido.

Vejamos o salmo por completo, em língua portuguesa, para fins de análise e para que reconheçamos as instâncias mínimas do texto, presentes no nível fundamental.

- 1 Um Cântico de David. O Senhor é meu pastor, nada me faltará.
- 2 Em campinas luxuriantes, Ele me deposita. Ao lado de águas tranquilas Ele me conduz.
- 3 Ele restaura a minha alma. Ele me conduz sobre atalhos de justiça, em consideração a Seu Nome.
- 4 Embora eu caminhe no Vale obscurecido pela morte, não temerei nenhum mal, pois Tu estás comigo. Teu bordão e Teu cajado me confortam.
- 5 Tu preparas uma mesa diante de mim em plena vista dos meus atormentadores. Tu ungiste a minha cabeça com óleo; minha taça transborda.
- 6 Que apenas bondade e benevolência me persigam todos os dias da minha vida. E eu habitarei na Casa do Senhor por longos anos. (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 29- 30)

Diante do texto, de pronto, podemos identificar o sentido mínimo entre vida e morte e também podemos compreender as relações entre segurança e insegurança. Essa oposição fundamental pode ser vista, principalmente, nos fragmentos dos versículos três e quatro “Ele restaura a minha alma. Ele me conduz sobre atalhos de justiça, em consideração a Seu Nome. Embora eu caminhe no Vale obscurecido pela morte, não temerei nenhum mal, pois Tu estás comigo. Teu bordão e Teu cajado me confortam” (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 29). Temos os elementos figurativos de alma e restauração da alma apresentando os efeitos de vida e a figura do vale da sombra da morte construindo o efeito de morte. Também é possível extrair a categoria mínima de proteção em contrapartida com o perigo, principalmente quando verificamos os efeitos de sentido presentes nos versículos dois e quatro, apresentando os sememas de paz, consolo tranquilidade e também os de bondade e benevolência.

Ainda assim, se analisarmos de um ponto que apresenta categorias mais abstratas do texto, de modo a traçar relações aos outros níveis de análise da semiótica, podemos extrair a oposição entre as instâncias de confiança em contrariedade com a dúvida ou desconfiança. É nessa instância de sentido que se dará o nosso fazer interpretativo.

Diante disso, escolhamos o lexema “desconfiança” para representar essa instância contrária à confiança, visto que o lexema “dúvida” ainda sugere em grande medida, em seus semas, uma esfera de sentido, considerada na perspectiva de gradação, em que a confiança ainda possa se fazer presente, mesmo que em níveis comparativamente menores. Devemos olhar para esse lexema, não como um termo fechado, ou que apresente em toda a sua construção esse efeito de sentido contrário à confiança. Optamos por utilizá-lo, principalmente devido à presença do

sufixo (des), que apresenta um valor de negação; o conjunto formado, porém, não implica uma ausência absoluta de fé. Se pensarmos no contexto, outro lexema que também poderia representar essa construção de sentido contrária à confiança é o da dúvida, visto que, em algumas narrativas bíblicas, é comum reconhecermos a dúvida como uma força contrária à confiança.

Desse modo, podemos reconhecer que ambos os lexemas – “desconfiança” (pelo seu prefixo), “dúvida” (por construir o efeito contrário à confiança – poderiam ser considerados no quadrado semiótico, mas que não apresentam em sua totalidade o sentido que se constrói entre a confiança e sua instância contrária. Tal fato não deve ser reconhecido como um problema, mas como um convite à constatação de que nem sempre os lexemas comportam em sua totalidade a esfera de sentido que o texto por si constrói.

A narrativa bíblica, por sua vez, oferece exemplos nos quais a dúvida se apresenta como um obstáculo à fé. Um exemplo a ser citado, ainda que não pertença ao mesmo texto, época e língua do *Livro de Salmos*, é o de Pedro, que, ao andar sobre as águas, sente medo e afunda ao olhar para as águas (BÍBLIA SAGRADA, Mateus 14:22-36). Esse momento evidencia como a dúvida pode se manifestar como uma fraqueza humana diante das incertezas da vida, sublinhando no discurso que, quando a fé vacila, a confiança em Deus pode ser abalada.

Ao incorporar essa narrativa à análise do Salmo 23, podemos observar que, embora o salmista expresse confiança, é possível que também enfrente momentos de hesitação; no entanto, a forma como essas experiências são vividas e expressas pode ser distinta. O salmo em questão apresenta um testemunho de fé sólida, no qual o salmista, ao afirmar sua confiança, não necessariamente ignora a possibilidade da dúvida, mas escolhe superá-la através da entrega a Deus. Com isso, reconhecemos que a instância entre confiança e desconfiança no Salmo 23 não deve ser simplificada em uma dicotomia rígida: trata-se de um convite a explorar a complexidade da experiência espiritual humana, na qual a confiança é reafirmada, mesmo na presença de inseguranças.

Vejamos o quadrado semiótico, partindo da relação dos contrários entre “confiança” e “(des)confiança”:



Figura 4: As instâncias mínimas do sentido no Salmo 23. Fonte: autoria própria.

Por meio do quadrado, podemos verificar que a condição mínima existente (confiança e desconfiança) possui a sua relação com a (não desconfiança e a não confiança). Sendo assim, podemos identificar os elementos mínimos do sentido, sendo que a não confiança deve implicar a desconfiança; do mesmo modo, se recortarmos o quadrado semiótico ao meio, de modo vertical, temos a outra dêixis e seus elementos constituintes, em que a não desconfiança implica na confiança. Assim, isolando todas as unidades mínimas de sentido, temos: S1: Confiança: Simboliza a fé, a segurança e convicção do salmista no cuidado e proteção de Deus. É a atitude positiva de acreditar que Deus está sempre presente para guiar e proteger. Temos também, em contrariedade com S1, o semantismo mínimo S2: Desconfiança: Representa a falta de fé, insegurança e dúvida em relação ao cuidado e proteção de Deus. É a atitude negativa de não acreditar na presença e ajuda divina.

Há ainda o elemento –S1 em relação de complementaridade com S1: não desconfiança, que se apresenta como uma condição na qual não há desconfiança, mas também não se garante total confiança, está em contradição com o elemento S2, a desconfiança. E, por último, temos o elemento –S2, em relação de contradição com S1, a não confiança que se apresenta como uma condição em que não há confiança, mas também não se garante a total desconfiança.

Considerando esse acesso determinado ao nível fundamental, podemos atingir também um reconhecimento do sensível, ou seja, da tensividade presente em todo o texto. Já nesse campo interpretativo, temos o sujeito actante, o salmista, e a base tensiva, que se funda na confiança plena. Para reconhecermos os semas que podem acompanhar o sentido de confiança, podemos abstrair, dentro da língua hebraica, a sua esfera de sentido, assim como já relatado anteriormente. A confiança que pode ser entendida aqui no texto se faz como caráter de dois aspectos semânticos mínimos, o de *Emuná* e o de *Bitachon*. Com isso, podemos destacar dois eixos tensivos, o de intensidade e o de extensidade.

Diante de tais fatores e para um fim interpretativo que preze pelo diálogo entre os níveis de análise, faz-se também realizar as análises com o foco no nível discursivo, visto que, no processo de leitura/escuta, iremos nos deparar com elementos figurativos e temáticos que norteiam toda a carga de sentido. Em vista disso, a análise dos níveis de modo complementar, para tal fazer interpretativo, se torna rica, relacionando os elementos temáticos e figurativos com a extensão das paixões e a sua intensidade. Com isso, podemos mapear os estados de confiança do salmista ao longo do Salmo 23, observando como eles variam em termos de intensidade e extensidade.

Consideremos, então, os versículos um e dois, “Um Cântico de David. O Senhor é meu pastor, nada me faltará. Em campinas luxuriantes Ele me deposita, ao lado de águas tranquilas Ele me conduz.” (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 29). Nesse fragmento, compreendemos a intensidade da confiança de David, o actante, como alta e sua extensidade como duradoura. O actante expressa uma confiança plena e contínua em Deus. A afirmação é forte e inabalável.

Vejamos agora o mesmo fragmento em língua hebraica, em consonância com a língua portuguesa:

1 מִזְמוֹר לְדָוִד יְהוָה רֹעִי לֹא אֶחָסֵר:
2 בְּנֵאֻת דֶּשֶׁה יִרְבִּיצֵנִי עַל-מִי מְנַחֹת יִנְהַלֵּנִי:
3 נַפְשִׁי יִשׁוּבֵב יִנְחֵנִי בְּמַעְגְלֵי-צֶדֶק לְמַעַן שְׁמוֹ:

1 Mizmor leDavid, Adonai roi lo echsar.

2 Bin'ot déshe iarbitsêni, al mêmenuhot ienahaleni.

3 Nafshi ieshovev, ianchêni vemaguelê tsédeck lemáan shemo.

1 Um Cântico de David. O Senhor é meu pastor, nada me faltará.

2 Em campinas luxuriantes Ele me deposita, ao lado de águas tranquilas Ele me conduz. 3 Ele restaura a minha alma. Ele me conduz sobre atalhos de justiça, em consideração a Seu Nome. (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 29)

Reconhecemos aqui a confiança plena do actante. Se olharmos para o nível fundamental, vemos que o salmista se encontra no estado de S1 em um nível muito alto, de completude mesmo. O salmista revela confiança na providência de Deus, que o conduz a pastos verdejantes e águas tranquilas. O medo é praticamente ausente, enquanto a coragem e a esperança estão presentes em altos níveis. No nível discursivo, vemos a isotopia do pastoreio por meio de figuras que irão se estender ao longo da narrativa.

Assim sendo, já se pode compreender os semas presentes no lexema *Roí*, em hebraico רועי, que carrega o efeito de pastoreio; e o que é a figura do pastor senão a daquele que alimenta, tosquia, dirige, e que supre todas as necessidades de suas ovelhas? É esse o efeito de sentido gerado pela narrativa e que, inclusive, repercute em todo o texto, formando uma isotopia. Podemos ver como o enunciador, de caráter presente por meio da letra *Yod* י, sufixo possessivo “meu/minha” (que marca o “eu” no percurso narrativo), se coloca como ovelha perante ao seu Senhor por meio de uma construção metafórica. Sendo assim, a figura do pastor representa a Deus como o seu guia e protetor.

Com isso, já podemos visualizar também outros semas que formam o todo de sentido desse elemento figurativo, visto que, em hebraico, o mesmo vocábulo carrega o sentido de “amigo, companheiro, colega, próximo” (HATZAMRI; MORE-HATZAMRI, 2000, p. 306), também carrega os semas de “apascentar, governar, dirigir” (HATZAMRI; MORE-HATZAMRI, 2000, p. 307). Podemos compreender que o enunciador apresenta o seu enunciatário como alguém amigo, fiel, próximo e que o conduz; é nesse momento que se constrói a relação tensiva entre o enunciador e o seu objeto valor, a confiança. Em caráter temático, reconhecendo os semas anteriores destacados, podemos destacar a providência e a proteção divina, visto que o salmista dá um testemunho da segurança, do sustento e do cuidado contínuo de Deus para com ele.

Logo em seguida, na parte traduzida como “não me faltará”, temos, em hebraico, לֹא אֶחְסַר, em transliterado *lo echsar*, apresentando o advérbio de negação *lo/אֵל*, em português “não”, mais o lexema *echsar*, que vêm do verbo *lich'sor*, em hebraico לָחַס, possuindo os semas de “faltar, diminuir, ausência, privação, deficiência” (HATZAMRI; MORE-HATZAMRI, 2000, p. 111). No entanto, o seu efeito de sentido é mais profundo, pois se desenrola, ou seja, se depreende como “uma promessa de que Deus também eliminará a causa daquilo que está lhe trazendo

dano¹⁶”, visto que a tristeza ou a necessidade pode ser um fator necessário ou comum de ser vivido ao longo da vida e, sendo assim, o sentimento ou o estado de realização plena ou não necessidade provém da confiança em Deus.

Quando olhamos para a versão em língua portuguesa, podemos presenciar, em caráter poético, a figura dos pastos verdejantes¹⁷, ou campinas luxuriantes, como apresentada nessa versão utilizada para a análise; no entanto, essa construção figurativa não está presente na língua hebraica, em que o sentido proposto pelo salmista é o de “relva”, em hebraico אֲשָׁף, que pode também ser traduzido como “campo”. À primeira vista, o sentido pode ser visto como semelhante, mas em “relva” no hebraico há o acréscimo do sema de “fartura” e “abundância”. Sendo assim, compreendemos essa figura como uma representante de descanso, provisão e paz e já podemos adentrar no elemento temático da providência divina, total, absoluta, completa, e podemos compreender esse estado de contemplação por meio da paixão do actante.

No segundo versículo, temos em hebraico: עַל-מֵי מְנוּחֹת יִנְהַלֵּנִי, que significa “sobre as águas (de descanso) me depositas”. Isso é possível pelo fato de que, em primeiro lugar, temos a partícula עַל sobre מֵי águas de (no construto) מְנוּחֹת¹⁸ em transliterado *menuchot*, que advém do verbo *nach*, “ele descansou” e que apresenta os semas de tranquilidade, paz, descanso, e יִנְהַלֵּנִי, no transliterado *yenahaleni*, que vem do verbo יָנַח, possuindo em seu sentido não somente os semas de “herdar, conseguir, posseção” (HATZAMRI; MORE-HATZAMRI, 2000, p. 221), mas também os semas de “legado de direito, herança (termo jurídico)”. Compreendendo os elementos temáticos, isso quer dizer ter um guia por direito. Já no terceiro versículo, temos יְשׁוּבֵב, *yeshovev*, que vem de *shuv*, apresentando os semas de “restaurar, retornar, regressar, arrepender-se” (HATZAMRI; MORE-HATZAMRI, 2000, p. 318). Quando olhamos para o elemento figurativo presente em נֶפֶשׁ, *Nefesh*, em português, alma, vemos entre os semas a construção de conhecimento, visto que, para o entendimento judaico, a “alma” possui cinco níveis (*nefesh*, *ruach*, *neshamá*,

¹⁶GUIMARÃES, Marcelo M. Revelações Surpreendentes do Salmo 23. YouTube, 3 de mar. de 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vzHv7pl3VCs>>. Acesso em 01 de fev. 2024.

¹⁷ Versão de João Ferreira de Almeida (2008).

¹⁸A mesma palavra pode ser vista, exatamente no sentido de repousar em Gênesis 8:4: “E a arca “repousou”. Essa escolha não se apresenta como mera coincidência, mas é uma escolha responsável por nos remeter às figuras de “início de tudo”, e de “aliança por direito”, ainda mais se levarmos em consideração que é “nachal” possui ligação semântica com a palavra “Noach”, em português, Noé, actante principal da narrativa citada.

chaiá e yechidá)¹⁹, e a *nefesh* está relacionada ao primeiro nível, à mente, ao entendimento.

Com isso, uma possível tradução seria “A minha alma, Ele retorna, ou restaura”, para gerar esse efeito de sentido do Éden, do início. Compreendemos, diante desses fatores, que o salmista descreve um estado de paz e repouso que Deus proporciona. Os “verdes pastos” e “águas tranquilas” simbolizam um ambiente de conforto e segurança. Nota-se que, na versão citada, encontra-se o termo “campinas”, que possui os semas de “paraíso” “oásis”, “fartura”, e o tradutor acrescenta o termo “luxuriantes” para apresentar uma característica sensorial e visual específica em que podemos ver os semas de “ricos”, ou “cheios de vida” ou exuberantes. Essa esfera de construção de sentido, desenvolvida por meio de uma linguagem pictórica, constrói uma imagem vívida ao texto dentro desse elemento, enriquecendo a sua descrição visual e sensorial. Com isso, identificamos que a confiança de *David* em Deus é intensificada pela imagem de um cuidado constante e reconfortante. Já aqui vemos que a renovação da alma é um ato de profundo impacto emocional. Desse modo, podemos reconhecer também a extensidade da confiança como duradoura, o estado de descanso e tranquilidade é contínuo. Atingimos também os elementos temáticos de restauração e de orientação e vemos as isotopias de renovação e justiça. Observemos os versículos seguintes:

4 גם כי- אֵלֶךְ בְּגֵיא צַלְמוֹת לֹא- אִירָא רָע כִּי- אֶתָּה עִמָּדִי שְׁבִטָךָ וּמִשְׁעֶנְתְּךָ הֵמָּה יִנְחָמֵנִי:

5 תַּעֲרֹךְ לִפְנֵי שִׁלְחָן נֶגֶד צַרְרִי דְשִׁנְתָּ בְשִׁמְן רֹאשִׁי כּוֹסֵי רִוּיָהּ:

6 אַךְ טוֹב וְחֶסֶד יִרְדְּפוּנִי כָל- יְמֵי חַיִּי וְשִׁבְתִּי בְּבֵית- יְהוָה לֹאֲרָךְ יָמִים:

4 Gam ki elech begue tsalmávet, lo irá ra ki ata imadi, shivtecha umish'antêcha hêma ienachamuni. 5 Taaroch lefanai shulchan négued tsorerai, dishánta bashémen roshi, cossi revaia. 6 Ach tov vachéssed yirdefúni col iemê chaiai, veshavti bevet Adonai leórech iamim.

4 Embora eu caminhe no Vale obscurecido pela morte, não temerei nenhum mal, pois Tu estás comigo. Teu bordão e Teu cajado me confortam. 5 Tu preparas uma mesa diante de mim em plena vista dos meus atormentadores. Tu ungiste a minha cabeça com óleo; minha taça transborda. 6 Que apenas bondade e benevolência me perseguam todos os dias da minha vida. E eu habitarei na Casa do Senhor por longos anos. (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 30)

No fragmento, temos as figuras do vale, da morte, mas que, ainda assim, não serão um fator para que o enunciador deixe de confiar em Deus (assim como a ovelha confia fielmente em seu pastor). A figura do vale carrega o efeito de dificuldade, de confronto, pode representar os perigos extremos ao longo do caminho, ou também as maiores dificuldades da vida (momentos de riscos), em

¹⁹No original hebraico: (נפש, רוח, נשמה, חיה, יחידה).

que, por meio da confiança, o salmista se torna capaz de conquistar a sua vitória, pois o seu *Pastor* o guia. Logo depois, temos o sema de correção por meio da palavra שִׁבְטָךְ, formada pela raiz שָׁבַט. Esta é a mesma raiz do verbo *descansar* e da palavra *shabat*. Em transliterado *shevat*, que é traduzida como “vara” (HATZAMRI; MORE-HATZAMRI, 2000, p. 314), a qual também constrói a figura do cajado do Pastor, usado para guiar suas ovelhas e corrigir os possíveis erros (o pastor utiliza do cajado para trazer sua ovelha de volta, quando ela se distancia do rebanho).

Compreendendo a sua relação semântica com a palavra descanso, podemos identificar também o elemento temático construído pela proteção divina e conforto. Visto que, ainda que o actante esteja nesse momento difícil, é possível descansar por meio de sua confiança plena. Como reflexão acerca desse elemento figurativo, podemos apresentar um fragmento do Salmo 91, que afirma “O que habita no esconderijo do Altíssimo e descansa à sombra do Onipotente diz ao Senhor: Meu refúgio e meu baluarte, Deus meu, em quem confio” (BÍBLIA SAGRADA, 1993, p.539). Diante disso, a figura da vara pode representar a segurança e o conforto ao longo do caminho, proporcionados pela certeza absoluta e a confiança em Deus.

Nesse fragmento, é possível contemplar, por meio das mesmas figuras presentes, a isotopia do refúgio, da presença e da consolação divina em *Kel Elion*²⁰. Podemos ver que o verdadeiro descanso somente é possível por meio da confiança plena (*bitachon*). Também temos a figura do cajado, que, na língua hebraica, se encontra na palavra מִשְׁעַנֶּת, no transliterado *mish'enet*, que contempla os semas de “domínio absoluto”, pois o cajado representa um instrumento de autoridade e de condução. Na língua hebraica, é possível ainda realizar um paralelo com a palavra *Shemá*, שְׁמַע, que significa “ouve” e, dentro de sua construção de sentido cultural judaica, por si só já indica uma relação direta com o texto de Deuteronômio 6:4, primeiro mandamento e base do monoteísmo²¹.

²⁰ *El Elyon* é um dos múltiplos títulos e nomes de Deus encontrados na tradição bíblica hebraica. O termo *El* significa “Deus”, ao mesmo tempo em que *Elyon* significa “Altíssimo” ou “Supremo”. Juntos, *El Elyon* pode ser traduzido como “Deus Altíssimo” ou “Deus Supremo”. O termo indicado aparece pela primeira vez no livro de Gênesis 14:18-20, no episódio em que Melquisedeque, rei de Salém e sacerdote de “Deus Altíssimo”, abençoou Abraão: “E Melquisedeque, rei de Salém, trouxe pão e vinho; e era sacerdote do Deus Altíssimo (*El Elyon*). E abençoou-o, e disse: Bendito seja Abrão do Deus Altíssimo, o possuidor dos céus e da terra.” (Bíblia Sagrada, ano, página). Referente ao sentido, tal termo apresenta em seus semas a supremacia e a soberania divina. O termo também implica o poder divino na sua esfera mais ampla, não somente o Deus de Israel, mas Deus supremo de todo o universo.

²¹ Dentro da própria construção de sentido da prática judaica, temos o termo *Shemá* como o próprio nome da passagem em questão e, conseqüentemente, o próprio nome da oração, recitada nos três

Levando em consideração o aspecto tensivo, certificamos novamente a reafirmação da coragem e o consolo, advindos da confiança no Senhor, mesmo na presença do perigo. A intensidade se apresenta como altíssima, a confiança é suprema, ainda que confrontada com a situação de alto perigo, a extensão do objeto valor é duradoura, uma vez que, face ao perigo, ela atinge uma intensidade ainda mais alta, sendo testada por meio das dificuldades e testificada por meio do ato de testemunho firme.

Com a figura da mesa perante os inimigos, remete-se a uma mesa posta, que deve ser entendida como fartura e abundância por meio da presença divina, em contrapartida com a figura dos inimigos, ou seja, o fator oponente. Com isso, vemos que a proteção de Deus, isotopia presente, em sua esfera narrativa, supera qualquer ameaça ou carência.

Vejam, de acordo com a perspectiva judaica, a riqueza de sentido existente na figura da mesa. Segundo Chabad.org:

“Quando D'us criou o mundo, trouxe o universo à existência a partir de um vácuo absoluto. Ou seja, criou algo do nada. Desde então, quando deseja realizar uma multiplicação miraculosa, Ele faz com que isto flua de algo já existente e não mais algo proveniente do nada. A mesa era o meio através do qual a bênção dos alimentos fluía para o mundo inteiro. D'us, por isso, ordenou que esta jamais deveria ficar vazia, pois Sua bênção paira apenas numa matéria com substância.”(Acesso em 2024)

Compreendemos, assim, que a mesa sempre figurativiza a fartura, renovação de ciclo (pois os alimentos sempre devem ser renovados e postos a cada dia), e também saúde e mantimento. Na passagem de 2 Reis 4, vemos a narrativa de um grande milagre, em que há a multiplicação de óleo em que uma simples viúva se encontrava em dívidas por conta de seu marido falecido; ao longo da narrativa, vemos como um milagre ocorre por meio de um elemento que não somente é posto a mesa, mas é utilizado na preparação de muitos alimentos. Esse elemento era, além disso, utilizado como um dos principais recursos financeiros da época no lugar

serviços diários, o *shacharit*, o *minchá* e o *arvit*, O *shacharit*, o *minchá*, e o *arvit* podem ser entendidos como os rituais principais presentes na vida judaica. Eles possuem relação direta com o “serviço” dedicado no templo três vezes ao dia, ou seja, respectivamente o *Shacharit*, o *minchá* e o *arvit* são os serviços religiosos, ou orações, pessoais ou do vernáculo judaico, dedicadas ao Eterno respectivamente no período da manhã, tarde e à noite. Dessa forma, temos a palavra “serviço”, não como conhecemos em sua esfera de sentido tradicional, mas o temos como uma prática ritualística dedicada ao Criador. Conforme escrito na Ética dos Pais 1, 2: “Sobre três bases o mundo se mantém: sobre a Torá, sobre a Avodá (o serviço) e sobre a benevolência” (FRIDLIN, 1997, p. 1).

de dinheiro. Observemos um fragmento dessa narrativa, somente para traçar a relação de sentido proveniente desse elemento figurativo:

A viúva do profeta Ovadyá clamou a Elishá: "Meu marido morreu," disse-lhe, "e você sabe quão grande era seu temor a D'us. Foi forçado a emprestar dinheiro a juros; pois sustentava cem profetas que escondia em duas cavernas, para protegê-los da perseguição a que estavam expostos. Agora, seus credores vêm tomar meus dois filhos como escravos!" "O que você tem em casa?" - perguntou-lhe Elishá. "Não tenho nada, exceto uma jarra de óleo," replicou a mulher. Elishá ordenou-lhe: "Vá e peça emprestado utensílios vazios de todos os vizinhos - muitos! Leve-os para casa e feche a porta, ficando em casa com seus dois filhos. Despeje desse óleo em cada recipiente, e separe os que estiverem cheios!" A mulher fez como Elishá instruíra. Os filhos trouxeram-lhe mais recipientes. Não importa o quanto despejasse, o óleo do recipiente original continuava fluindo. Encheu todos esses recipientes, e mandou seu filho trazer mais. "Não há mais recipientes!" - respondeu. Então o óleo parou de fluir. A mulher foi a Elishá e disse-lhe sobre o milagre. "Vá e venda o óleo," disse-lhe, "e pague seu débito. Você e seus filhos viverão do restante." (CHABAD.ORG, 2023)

Tanto ao longo dessa breve narrativa quanto ao do texto atual selecionado para a análise, vemos a isotopia da fartura e da providência divina. No caso da narrativa de 2 Reis 4, podemos reconhecê-la, principalmente, por meio de elementos figurativos como "jarra de óleo, encher, vender o óleo, milagre, fluir do óleo, e instrução divina". Já no Salmo 23, vemos a mesma isotopia, por exemplo, por meio da mesma figura do óleo: "Tu ungiste a minha cabeça com óleo; minha taça transborda." (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 30) Também vemos o elemento temático de honra, no ungir a cabeça com óleo, ato que, em específico, representa consagração e bênção.

Diante das figuras citadas e de toda a reflexão gerada por meio dos semas que norteiam a construção de sentido de cada uma delas, temos como resultado, na esfera tensiva, a presença do salmista como sujeito e o seu objeto valor, que é a honra e a abundância. A intensidade da confiança é alta visto que a honra e a abundância proporcionadas por Deus são evidentes ao longo do texto. A extensidade é duradoura na medida em que a bênção e a provisão se apresentam ao longo da narrativa de modo contínuo, apesar da presença da adversidade promovida pelos adversários. Assim, podemos realizar um gráfico para fins de análise, a fim de que os resultados se tornem mais explícitos ao leitor:

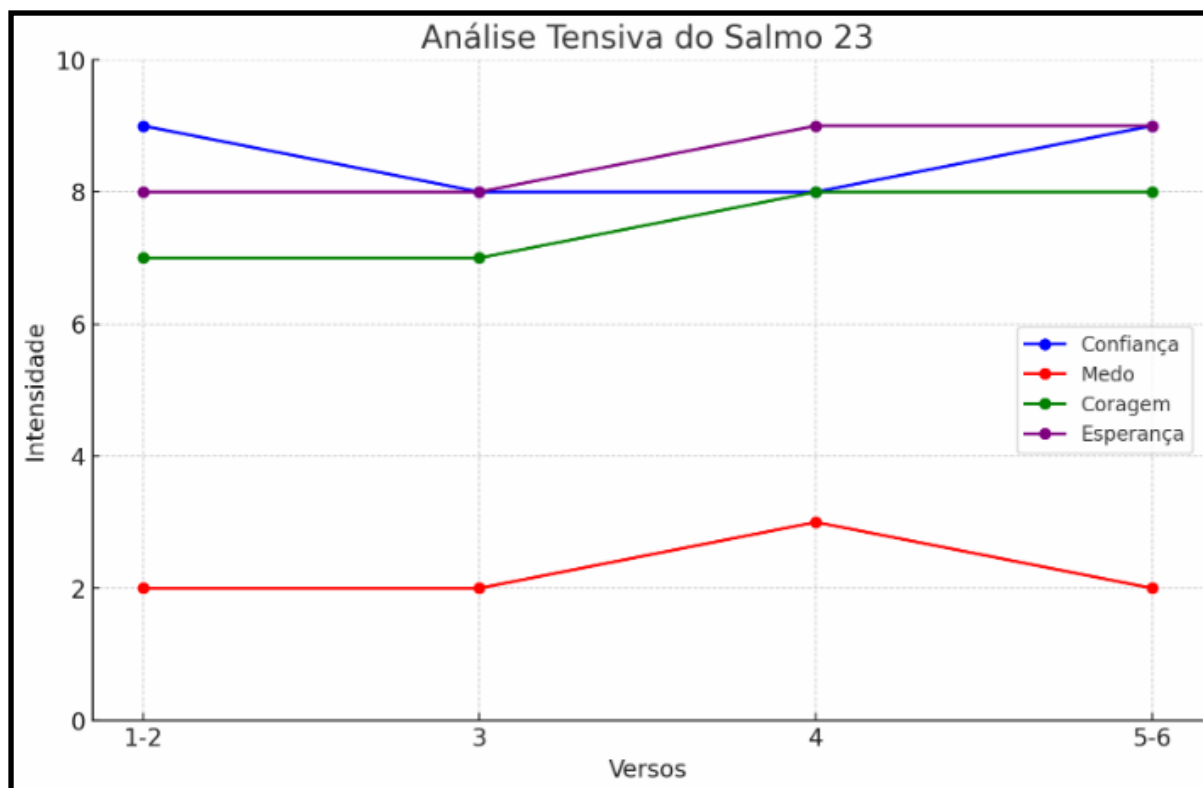


Figura 5: A paixão da Confiança disposta no salmo 23.

Esse quadro ilustra a análise tensiva das emoções principais ao longo do Salmo 23, que ressalta a interação da confiança, da coragem, do enfrentamento sem medo, e da esperança manifestadas pelo salmista. A cada porção do salmo, identificado pelos versículos correspondentes, um e dois, três, quatro, cinco e seis, a intensidade dessas emoções é apresentada por meio de uma escala de zero a dez; assim, zero indica a ausência total das emoções correspondentes e dez representa o ápice de tais emoções. O gráfico permite visualizar como a confiança do actante em Deus se mantém alta e constante ao longo do texto, ao mesmo tempo em que o medo se encontra de maneira mínima ao longo da narrativa. A coragem e a confiança se apresentam como complementos uma da outra, o que proporciona uma visão clara do modo por que tais emoções interagem, sustentando o sentido principal do texto.

Realizando a leitura do gráfico, reconhecemos cada processo presente ao longo dos versículos. Nos primeiros dois versículos, o actante apresenta a sua grande confiança na providência divina perceptível pela sua descrição das campinas luxuriantes e águas tranquilas. Nesse trecho, o medo é praticamente inexistente, ao passo que a coragem e a esperança se destacam em magnitude, revelando um

profundo sentimento de confiança e paz na presença de Deus. No terceiro versículo, o salmista testemunha mais uma vez a sua alta confiança em Deus, expressando a restauração de sua alma e da orientação pelos caminhos da justiça.

A confiança permanece alta, e o medo continua mínimo. A coragem e a esperança se mantêm constantes, enfatizando a confiança contínua de David na direção divina. Já no quarto versículo, é ressaltada a presença de Deus nos momentos difíceis, quando o salmista encara o vale sombrio da morte sem medo. Em conclusão, nos versículos cinco e seis, o actante descreve a mesa posta diante de seus adversários, a unção e a bondade divina que o acompanharão durante todos os dias de sua vida. A coragem e a esperança transbordam, mostrando uma perspectiva otimista e confiante do porvir sob a constante proteção de Deus.

Para uma compreensão mais detalhada dos significados presentes no Salmo 23, observemos a seguir um quadro de análise isotópica tendo como ponto de partida a análise com a identificação e o conjunto das isotopias, dos elementos figurativos e temáticos que emergem do texto, destacando as redes de sentido que conferem coesão e profundidade à mensagem do salmo. O quadro sintetizado revela como os conceitos de proteção, provisão, consolo, abundância e misericórdia se interrelacionam e são articulados através das imagens poéticas utilizadas pelo salmista.

Quadro 2: Isotopias, Figuras e Temas presentes no Salmo 23.

Isotopia	V	Elementos figurativos	Elementos temáticos	Significação
Cuidado e proteção	1 4 6	Senhor, Pastor, bordão, cajado	Confiança em Deus	Deus é visto como um guia supremo e provedor, oferecendo proteção.
Provisão e segurança	2 3 5	Campinas luxuriantes, águas tranquilas, restaurar alma, atalhos de justiça, mesa, óleo, taça	Paz, Descanso, Renovação espiritual, Justiça, Abundância	Deus provê um ambiente de paz, descanso, provisão espiritual e material.
Consolo e segurança	4	Vale obscurecido pela morte,	Proteção Divina, Conforto	Mesmo na adversidade, a presença de Deus traz conforto e proteção.

		bordão, cajado		
Providência e abundância	5	Mesa, atormentadores, óleo/azeite, taça	abundância, Vitória sobre inimigos	Deus provê e exalta o fiel perante os adversários, simbolizando vitória e abundância.
Bondade e misericórdia	6	Bondade, benevolência, Casa do Senhor/Templo	Bênção contínua, honra, eternidade, comunhão com Deus.	A bondade e a misericórdia divinas acompanham o fiel por toda a vida, prometendo uma morada eterna com Deus.

Quadro 2: Isotopias, Figuras e Temas presentes no Salmo 23. Fonte: autoria própria.

O quadro de análise isotópica do Salmo 23 ressalta como diferentes isotopias, ou redes de sentido, permeiam o texto, oferecendo uma compreensão rica e multidimensional da mensagem do salmo. Cada isotopia é identificada por meio de elementos figurativos e temáticos que se repetem e se entrelaçam ao longo dos versículos, estruturando um cenário de proteção divina, provisão, consolo, abundância e misericórdia.

A isotopia de “Proteção e Cuidado” é representada pelas figuras do “Senhor” e do “Pastor”, assim como pelo “bordão” e “cajado”, encontrados nos versículos um, quatro e seis. Essa isotopia reforça a confiança do salmista na constante proteção e orientação de Deus, oferecendo segurança mesmo nas situações mais adversas. Paralelamente, a isotopia de “Provisão” e “Segurança” manifesta-se através das imagens de “campinas luxuriantes, águas tranquilas, restaurar alma, atalhos de justiça, mesa, óleo e taça”, presentes nos versículos 2, 3 e 5. Essas figuras destacam o cuidado providencial de Deus, que provê não apenas o sustento material, mas também a renovação espiritual e a paz interior.

Já no versículo quatro, a isotopia de “Consolo” e “Segurança” é particularmente evidente, em que o “Vale obscurecido pela morte” e os instrumentos do pastor (bordão e cajado) figurativizam a proteção divina confortante em meio ao perigo. A isotopia de “Providência e Abundância” é ilustrada pela “mesa”, “atormentadores”, “óleo” e “taça” no versículo cinco, mostrando como Deus exalta e abençoa o fiel mesmo na presença dos inimigos. Ao final, a isotopia de “Bondade e Misericórdia” apresenta a promessa de uma vida abençoada e em comunhão contínua com Deus, compreendida pelas figuras de “bondade”, “benevolência” e

“Casa do Senhor” no versículo seis. Esse quadro elucidativo revela como as diversas isotopias interagem para transmitir uma mensagem poderosa de fé, esperança e segurança na presença e cuidado constante de Deus.

Face ao exposto, conseguimos traçar um todo de sentido ao longo do Salmo 23, partindo do nível fundamental e suas oposições mínimas para o nível narrativo e discursivo, apresentando as figuras, os temas e as isotopias presentes de modo a verificar a carga tensiva presente no texto; com isso, vimos que a confiança do salmista se encontrou a todo o momento alta concretizando a sua fé. É possível verificar, no nível fundamental, como o actante permanece a todo o momento do lado esquerdo da dêixis, vivenciando os estados de confiança e não desconfiança, possuindo uma relação gradativa ao longo do texto. A análise nos três níveis, o fundamental, o narrativo e o discursivo, revela como o Salmo 23 constrói uma mensagem coerente e profunda de confiança inabalável em Deus. Os elementos figurativos (como o pastor, os verdes pastos, o vale da sombra da morte) e temáticos (como proteção, providência, paz, presença, bênção e eternidade) são entrelaçados para formar isotopias que reforçam continuamente essa confiança. Cada verso contribui para a construção de um discurso onde a confiança do salmista se manifesta intensamente e de forma duradoura, superando qualquer potencial desconfiança.

A seguir, no próximo tópico, veremos como a análise se dará diante do Salmo 121. Para isso, também nos valem novamente da análise tensiva como um fator enriquecedor para o nosso fazer interpretativo. Inicialmente, no nível fundamental, a análise se centrará na categoria semântica mínima da confiança e desconfiança, destacando suas principais implicações ao longo do texto. Em seguida, a análise avançará simultaneamente pelos níveis narrativo e discursivo, integrando a análise tensiva ao longo do processo. No nível narrativo, identificaremos os actantes principais, incluindo o salmista como sujeito e os possíveis leitores ou até mesmo o próprio salmista como destinador. Abordaremos como a confiança do salmista se desenvolve por meio de suas interações e experiências presentes na narrativa.

Em paralelo, no nível discursivo, a análise se aprofundará nos elementos figurativos e temáticos, assim como no salmo vinte e três, de modo a inferir como as imagens de proteção divina, a jornada e a segurança se apresentam no texto. Concomitantemente, a análise tensiva será utilizada para examinar as modulações

de intensidade e extensão da confiança do salmista, destacando como estas emoções e sentimentos se manifestam e evoluem ao longo do texto.

3.2. Entre Céus e Terra: A Dimensão Da Confiança

Neste tópico, realizaremos uma análise do Salmo 121. Antes de tudo, podemos iniciar a nossa análise no nível fundamental de modo a, como já dito anteriormente, selecionar as oposições mínimas do sentido. Essa etapa se faz extremamente necessária, visto que ela reconhece uma base que irá nortear todo o nosso fazer interpretativo. Podemos defini-la, nesse primeiro momento, em quatro instâncias fundamentais: S1 indica a proteção divina, já S2 irá indicar a vulnerabilidade, tais elementos se encontrarão em relação de contrariedade no quadrado semiótico. Em contrapartida, temos os elementos contrários a eles, ou seja, negativos aos já citados: –S1 se apresenta como a não proteção e –S2 se concretiza em não vulnerabilidade. Por meio desses fatores, vejamos a seguir o texto para análise:

Um Cântico às Ascensões.
 Ergo meus olhos às montanhas; donde virá minha ajuda?
 Minha ajuda vem do Senhor, Criador do céu e da terra.
 Ele não permitirá que teu pé tropece, teu Guardião não cochilará.
 Eis que o Guardião de Israel não cochila nem dorme.
 O Senhor é teu Guardião, O Senhor é tua sombra à tua mão direita.
 O sol não te molestará de dia nem a lua à noite.
 O Senhor te protegerá de todo mal, Ele guardará tua alma.
 O Senhor guardará tua saída e tua chegada, desse tempo e para sempre.
 (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 192, 193)

Reconhecemos que o tema gira em torno da proteção divina, garantida a confiança que o salmista deposita em Deus como seu guardião e protetor. É um salmo que apresenta também uma confiança compartilhada por meio de uma geração, de uma nação, uma confiança existente em comunidade, o que torna característica da nação específica, apresentada no texto. Em torno desses fatores, compreendemos que a proteção se apresenta com o caráter de segurança, cuidado e vigilância constante de Deus sobre os fiéis. Também compreendemos a vulnerabilidade, reconhecida como a exposição ao perigo, ao desamparo e a falta de proteção.

Com isso, podemos reconhecer a categoria semântica de proteção e vulnerabilidade no contexto do Salmo 121, que nos ajuda a compreender as relações fundamentais entre os estados de segurança e perigo, equilíbrio e instabilidade. A proteção divina oferece uma segurança contínua, contrastando com a vulnerabilidade e a instabilidade que caracterizam a ausência dessa proteção. A estabilidade, resultante da confiança na vigilância de Deus, complementa essa estrutura, reforçando a mensagem de fé e confiança no cuidado divino presente no salmo.

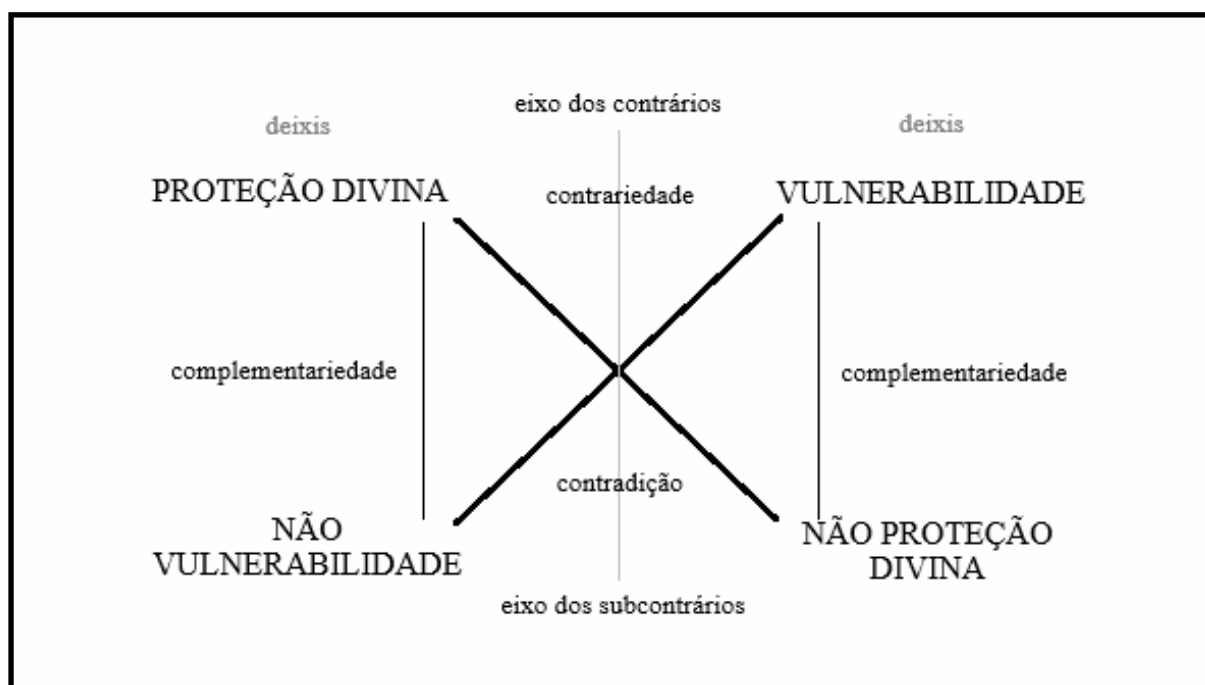


Figura 6: Proteção divina versus vulnerabilidade.

No contexto do Salmo 121, a categoria semântica de proteção e vulnerabilidade contribui para desvendar as relações fundamentais entre estados de segurança e perigo, bem como de equilíbrio e instabilidade. No topo do quadrado, temos a proteção em S1, que se apresenta pela segurança proporcionada por Deus. Essa proteção é expressa claramente nos versículos cinco e sete: "O Senhor é teu Guardião" e "O Senhor te protegerá de todo mal; Ele guardará tua alma". Assim, tais versículos ilustram o modo que Deus atua como agente protetor, de maneira a garantir a segurança contínua do fiel.

No entanto, no termo oposto à proteção, temos o semantismo mínimo de vulnerabilidade, proposto por S2, semantismo que se apresenta em relação de

contrariedade, apresentando a ausência dessa segurança, expondo o fiel ao perigo. A vulnerabilidade pode se encontrar implícita no salmo na pergunta inicial: “Ergo meus olhos às montanhas; donde virá minha ajuda?” (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 192). Essa indagação sugere uma condição de desamparo e necessidade antes da intervenção divina. No entanto, não podemos afirmar que essa instância se apresenta em total materialidade quando olhamos os elementos tensivos, visto que a resposta seguinte à pergunta já manifesta a presença da confiança em Deus vivenciada pelo salmista.

A não vulnerabilidade, disposta em –S2, um conceito complementar à proteção, se encontra existente na segurança e no equilíbrio proporcionados por Deus. Esse estado é exemplificado no versículo três: “Ele não permitirá que teu pé tropece, teu Guardião não cochilará.” (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 192). Com isso, compreendemos que a vigilância contínua de Deus certifica que o fiel permaneça estável e seguro, sem risco de vacilar. Por outro lado, a sua confiança também assegura que habitará seguro, pela presença divina.

Já em relação de contrariedade com a não vulnerabilidade, temos a não proteção divina, que simboliza a ausência de segurança e implica em um estado de vulnerabilidade contínua. Essa condição seria a situação do salmista sem a proteção divina, na qual estaria exposto aos perigos mencionados no salmo, como o “sol que não molestará de dia, nem a lua de noite”, no versículo seis. Sem a proteção de Deus, esses elementos poderiam constituir ameaças constantes.

Diante do quadrado semiótico e de todos os elementos presentes ao longo do texto em questão, também podemos verificar outras categorias mínimas. Como exemplo, a vida versus a morte, representando a vida plena do salmista em contrapartida com a possível morte em situações de perigo, ou também temos a vigilância versus o sono, concretizada nos versículos três e quatro, que contrapõe a vigilância total de Deus com o possível sono ou não vigilância humana. Temos também a relação entre a proteção versus perigo, em que a proteção divina se manifesta em contrapartida com os perigos do sol, da lua e do mal. Além dessas categorias, vemos também a categoria da perpetuidade versus temporalidade, mais evidenciada nos dois últimos versículos. A proteção divina é eterna, contrastando com a temporalidade da vida humana. No entanto, diante desses fatores, atentemos à outra categoria de semantismos mínimos, evidenciada pelo aspecto passional do

texto; assim como no salmo anterior, é possível destacar as unidades mínimas de confiança e desconfiança.

A partir de agora, a análise do Salmo 121 será conduzida em paralelo nos níveis narrativo e discursivo, aplicando-se instrumentos do percurso gerativo de sentido com foco no aspecto tensivo, abordagem que permitirá evidenciar a confiança plena do salmista mesmo em situações de perigo. Quando integramos os níveis narrativo e discursivo, observamos como os temas e figuras concretizam o classemata da confiança, proporcionando uma compreensão mais rica e detalhada do texto. Analisar os dois níveis simultaneamente oferece benefícios, como a capacidade de apreender a dinâmica emocional e a evolução tensiva ao longo do salmo, refletindo a transição do possível desamparo inicial para a segurança e a estabilidade proporcionadas pela proteção divina.

Desse modo, essa abordagem mais ampliada, respeitando o percurso gerativo de sentido, também contribui para a identificação de padrões e relações entre as diferentes camadas do texto, revelando como a narrativa de busca e proteção se manifesta nos elementos discursivos, como as metáforas e imagens utilizadas pelo salmista. Ao considerar os níveis, narrativo e discursivo conjuntamente, a análise pode enfatizar de que modo a estrutura narrativa sustenta a mensagem de confiança, enquanto os elementos discursivos reforçam e amplificam essa mensagem. Essa metodologia oferece uma visão mais integrada e aprofundada da confiança do salmista, proporcionando uma compreensão do sentido mais amplo sobre a construção semiótica da fé e segurança no texto selecionado para a análise.

Diante disso, olhando para as duas instâncias mínimas de maneira a tratar de uma dimensão mais emocional, afetiva do texto, consideramos a relação entre confiança e desconfiança. Vejamos, a seguir, o primeiro e o segundo versículos do Salmo 121, em língua hebraica e língua portuguesa:

1 שִׁיר לַמַּעְלוֹת אֲשָׁא עֵינֵי אֶל-הַרִים מֵאֵין יְבֹא עֲזָרִי:

2 עֲזָרִי מֵעַם יְהוָה עֲשֵׂה נְשִׁים וְאֶרֶץ:

1 Shir Lamaalot, essá enai el heharim, meáyim iavo ezri: 2 Ezri meim Adonai, ossé shamayim vaárets.

1 Um Cântico às Ascensões. Ergo meus olhos às montanhas; donde virá minha ajuda? 2 Minha ajuda vem do Senhor, Criador do céu e da terra. (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 192)

Nesse fragmento, vemos a manifestação da confiança plena do salmista. Identificamos, assim como no Salmo anterior, a ausência do medo em contrapartida com a alta presença da coragem, ou seja, da confiança. Ainda assim, mesmo que de modo quase nulo, é possível perceber o medo por meio do questionamento “donde virá minha ajuda?”, logo acompanhado pela resposta “Minha ajuda vem do Senhor, Criador do céu e da terra.”. Na esfera tensiva, podemos verificar uma tensão alta na necessidade pelo socorro divino. No entanto, o medo é, no mesmo instante, superado pela plena confiança, declarada pelo salmista. Com isso, podemos destacar o salmista como nosso actante (enunciador no nível discursivo). Também temos o destinatário, que se apresenta como o próprio salmista (autodirigido) ou a comunidade de fiéis. Temos o destinador, que é Deus, aquele a quem ele declara a sua total confiança sempre ao longo do texto e temos o seu oponente, que é a vulnerabilidade, o mal e as possíveis ameaças que o salmista poderia enfrentar. Diante de todos esses fatores, não deixemos de lado também o seu objeto valor, que se apresenta como a fé, e, simultaneamente, o socorro e a proteção divina.

Diante da mensagem “Ergo meus olhos às montanhas”, vemos a confiança do salmista na criação divina, e a declaração em Deus como Criador. Compreendemos, no nível discursivo, as figuras dos montes, ou montanhas para onde o salmista, de modo poético, volta o seu olhar. Ao dizer “meus olhos estão no ponto mais alto”, a paixão é apresentada no texto já por meio dessa figura. A montanha apresenta os semas de “sólido, grande, altivo, sublime”. No entanto, o enunciador não se apresenta sujeito às montanhas, mas apresenta a sua confiança no Criador, Aquele que criou todas as coisas. Aqui, os montes ao mesmo tempo podem ser vistos como lugares elevados, figurativizando a elevação espiritual, busca por ajuda divina, e a proximidade com o sagrado.

Podemos verificar também esse efeito de elevação por meio do termo hebraico *Shir Lamaalot*, traduzido como “Um Cântico às Ascensões”, indicando esses aspectos. Temos o elemento temático de busca por auxílio e consolo divino. Nessa etapa do texto, podemos apresentar a confiança como alta e a sua extensão como duradoura. Sigamos com os versículos três, quatro e cinco:

3 אֵל- יִתֵּן לְמוֹט רִגְלִי אֶל- יְנוּם שְׁמֶרָךְ:
4 הִנֵּה לֹא- יְנוּם וְלֹא יִשָּׁן שׁוֹמֵר יִשְׂרָאֵל:
5 יְהוָה שְׁמֶרָךְ יְהוָה צִלְּךָ עַל- יַד יְמִינֶךָ:

3 Al yiten lamot raglêcha, al ianumshomrêcha. 4 Hinê lo ianum ve lo yishan, shomer Yisrael. 5 Adonai shomerêcha, Adonai tsilecha al yad ieminêcha. 3 Ele não permitirá que teu pé tropece, teu Guardião não cochilará. 4 Eis que o Guardião de Israel não cochila nem dorme. 5 Senhor é teu Guardião, Senhor é tua sombra à tua mão direita. (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 192, 193)

Ao longo desses versículos, dispomos do elemento temático de proteção divina constante, por meio da figura de Deus como verdadeiro Guardião, o *Shomer Israel*²², e da figura de vigilância ininterrupta. Com isso, podemos contemplar a presença da figura de Israel, como um conceito de nação, os filhos de Jacó. Podemos ver como o enunciatário, nesse caso, Israel, ainda que formado por muitas pessoas, se apresenta por meio da *yachad*, do hebraico, *unidade*. Assim como apresenta a estrofe: “Não dormitará o guarda de Israel, o Senhor é quem te guarda”. Aqui se encontra também a isotopia de proteção, de cuidado, que podemos relacionar com a isotopia do pastoreio quando, no hebraico, o enunciador apresenta o sentido próximo a “É Ele que está a sua mão direita”, contendo os semas de orientação, o guarda como o seu guiador do caminho. Assim, encontramos as figuras das ovelhas, guiadas pelo seu pastor, que também as guarda. Diante disso, realizemos um paralelo com o Salmo 22, do versículo quatro a seis:

Contudo, Tu és O Santo, entronizado sobre os louvores de Israel! Em Ti nossos pais confiaram, eles confiaram e Tu os soltaste. A Ti eles gritaram e foram libertados, em Ti eles confiaram e não foram envergonhados. (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 27)

Ao estabelecer um diálogo entre o Salmo 121 e o fragmento anterior, evidenciamos a continuidade temática da confiança e proteção divina ao longo da tradição israelita, efeito de sentido evidente nesses dois textos. No Salmo 121, o salmista expressa uma confiança pessoal e imediata na proteção de Deus: “O meu socorro vem do Senhor, que fez os céus e a terra”, no versículo dois. Da mesma forma, a passagem do Salmo 22 relembra a história coletiva de Israel, em que os antepassados confiaram em Deus e foram libertos, enfatizando que essa confiança

²² Ao longo da história, a expressão *Shomer Israel* tem sido um símbolo de conforto e esperança para o povo judeu, especialmente em períodos de perseguição e exílio. A ideia de um guardião divino que nunca dorme traz uma sensação de segurança e cuidado constante. A expressão tem suas origens na Bíblia Hebraica, particularmente no livro dos Salmos, principalmente no texto utilizado para a análise, Salmo 121:4, que afirma: “Eis que não dormitará nem dormirá o guarda de Israel” (em hebraico: הִנֵּה לֹא יִנּוּם וְלֹא יִשָּׁן שׁוֹמֵר יִשְׂרָאֵל, transliterado: *Hineloyanum velo yishan, Shomer Yisrael*). Este versículo enfatiza a vigilância contínua e infalível de Deus sobre Israel.

nunca resultou em vergonha ou decepção. A unidade de Israel como um povo, solidificada através da confiança comum em Deus, representa um elo constante que une essas narrativas.

Tratando da esfera tensiva, podemos reconhecer como o aspecto tensivo é formado pela proteção divina que se torna ininterrupta. A figura do guardião que não dormita nem dorme fortalece o efeito de segurança contínua presente no texto. A ausência de vacilação presente na promessa “Ele não permitirá que teu pé tropece” (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 192, 193) torna concreto esse efeito de segurança contínua, gerada por meio da confiança do salmista. Com isso, estabelecemos que a confiança é alta e duradoura, caracterizada pela alta intensidade de segurança e baixo nível de incerteza, o que reflete a firmeza da fé do actante.

No nível discursivo, os temas e figuras do Salmo 121 e da passagem mencionada possuem uma relação em comum, de maneira a destacar a proteção divina e a fé como um tema central entre a nação de Israel e Deus. O texto principal de nossa análise utiliza imagens de “não vacilar o pé”, no versículo três, ou “Deus como guarda contínuo”, no versículo sete, para descrever a vigilância e o cuidado contínuo de Deus. Da mesma forma, os fragmentos do Salmo 22 utilizam a figura da libertação e da ausência de vergonha para ilustrar a resposta divina à confiança de Israel. Ambos os textos compreendem em seu sentido esse efeito de estabilidade por meio da confiança em Deus, confiança esta que garante paz e segurança, ainda que em circunstâncias adversas. Vejamos os versículos seguintes:

6 יומם השמש לא- יכנה וירח בלילה:

7 יהוה ישמרך מכל- רע ישמר את- נפשך:

8 יהוה ישמר- צאתך ובואך מעתה ועד- עולם:

6 Iomam hashémesh lo iakêca, veiarêach balaila. 7 Adonai yishmorcha micol ra, yishmor et nafshecha. 8 Adonai yishmor tsetecha uvoêcha, meata vê ad olam.

6 O sol não te molestará de dia nem a lua à noite. 7 O Senhor te protegerá de todo mal, Ele guardará tua alma. 8 O Senhor guardará tua saída e tua chegada, desse tempo e para sempre. (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 192, 193)

Avançando a análise para esses versículos, seis, sete e oito, a figura da sombra à direita, construída em uma esfera metafórica, simboliza uma proteção constante e próxima. A sombra aqui, a cada instante existente e dependente da luz, reproduz a proximidade e onipresença de Deus na vida do actante. A ausência dos

perigos (moléstia pelo sol ou pela lua) apresenta uma proteção diurna e noturna, reafirmando a certeza da segurança em qualquer circunstância e momento. Nesses fragmentos, a tensão presente entre o possível perigo (minimamente possível) e a segurança divina é neutralizada, de maneira a estabelecer um estado de confiança e serenidade contínuos.

Observamos também, nos versículos sete e oito, como a proteção divina se expande no nível físico ao espiritual por meio da garantia da guarda de todo o mal, da guarda da alma. Esses elementos figurativos constroem a isotopia da proteção completa. Diante de tudo, reconhecemos ao longo do texto, portanto, uma progressão contínua de crescimento da confiança absoluta do salmista.

Vejamos, a seguir, um quadro com os principais elementos temáticos e figurativos existentes no texto, assim como também as isotopias presentes, com uma versão de um gráfico tensivo que nos permita verificar, de modo visual, como as emoções (medo, coragem e esperança), todas existentes em sua relação com a confiança, se apresentem ao longo do texto.

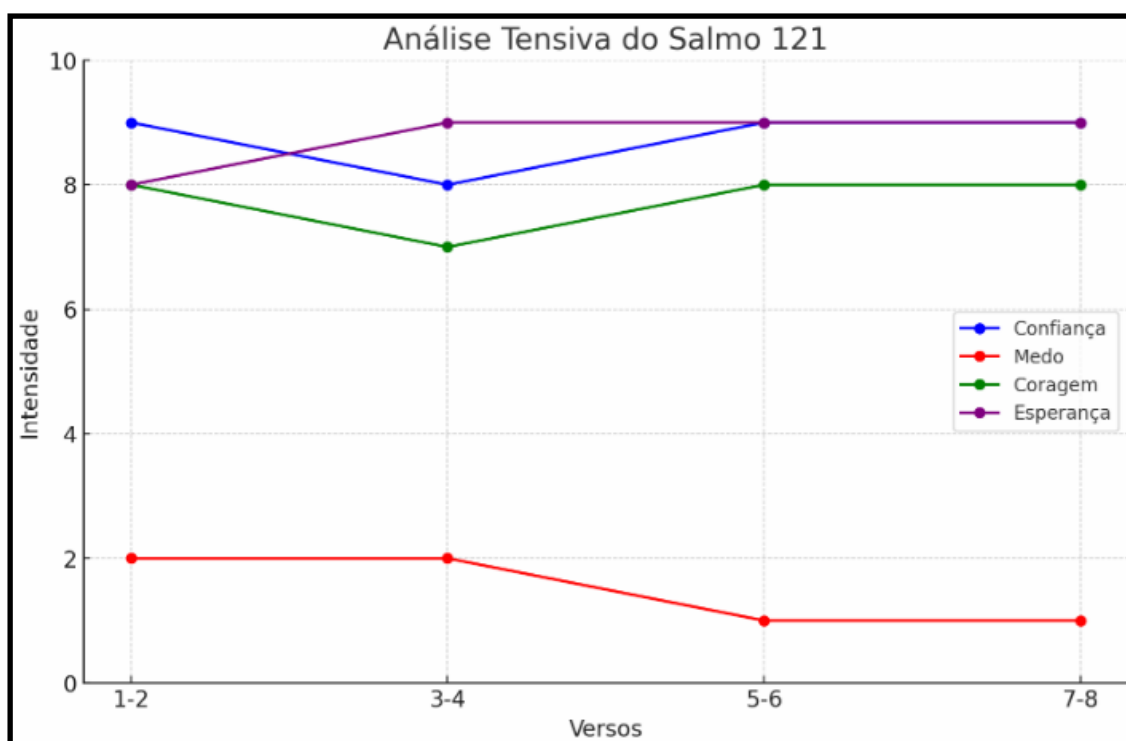


Figura 7: Análise tensiva da Confiança no Salmo 121. Fonte: autoria própria.

O gráfico não se faz presente aqui como um fim de análise, como um resultado analítico fechado, mas se apresenta como uma proposta do nosso fazer interpretativo. No versículo nove, podemos apresentar que a confiança se apresenta

como muito alta, inclusive pela declaração do salmista, que olha aos montes, mas manifesta que o seu socorro está além de tudo, nos céus, no mais alto. Podemos colocar a coragem e a esperança próximas da confiança, em uma intensidade oito, já o medo se manifesta, minimamente presente, por meio do questionamento “De onde virá o meu socorro?”

Ao longo do salmo, podemos ver como o texto se constrói por meio de elementos figurativos e temáticos que giram em torno da principal isotopia do texto, a proteção e a segurança contínua. Isso também se dá por meio da confiança absoluta que o salmista revela, como um testemunho, ao leitor. A análise das isotopias, versículos, elementos figurativos e temáticos e sua significação mostram como esses componentes se entrelaçam para formar uma mensagem coesa e poderosa.

A seguir, observemos um quadro com os principais elementos, temáticos e figurativos existentes no texto, assim como também as isotopias presentes.

Isotopias, Figuras e Temas presentes no Salmo 121:

Isotopia	V	Elementos figurativos	Elementos temáticos	Significação
Dependência humana e expectativa divina.	1	Olhos, montanhas	Busca de auxílio, necessidade de socorro	O salmista eleva os seus olhos às montanhas em busca de ajuda, o que simboliza a dependência humana.
Confiança em Deus, poder criador	2	Senhor, Criador, céu, terra.	Origem divina do socorro	“O socorro vem do Senhor”, o salmista declara, o que destaca a sua confiança no poder supremo de Deus.
Segurança constante, presença divina	3 4 5	Pé, tropeçar, Guardião, cochilar, Israel	Proteção contínua e vigilância	A expressão “O Guardião de Israel não dorme” indica uma proteção que se mantém ao longo do texto.
Presença onipresente, proteção 24 horas	5 6 7 8	Sombra, Guardião, mal, mão, direita, entrada, saída	Proximidade de Deus, constância da proteção. Presença de	Deus é uma sombra à mão direita, indicando proximidade constante e proteção contínua.

		perigos.	
--	--	----------	--

Quadro 3: Isotopias, Figuras e Temas presentes no Salmo 121. Fonte: autoria própria.

A primeira isotopia, “Dependência humana e expectativa divina”, construída já ao longo do primeiro versículo, é concretizada pelos elementos “olhos” e “montanhas” como um cenário de busca e expectativa. O salmista eleva seus olhos às montanhas, um ato que indica a busca pelo socorro e a dependência humana em momentos de necessidade. Tal ato declarado pelo salmista sugere uma expectativa de socorro que transcende o mundo material e aponta para uma ajuda superior. Ao longo do versículo seguinte, a isotopia “Confiança em Deus, poder criador” se torna existente. Os elementos figurativos “Senhor”, “Criador”, “céu”, e “terra” enfatizam a origem divina do socorro, mas também que toda criação se torna viva pela obra de Deus.

A confiança do salmista é firmemente colocada no seu Senhor, que é descrito como o Criador de todas as coisas. Já a isotopia da “Segurança constante, presença divina” se torna mais concreta nos versículos posteriores, sete e oito, em que os elementos figurativos como “pé”, “tropeçar”, “Guardião”, “cochilar”, e “Israel” evidenciam a proteção contínua e vigilante de Deus. A ideia de Deus como um Guardião vigilante, que não descansa nem dorme, manifesta um sentimento de segurança permanente e inabalável, garantindo ao seguidor que ele está sempre sob a proteção e cuidado divinos. Por fim, como expansão dessa mesma isotopia, podemos acrescentar a “Presença onipresente, proteção 24 horas”, já expressa nos versículos anteriores, mas que se torna ainda mais concretizada por meio das figuras da “mão direita”, da “sombra”, do “dia” e da “noite”. Esse efeito de sentido reforça a fé do salmista, que declara sua total confiança em Deus e acredita que Ele o guarda em todos os momentos, do agora para toda a eternidade.

Com isso, podemos concluir que o texto se inicia com a presença mínima do questionamento “De onde virá o meu socorro?”, dúvida que é rapidamente superada pela certeza da proteção e socorro divinos. Assim, identificamos que a confiança de Davi evolui de uma necessidade imediata de ajuda para uma confiança abrangente e eterna na proteção de Deus. O salmo finaliza com a promessa de proteção divina não apenas para o presente, mas para toda a eternidade (“desde agora e para

sempre”). Essa dimensão temporal infinita enfatiza a totalidade da confiança e a abrangência da proteção divina. A transição do socorro imediato à declaração de proteção eterna realizada pelo salmista concretiza a totalidade de sua fé, oferecendo uma visão de segurança que transcende o tempo e as circunstâncias.

Ao longo da próxima seção, a análise se concentrará no Salmo 71, que apresenta outras nuances possíveis da confiança do salmista. Nesse salmo, também podemos compreender outras figuras, temas e outros aspectos relevantes para a pesquisa. Compreendemos que se trata de um salmo que apresenta novamente o tema da proteção evidente e iremos explorar essas camadas de sentido construídas ao longo dele.

3.3. O Senhor como Luz (caminho) para a vida: A grande isotopia.

Neste tópico, a análise se volta para o Salmo 27 e seus efeitos de sentido. Para isso, toma como ponto de partida as instâncias mínimas de sentido e como elas dialogam com a paixão da confiança ao longo do texto. Façamos a sua leitura:

1 De David. O Senhor é a minha luz e minha salvação, a quem eu terei medo? O Senhor é a fonte da força da minha vida, de quem terei medo? 2 Quando malfeitores se aproximam para devorar minha carne, meus atormentadores e meus inimigos contra mim, são eles que tropeçam e caem. 3 Mesmo que um exército me cercasse, meu coração não temeria, mesmo que a guerra se erguesse contra mim, nisso eu confio. 4 Uma coisa pedi ao Senhor, que procurarei: que eu habite na Casa do Senhor todos os dias de minha vida, para contemplar o prazer do Senhor e meditar em Seu Santuário. 5 (Sem dúvida,) pois Ele me guardará em Seu Abrigo no dia da aflição. No esconderijo de Sua Tenda, Ele me erguerá sobre uma rocha. 6 Agora minha cabeça está elevada acima dos meus inimigos em volta de mim. Eu oferecerei em Sua Tenda oferendas de júbilo. Eu cantarei e entoarei louvor ao Senhor. 7 Ouve, Senhor, minha voz quando chamo, favorece-me e responde-me. 8 De Ti meu coração disse. “Procura Minha Presença.” Tua Presença, Senhor, eu procuro. 9 Não escondas Tua Presença de mim, não rejeites Teu servo em ira. Tu tens sido minha ajuda. Não me abandones, não me desampares, ó D’us de minha salvação. 10 Mesmo que meu pai e minha mãe tenham me desamparado, o Senhor me acolherá. 11 Instrui-me, Senhor, em Teu caminho e conduze-me no atalho da integridade por causa dos meus atentos inimigos. 12 Não me entregues aos desejos de meus atormentadores. Pois, eis que apareceu contra mim falso testemunho que sopra violência. 13 Não tivesse eu acreditado na contemplação da bondade do Senhor na terra da vida. 14 Confia no Senhor, fortalece-te e Ele te dará coragem; e confia no Senhor. (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, 34, 35)

Em uma primeira leitura do texto, podemos reconhecer, novamente, a categoria de vida versus morte, a exemplo do que se apresentava nos textos anteriores, os quais abordam o tema da salvação ao longo de sua narrativa. Salvação que se estabelece tanto em seu sentido físico (o de livrar alguém da morte) como em seu sentido espiritual (o de libertar alguém em seus pensamentos, de trazer paz); como exemplo disso, podemos citar o versículo dois: “Quando malfetores se aproximam para devorar minha carne, meus atormentadores e meus inimigos contra mim, são eles que tropeçam e caem”, que apresenta o livramento de morte vivido pelo salmista. Tal sentido se torna ainda mais palpável quando reconhecemos as figuras de “tropeçar e cair” vivenciadas pelos inimigos (outro elemento figurativo, que representa a opressão, aqueles que procuram a vida do salmista, para o matar). Já no versículo seis, vemos o tema da salvação, apresentando as instâncias de vida e morte, em seu sentido mais espiritual: “Agora minha cabeça está elevada acima dos meus inimigos em volta de mim”, que aponta não somente à vida física em abundância (elemento figurativo de fartura, de felicidade), mas também apresenta as figuras de prosperidade, de exaltação diante dos perseguidores, de que trataremos um pouco mais à frente.

Podemos reconhecer também a oposição fundamental entre proteção versus vulnerabilidade, ou perigo versus segurança, que podem ser vistos, principalmente, no versículo cinco: “(Sem dúvida,), pois Ele me guardará em Seu Abrigo no dia da aflição. No esconderijo de Sua Tenda, Ele me erguerá sobre uma rocha”, que desenvolve, por exemplo, esse contraste entre proteção divina e vulnerabilidade humana. O salmista, ao reconhecer a existência dos dias de aflição (um elemento figurativo), expressa uma consciência da própria fragilidade e de sua exposição ao perigo, presença implicada nos semantismos de situações de ameaça, perigo, ou sofrimento, em que o ser humano se encontra vulnerável, incapaz de se proteger por suas próprias forças, força e proteção que são fornecidas por Deus, o que pode ser reconhecido pelas figuras de “abrigo”, “esconderijo de sua tenda”.

Reconhecendo tais oposições que ocorrem no texto, podemos agora identificar um pouco mais de sua construção no nível discursivo. Para isso, analisemos, os elementos figurativos e temáticos e o modo como eles constroem as isotopias presentes no texto, de modo a destacar o aspecto tensivo da confiança. Diante disso, para, inclusive, remetermos ao título deste tópico, vejamos novamente o primeiro versículo:

1 לְדָוִד יְהוָה אֱלֹהֵי אֲרִי וַיִּשְׁעֵי מִמִּי אֵיכָא יְהוָה מְעֻז - חַיִּי מִמִּי אֶפְחָד:
 1 LeDavid, Adonai ori veyishi mimi irá? Adonai maoz chaiai mimi efchad. (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2017, p. 69)
 1 De David. O Senhor é a minha luz e minha salvação, a quem eu terei medo? O Senhor é a fonte da força da minha vida, de quem terei medo? (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 34)

Logo de início, reconhecemos elementos figurativos e temáticos que irão constituir a grande isotopia proposta pelo salmo, a isotopia da Luz e Salvação. Olhando para esse fragmento, até o versículo três, podemos reconhecer as figuras de “luz”, de “salvação” (que são responsáveis pela própria isotopia); também podemos encontrar as figuras do “medo”, quando o salmista declara: “de quem terei medo?”, já testemunhando a sua confiança, ainda que mediante os possíveis perigos. O salmista também enuncia “O Senhor é a fonte da força da minha vida”, enunciado que se configura em um grande elemento figurativo, que se apresenta como um testemunho do salmista e de sua confiança em Deus, reconhecendo que sua força, proteção e sustento vêm exclusivamente dEle. Esse verso expressa uma confiança inabalável, em que o salmista vê Deus não apenas como um protetor em momentos de perigo, mas como a própria energia vital que o mantém firme em todas as situações. Esse testemunho também reflete uma relação íntima com Deus, em que o salmista não apenas busca ajuda divina em tempos de necessidade, mas vive em constante consciência da presença e poder de Deus em sua vida diária. Ao afirmar que Deus é a “fonte da força”, ele reconhece que, sem Deus, ele seria incapaz de enfrentar os desafios e perigos que o cercam; assim, tal declaração é uma expressão de fé profunda, confiança e entrega total aos cuidados divinos.

Outro elemento que marca o texto é a presença dos pronomes “meu”, “minha”. Estes, como em “O Senhor é a minha luz”, apresentam uma construção de sentido relevante para a análise e indicam uma apropriação pessoal e direta daquilo que é declarado. Ao declarar “minha luz” ou “meu Senhor”, o salmista está afirmando que essa luz, essa salvação, essa força não são conceitos distantes ou abstratos, mas realidades profundamente enraizadas em sua própria vida e experiência. Dentre elas, podemos citar quatro conceitos que se expressam diante do uso desse pronome, provocando um sentido especial no texto: o primeiro conceito é a intimidade e apropriação, o emprego dos pronomes possessivos, aqui

no caso *meu*, *minha* particulariza a relação do salmista com Deus, enfatizando a intimidade dessa conexão.

Deus não é apenas uma figura divina distante; Ele é *meu* Deus, aquele com quem o salmista tem um relacionamento pessoal e íntimo. Tais elementos também geram o segundo conceito, a individualidade na fé; esses pronomes destacam uma fé particular, expressam uma experiência única e pessoal com Deus, anunciando que cada pessoa pode ter uma relação singular com o divino. Outro tema relevante é o da confiança e dependência de Deus, que também se apresenta por meio desses pronomes possessivos; ao utilizá-los, o salmista testifica uma confiança inabalável na provisão e proteção divinas, em sua própria vida. Por fim, o uso desses pronomes apresenta o sentido de uma fidelidade recíproca, assim como o salmista se apropria de Deus como seu Senhor, ele também se vê como pertencente a Deus, implicando uma relação de aliança e comprometimento mútuo.

Diante disso, consideremos novamente os elementos figurativos e suas implicações: a “luz” comporta (apresenta em seus semas) a orientação divina e a revelação que traz clareza e segurança, a “salvação” aponta para a proteção e libertação de situações de perigo. O lexema “fonte” indica a origem, princípio ou lugar de onde algo se origina, flui ou é produzido; o salmista refere-se a Deus como a sua “fonte de força”, ou seja, reconhece que todo o poder, energia, sustento e vitalidade que ele possui provêm de Deus. O tema presente é o da própria confiança em Deus. A tensão, que poderia ser desencadeada pelo perigo, nesse momento se encontra baixa, com um predomínio da confiança, indicando uma relação de divergência, em que o perigo não abale a confiança do salmista.

Se nos voltarmos para o texto na língua hebraica, iremos nos deparar com outros semas além destes já citados, semas que se encontram presentes nos elementos figurativos e temáticos. Olhando para as figuras, temos a “Luz”, que no hebraico se configura como אור, *or* em transliterado. Para compreendermos melhor a estrutura sêmica que se encontra no lexema em questão e no contexto, vejamos também a narrativa de Gênesis, texto em que o lexema aparece pela primeira vez, na narrativa da criação:

וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים יְהִי אוֹר וַיְהִי-אוֹר:
וַיִּקְרָא אֱלֹהִים לָאוֹר יוֹם וּלְחֹשֶׁךְ קִרְא לַיְלָה וַיְהִי-עֶרֶב וַיְהִי-בֹקֶר יוֹם אֶחָד:
Vaiomer Elohim yehi or vayehi or. Vayare Elokim et ha'or ki tov Va yavdel
Elohim bein ha'or ubein hachoshech. Vayikrah Elohim la'or, yom, vê
lachoshech, layla, vayehi erev vayehi boker yom echad.

E disse Deus: “Seja luz!” e foi luz. E viu Deus que a luz (era) boa; e separou Deus entre a luz e a escuridão. E chamou Deus à luz, dia, e à escuridão chamou noite; e foi tarde e manhã, dia um. (TORÁ, 2001, p. 1)

Nesse fragmento, o lexema אור, *Or*, que significa “luz”, não apenas se estabelece como um elemento físico que proporcione luz, mas também como uma metáfora central na paixão da confiança presente no Salmo vinte e sete. Assim, podemos reconhecê-la como “um norte que guia o caminho”, caminho este que só pode ser vivido por meio da *bitachon*, confiança plena. Também podemos compreender um pouco mais do conceito de luz como algo bom, em gênesis: “E viu Deus que a luz (era) boa”. Esses elementos figurativos se materializam ainda mais quando reconhecemos as letras que compõem o lexema, pela perspectiva judaica. Esse conceito está inserido dentro da concepção de que as letras que compõem o sistema de escrita hebraico foram desenvolvidas em uma estrutura rica de sentido, resultando em letras que por si só já possuem toda uma esfera de sentido, consagradas pela cultura, além de possuírem um valor numérico.

A palavra אור é composta por três letras: *Aleph* (א), *Vav* (ו) e *Resh* (ר). Cada uma dessas letras, no contexto da tradição judaica, carrega um significado profundo. *Aleph*, sendo a primeira letra do alfabeto hebraico, assinala o princípio, a unidade e a liderança. *Vav*, que também serve como conjunção em hebraico, liga e conecta, representando a união entre o divino e o humano. *Resh*, por sua vez, muitas vezes conota a cabeça ou o início de algo, indicando liderança e autoridade. Juntas, essas letras formam um conjunto de sentido em que não apenas é possível reconhecer tal elemento como já citado anteriormente, que ilumina fisicamente, mas também como guia, que lidera e conecta espiritualmente, apontando para um caminho de confiança e segurança na presença de Deus.

Diante disso, compreendemos que a luz, nesse contexto, está diretamente ligada à manifestação tangível da presença divina, que guia e sustenta o salmista. Ao declarar “O Senhor é a minha luz”, o salmista não está apenas afirmando a proteção divina, mas expressando uma confiança profunda e inabalável, em que a luz se torne um símbolo de clareza, direção e segurança no meio das “trevas”, outra figura aqui que apresenta o sentido de “incertezas”. Essa confiança se constrói por meio de uma paixão que permeia o ser do salmista, envolvendo uma entrega de fé completa, o que proporciona segurança e o conforto de Deus. A “luz” aqui assume um papel dinâmico, atuando como o elo entre a experiência de perigo e a certeza de

proteção, em que a confiança não é apenas uma resposta ao perigo, mas uma força ativa que transforma a percepção do perigo em certeza de salvação. Esse elemento figurativo se torna o núcleo da oscilação tensiva entre medo e fé, inclinando o salmista para uma confiança plena, na qual a escuridão externa é ofuscada pela claridade interior proporcionada por Deus. Com isso, compreendemos que a confiança é de maior e o perigo, de menor intensidade.

Sigamos com a análise:

2 בקרב עלי, מרעים -- לאכל את-בשרי:

צרי ואיבי לי; המה כשלו ונפלו.

3 אם-תחנה עלי, מחנה -- לא-יכא לבי:

אם-תקום עלי, מלחמה -- בזאת, אני בוטח.

2 Bicrov alai mereim leechol et bessari. tsarai veoievai li, hema cashelu venafálu. 3 Im tachane alai machane, lo yira libi, im tacum alai milchama bezot ani votêach.

2 Quando malfeitores se aproximam para devorar minha carne, meus atormentadores e meus inimigos contra mim, são eles que tropeçam e caem. 3 Mesmo que um exército me cercasse, meu coração não temeria, mesmo que a guerra se erguesse contra mim, nisso eu confio. (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 34)

É possível compreender, ao longo desse trecho, o tema da perseguição, configurado pela presença do perigo. Vemos as figuras dos “malfeitores”, dos “inimigos” e “atormentadores”, figuras adversas ao salmista e que o cercam. Ao referir-se a eles como aqueles que “se aproximam para devorar minha carne”, reconhecemos o emprego de uma linguagem bastante figurativa que evidencia o perigo iminente e a hostilidade dos inimigos. Esses malfeitores não se apresentam apenas como inimigos físicos, mas também podem ser interpretados como personificações de medos, ansiedades e forças do mal que tentam abalar a confiança do indivíduo em Deus.

Um fator que nos deve chamar a atenção é que, mesmo diante da ameaça tão visceral e direta como a de ser “devorado”, a confiança do salmista não é abalada, havendo uma tensão entre o perigo real e a confiança plena. Desse modo, vemos que a figura dos malfeitores destaca o contexto de vulnerabilidade humana, e, no entanto, é superado pela fé e pela certeza da proteção divina; os malfeitores figurativizam as forças que desafiam a confiança, mas que, no final, são derrotadas pela ação protetora de Deus, como indicado pela expressão “são eles que tropeçam e caem”. Vemos também o testemunho de confiança máxima do salmista, em que afirma que, mesmo diante de uma grande guerra, o seu coração não temeria, e declara “nisso eu confio”. Há outras traduções que apresentam “conservarei a minha

confiança” (BÍBLIA SAGRADA, Salmos 27: 4) evidenciando esse aspecto. Podemos também compreender aqui que há um tema muito pertinente, que é o da guerra e conflito, podendo, apresentar-se, inclusive, como uma isotopia. No entanto, esse tema se encontra para proclamar que, por maiores que sejam os perigos, para o salmista, o seu Senhor é a sua Luz e Salvação. Por isso, essa unidade temática se encontra englobada pela primeira isotopia.

4 אַחַת שְׁאַלְתִּי מֵאֵת-יְהוָה – אוֹתָהּ אֲבַקֵּשׁ;
שְׁבִתִּי בְּבֵית-יְהוָה, כָּל-יְמֵי חַיִּי;
לַחֲזוֹת בְּנֹעַם-יְהוָה, וּלְבַקֵּר בְּהִיכָלוֹ.
5 כִּי יִצְפְּנֵנִי, בְּסֻכָּה – בְּיוֹם רָעָה:
יִסְתַּרְנִי, בְּסִתְרֵי אֹהֶל; בְּצֹר, יְרוֹמְמֵנִי.

4 Achat shaálti meet Adonai, ota avakesh, shivti bevêt Adonai
col iemê chaiai, lachazot benôam Adonai ulvaker behehalo.

5 Ki yitspenêni bessuco beiom raa, iastirêni besséter aholo,
betsur ieromomêni.

4 Uma coisa pedi ao Senhor, que procurarei: que eu habite na
Casa do Senhor todos os dias de minha vida, para contemplar
o prazer do Senhor e meditar em Seu Santuário. 5 (Sem
dúvida,) pois Ele me guardará em Seu Abrigo no dia da aflição.
No esconderijo de Sua Tenda, Ele me erguerá sobre uma
rocha. (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 34)

Já nos versículos quatro e cinco, reconhecemos a isotopia da Habitação Divina. Ela se constrói pelos temas da busca espiritual, do refúgio em Deus e do desejo de habitar em Sua casa. Há também a presença de figuras pertinentes, como as que se encontram em torno do conceito de “casa”, “refúgio”, “habitação”, “abrigo” e “santuário”; todos esses elementos figurativos se apresentam como metáforas a evocar imagens de proteção, segurança e intimidade com Deus. Diante disso, compreendamos um pouco mais acerca dessas figuras, elementos essenciais para o sentido. Em primeiro lugar, a figura da casa pode ser entendida como um lugar de morada permanente, um espaço onde o salmista deseja habitar todos os dias de sua vida. Ela simboliza um espaço de segurança espiritual e de conexão contínua com o divino. Esse desejo de estar na casa, na habitação do Senhor reflete uma busca por proximidade e comunhão constante com Deus, uma expressão de confiança na presença divina como fonte de segurança e paz.

Temos o mesmo campo semântico com o lexema refúgio, mas este já possui uma carga semântica maior de lugar de proteção contra perigos externos. No contexto do salmista, o refúgio é um espaço seguro onde o salmista é protegido das ameaças e turbulências da vida, reforçando a ideia de que Deus é a proteção última e impenetrável para aqueles que confiam n’Ele. Já a habitação também evoca o

sentido de morada, mas com uma ênfase na ideia de permanência e estabilidade, em figura que pode ser vista como uma metáfora para a presença constante de Deus na vida do salmista, sugerindo que ele encontra em Deus não apenas um abrigo temporário, mas um lugar de descanso contínuo e seguro. Já ao final do versículo cinco, temos as figuras de santuário e tenda, com o santuário figurativizando o contato direto a Deus, um local sagrado e de adoração a Ele; vemos que o santuário se apresenta como o centro espiritual da vida do salmista, um lugar de encontro com o divino onde ele pode meditar e experimentar a beleza do Senhor. Tanto a figura de santuário como a de tenda são uma referência ao tabernáculo, que, na tradição israelita, era o local onde a presença de Deus habitava durante a peregrinação no deserto. Sendo o centro da adoração e comunhão com Deus, ele servia como o lugar sagrado onde os israelitas podiam se encontrar com o divino, oferecer sacrifícios e buscar orientação e proteção:

Depois, disse o Senhor a Moisés: No primeiro dia do primeiro mês, levantarás o tabernáculo da tenda da congregação. Porás, nele, a arca do Testemunho e a cobrirás com o véu. Meterás, nele, a mesa e porás por ordem as cousas que estão sobre ela; e também meterás, nele, o candelabro e acenderás as suas lâmpadas. [...] (BÍBLIA SAGRADA, Êxodo 40:1-4).

O tabernáculo, também mencionado no Salmo, simboliza um lugar onde a presença de Deus é particularmente manifestada, assumindo o valor de um refúgio espiritual em meio às incertezas e perigos do mundo. Portanto, quando o salmista fala em ser “escondido” ou “guardado” no santuário, ele não está se referindo apenas a uma proteção física, mas também a um abrigo espiritual em que a segurança é garantida pela presença de Deus. Ao longo do versículo, também podemos reconhecer a figura da “rocha”, que indica a estabilidade e a elevação.

As figuras do “santuário” e da “tenda” possuem uma função fundamental na construção do sentido de proteção e comunhão divina que permeia todo o texto. Elas são figuras centrais do texto, remetendo não apenas a um espaço físico, mas a um refúgio espiritual. Elas constroem, ao mesmo tempo, a figura do Tabernáculo, descrito nas escrituras, particularmente nos relatos do livro de Êxodo, em que se encontra estabelecido como a morada terrena da presença de Deus entre o povo de Israel, o lugar sagrado onde a presença de Deus era manifesta e os fiéis buscavam orientação, proteção e intimidade com o divino. A passagem transcrita, de Êxodo quarenta, que descreve sua estrutura e consagração, ressalta a importância desse

espaço como o coração da vida espiritual e ritual de Israel; o texto o apresenta como um lugar onde a glória de Deus se fazia presente.

Na perspectiva judaica, a figura do Tabernáculo consolida a manifestação sensível da presença de Deus guiando e habitando com Seu povo ao longo da jornada pelo deserto, conforme detalhado em Êxodo 40:34-38, onde a “nuvem da glória do Senhor” cobre e enche o Tabernáculo, indicando a orientação e proteção contínuas de Deus. Vejamos:

Então, a nuvem cobriu a tenda da congregação, e a glória do Senhor encheu o tabernáculo. Moisés não podia entrar na tenda da congregação, porque a nuvem permanecia sobre ela, e a glória do Senhor enchia o tabernáculo. Quando a nuvem se levantava de sobre o tabernáculo, os filhos de Israel caminhavam avante, em todas as suas jornadas; se a nuvem, porém, não se levantava, não caminhavam, até ao dia em que ela se levantava. De dia, a nuvem do Senhor repousava sobre o tabernáculo, e, de noite, havia fogo nela, à vista de toda a casa de Israel, em todas as suas jornadas. BÍBLIA SAGRADA, Êxodo 40: 34 - 38)

O lexema hebraico *מִשְׁכָּן* *Mishkan*, traduzido como *tabernáculo*, deriva da raiz *שָׁכַן* *shachan*, que significa *habitar* ou *residir*. Do mesmo radical, temos tanto o lexema *שִׁכָּן* *shikan*, que apresenta o sentido de “alojar” ou “instalar”, como o lexema *שְׁכִינָה* *shekinah*, que significa “divina presença”. No contexto do Êxodo 40, o *Mishkan* não é apenas uma tenda física onde a Arca do Testemunho é guardada; ele é um símbolo profundo da presença divina entre o povo de Israel. Com isso, compreendemos que o *Mishkan* comporta semas que indicam abrigo, proximidade e proteção divina, como um espaço sagrado de encontro entre o humano e o divino, onde a presença de Deus “reside” no meio do povo. Esses semas constroem um campo semântico que enfatiza a sacralidade, a mediação divina e a centralidade da adoração. A própria estrutura do *Mishkan*, com seus elementos como o véu, o candelabro e o altar, reforça a ideia de um espaço ordenado e consagrado, em que cada componente tem um significado simbólico, figuras que refletem a relação entre Deus e Israel.

Ao evocar essas imagens, o salmista manifesta um profundo anseio por habitar constantemente na presença divina, buscando contemplar a beleza e a benevolência do Senhor e encontrar segurança em meio às adversidades da vida. Os elementos figurativos de “Abrigo” e “esconderijo de Sua Tenda” funcionam como elementos poderosos de proteção contra os inimigos e as aflições, reforçando a confiança inabalável na fidelidade e no cuidado de Deus. Ademais, essas figuras

apontam a uma experiência de proximidade e comunhão íntima com o divino, em que o salmista não somente deseje a proteção física, mas também um relacionamento profundo e contínuo com Deus. Também vemos as figuras de “contemplar o prazer do Senhor” e “meditar em Seu Santuário”, que transmitem a ideia de momentos de profunda reflexão, adoração e aprendizado na presença de Deus, alinhando-se com a tradição judaica de buscar sabedoria e orientação divina através da Torá e dos rituais sagrados realizados no Tabernáculo e, em tempos posteriores, no Templo.

Essa busca permanente pela presença de Deus reflete a centralidade da espiritualidade e da devoção na vida do indivíduo, evidenciando uma relação de dependência e confiança que transcende as circunstâncias terrenas. Com isso, vemos que as figuras presentes no salmo, que carregam esses efeitos de sentido, agora mencionados, não apenas constroem uma linha entre o texto do salmo com as tradições e práticas religiosas judaicas, mas também servem como signos universais para a busca humana por segurança, paz e conexão com o sagrado.

Nos dois versículos seguintes, vemos a isotopia da Exaltação e da Gratidão, concebidas pelas figuras de “cabeça elevada”, “inimigos”, “tenda”, “oferendas de júbilo”. A figura da cabeça elevada indica a vitória sobre os inimigos, que permanecem como uma ameaça latente. Já as figuras das oferendas de júbilo, e o ato de cantar e entoar louvores, apresentam o tema da gratidão ao Senhor, indicando um reconhecimento da proteção e da presença divina. A confiança do salmista é edificada sobre atos de louvor, que servem tanto como um testemunho de sua vitória quanto como um reforço de sua fé. Há um fragmento presente em outro salmo que também possui a isotopia da Exaltação e da Gratidão e que também se manifesta por meio do emprego dos mesmos elementos figurativos e temáticos. Vejamos, com atenção, ambos os fragmentos:

6 וַעֲתֶה יְרוֹם רֹאשִׁי עַל אֹיְבֵי סִבִּיבוֹתַי וְאַזְמְרָה בְּאֵהָלוֹ זִבְחִי
תְּרוּעָה אֲשִׁירָה וְאַזְמְרָה לַיהוָה:

6 Veata iarum roshi al oievai sevivotai, veezbecha veaholo zivchê terua, ashíra vaazamera l'Adonai.

6 Agora minha cabeça está elevada acima dos meus inimigos em volta de mim. Eu oferecerei em Sua Tenda oferendas de júbilo. Eu cantarei e entoarei louvor ao Senhor. (Salmo 27, versículo 6)

6 Abençoado seja o Senhor, pois Ele ouviu a voz da minha súplica. 7 Senhor é minha força e meu escudo; meu coração confia Nele. Fui ajudado e meu coração exultou, com meu canto eu O agradeço. 8 Senhor é força para eles. Ele é a

fortaleza da salvação para Seu ungido. 9 Salva Tua nação e abençoa Tua propriedade; zela por eles e os eleva para sempre. (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 36)

O texto da segunda citação se encontra no Salmo vinte e oito, também no versículo seis, e se estende aos versículos sete, oito e nove. Notemos que ele sendo, inclusive, o salmo posterior ao vinte e sete, se consolida na continuidade temática de exaltação e confiança em Deus, refletida nas figuras de “cabeça elevada” e “inimigos”, presentes em ambos os textos. Vemos no salmo vinte e oito, Deus como “força” e como “escudo”, signos que destacam o papel de Deus como protetor e defensor. A “força” constrói o sentido de sustentar e capacitar, enquanto o “escudo” figurativiza a proteção contra os perigos e ataques. Essa dupla figura estabelece a confiança do salmista na proteção divina, indicando que Deus não apenas dá poder para enfrentar adversidades, mas também provê segurança contra elas. A confiança novamente se encontra alta, e a tensão do perigo logo é amenizada pelo predomínio da confiança, ainda que diante dos perigos.

Também temos o testemunho do salmista, “O meu coração confia nEle”, em figura central para a paixão da confiança. O coração, como sede das emoções e intenções, está completamente dedicado a Deus, o que solidifica uma entrega total e uma fé inabalável. Essa confiança resulta em ajuda divina e, por consequência disso, em alegria e gratidão, como mencionado logo após por meio da figura “O meu coração exultou!”. Essa exultação provinda do coração expressa a alegria e a gratidão abundante, as quais surgem como uma resposta natural à ajuda recebida de Deus. Essa figura mostra o resultado da confiança: a transformação de um coração preocupado em um coração jubiloso. Isso também destaca a reciprocidade na relação com Deus, em que a confiança o leva ao cuidado divino e, assim, ao louvor verdadeiro. Outra figura existente é a construção gerada pela expressão “Fortaleza da salvação para Seu ungido”, em figura que conecta o conceito (efeito de sentido) de força com o conceito de salvação, revelando que a proteção de Deus é não apenas física, mas também espiritual e eterna.

A referência ao “ungido” pode ser interpretada como uma menção ao rei ou ao messias, reforçando a ideia de que Deus provê uma proteção especial e um propósito de salvação para aqueles que Ele unge. Por último e de grande relevância, temos a figura de “Salva Tua nação e abençoa Tua propriedade”, em que o sentido se constrói de modo a apresentar a nação do salmista como

propriedade de Deus; o salmista estende sua súplica para o povo de Deus como um todo. Vemos o mesmo sentido construído no Salmo cento e vinte e um, e apontamos para isso na seção anterior: “O Guarda de Israel não dorme e nem cochila”, reforçando o tema da vigilância e proteção ininterrupta. A nação é vista como a propriedade divina, o que implica um relacionamento de posse e cuidado, figura que ressalta a visão de Israel como o povo escolhido, sob a proteção e bênção contínuas de Deus. Com isso, a súplica por salvação e bênção reflete a esperança coletiva na fidelidade de Deus para com Seu povo.

Assim, ambas as passagens apresentam em seu sentido o reconhecimento e louvor, em que o salmista não somente testemunha a vitória sobre os inimigos, mas também professa sua gratidão por meio de cânticos e louvores, reconhecendo Deus como a fonte de sua força e proteção. Essa convergência de confiança e exaltação fortalece a continuidade temática entre os dois salmos, demonstrando como a fé e a gratidão do salmista se manifestam em resposta ao cuidado divino. Vejamos os versículos seguintes:

7 שְׁמַע-יְהוָה קוֹלִי אֶקְרָא; וְחַנְּנִי וְעֲנֵנִי.
8 לֵךְ, אֲמַר לְבִי--בִקְשׁוּ פָנַי; אֶת-פָּנֶיךָ יְהוָה אֲבַקֵּשׁ.
9 אֶל-תִּסְתֵּר פָּנֶיךָ, מִמֶּנִּי-- אֶל תִּטְּ-בָאֶרְךָ, עֲבֹדְךָ;
עֲזָרְתִּי הָיִיתִי; אֶל-תִּטְּשֵׁנִי וְאֶל-תַּעֲזֹבֵנִי, אֱלֹהֵי יִשְׂרָאֵל.
10 כִּי-אָבִי וְאִמִּי עֲזָבוּנִי; יְהוָה יֶאֱסָפֵנִי.

7 Shema Adonai coli ecra, vechonêni vaanêni.

8 Lecha amar libi bakeshu fanai, et panecha Adonai avakesh. 9 Al taster panêcha mimêni, al tat beaf avdêcha, ezrati hayita, al titeshêni veal taazvêni Elohe yish'i. 10 Ki avi veimi azavûni, v'Adonai iaasfêni.

7 Ouve, Senhor, minha voz quando chamo, favorece-me e responde-me. 8 De Ti meu coração disse. “Procura Minha Presença.” Tua Presença, Senhor, eu procuro. 9 Não escondas Tua Presença de mim, não rejeites Teu servo em ira. Tu tens sido minha ajuda. Não me abandones, não me desampares, ó D'us de minha salvação. 10 Mesmo que meu pai e minha mãe tenham me desamparado, o Senhor me acolherá. (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 35)

Diante dos versículos sete, oito e nove, encontramos a isotopia da “Procura e Proteção Divina”, construída por meio das figuras “ouvir”, “voz”, “clamor”, “responder”, “Procura a Minha Presença”. Essas figuras introduzem o clamor do salmista por uma resposta divina, indicando a urgência e a intensidade de sua busca. Vemos o tema central da Oração e Súplica assim como também o tema do amparo divino. O uso do verbo “chamar” reforça a ação ativa de procurar Deus, sublinhando o desejo incessante de contato e resposta. Assim, surgem os temas de

“Busca sincera” e “Presença divina”, que indicam a intenção devocional incessante do salmista.

A declaração poética do salmista “meu coração disse: Procura a Minha Presença” assinala esse desejo de estar incessantemente em comunhão contínua com Deus. Assim, outra figura também se manifesta, a da “intimidade com Deus”, reforçando a isotopia presente. Já no versículo nove, também vemos o elemento temático da súplica pela permanência divina; mesmo reconhecendo a ajuda anterior de Deus, o salmista implora pelo cuidado e amparo de Deus: “não escondas”, “não rejeites”, são figuras que reforçam o tema. Vemos, diante disso, que a tensão se encontra alta, pelo risco do abandono e desamparo, mas a confiança persiste e vence, mantendo a convergência entre a presença do perigo e a proteção divina.

11 הורְנִי יְהוָה, דַּרְכְּךָ: וּנְחֵנִי בְּאֶרֶחַ מִישׁוֹר--לִמְעַן, שׁוֹרְרָי.

12 אֶל-תִּתְּנֵנִי, בְּנֶפֶשׁ צָרִי: כִּי קָמוּ-בִי יְעִדֵי-שָׂקֶר, וַיִּפֹּחַ חֲמָס.

13 לֹלֵא--הָאֱמָנִתִּי, לְרֹאוֹת בְּטוֹב-יְהוָה: בְּאֶרֶץ חַיִּים.

14 קוֹה, אֶל-יְהוָה: חֲזַק, וַיֵּאֱמַץ לְבָבִי; וְקוֹה, אֶל-יְהוָה.

11 Horêni Adonai darkêcha, unchêni berôach mishor lemáan shorerai. 12 Al titenêni benéfesh tsarai, ki cámu vi êde shéker vífêach chamás. 13 Lulê heemánti lir'ot betuv Adonai beérets chayim. 14 Cavê el Adonai, chazac veiaamets libêcha, vecavê el Adonai.

11 Instrui-me, Senhor, em Teu caminho e conduze-me no atalho da integridade por causa dos meus atentos inimigos. 12 Não me entregues aos desejos de meus atormentadores. Pois, eis que apareceu contra mim falso testemunho que sopra violência. 13 Não tivesse eu acreditado na contemplação da bondade do Senhor na terra da vida. 14 Confia no Senhor, fortalece-te e Ele te dará coragem; e confia no Senhor. (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 35)

Nos versículos finais, podemos identificar a isotopia da “Instrução e Integridade”. Vemos as figuras do “caminho”, “atalho da integridade”, que se constroem como uma indicação da vida justa e reta que o salmista deseja seguir sob a orientação divina. Já o “falso testemunho” e a “violência” figurativizam o perigo, as mentiras e as injustiças enfrentados. O tema é o “clamor por justiça”, solidificando ainda mais a confiança do salmista em Deus. Por último, nos versículos finais, temos a isotopia da “Esperança e coragem”; a esperança se encontra na bondade divina e, dentre as figuras que concretizam a isotopias, destaquemos “bondade do Senhor”, “terra da vida”, que assinalam o futuro desejado, em que o salmista vê a manifestação da graça divina. Temos também a figura da “coragem” em uma resposta ao “perigo”, enquanto que “fortalece-te” implica em um auto encorajamento fundamentado na confiança em Deus. A tensão se encontra em menor grau aqui, e a confiança é enfatizada como uma força que o

salmista deve cultivar. A convergência é clara, com a confiança dominando e neutralizando qualquer ameaça percebida.

Ao realizarmos esta análise, de acordo com a semiótica, identificando as figuras e os temas presentes, e considerando a tensão da confiança que permeia todo o texto, é essencial sistematizar essas observações. Para isso, como realizamos nos salmos anteriores, apresentaremos um quadro que sintetiza as principais isotopias identificadas ao longo dos versículos. Esse quadro evidencia as isotopias dominantes bem como os elementos figurativos e temáticos correspondentes, e a significação resultante, proporcionando uma visualização clara das relações entre os diferentes elementos do salmo, oferecendo uma compreensão mais concreta das nuances textuais e figurativas e de como o texto faz para apresentar esses elementos. Observemos o quadro, a seguir, acompanhado de um resumo geral da análise:

Isotopias, Figuras e Temas presentes no Salmo 27:

Isotopia	V	Elementos figurativos	Elementos temáticos	Significação
Luz e Salvação	12 3	Luz, salvação, força, medo, inimigos, exército, guerra	Proteção divina	A luz e a salvação são figuras da proteção divina, criando uma confiança inabalável no salmista, mesmo diante do perigo representado pelos inimigos e pela guerra.
Habitação Divina	4 5	Casa do Senhor, prazer, Santuário, Abrigo, Tenda, rocha	Desejo de proximidade com Deus	O desejo de habitar na Casa do Senhor reflete a busca por segurança espiritual e refúgio, com plena confiança na proteção oferecida pela presença divina.
Exaltação e Gratidão/Louvor	6 7	Cabeça elevada, inimigos, Tenda, oferendas, júbilo, voz, chamo.	Vitória e louvor	A exaltação e o louvor expressam a confiança do salmista em sua vitória sobre os inimigos, resultando em atos de adoração e reconhecimento da proteção divina.

Procura e Proteção Divina	8 9 10	Procura, Presença, ajuda, pai, mãe, acolherá, intimidade com Deus,	Busca pela presença divina. Amparo divino.	A procura pela Presença divina e a certeza do acolhimento por Deus, mesmo diante do abandono parental, reforçam a confiança em meio à tensão causada pelo risco de abandono.
Instrução e Integridade	11 12	Instrui-me, caminho, atalho da integridade, inimigos, falso testemunho, violência	Orientação divina e defesa contra inimigos	O pedido por instrução no caminho da integridade destaca a confiança do salmista na justiça e proteção de Deus, apesar da ameaça representada pelos inimigos e pela injustiça.
Esperança e Coragem	13 14	Bondade do Senhor, terra da vida, fortalece-te, coragem	Esperança na bondade divina e fortalecimento moral	A esperança na bondade divina e o chamado à coragem reforçam a confiança final do salmista, que se fortalece diante das adversidades, confiando na promessa de uma vida abençoada por Deus.

Quadro 4: Isotopia da Exaltação e Louvor em Meio ao Perigo. Fonte: autoria própria.

O salmo vinte e sete se constrói sobre uma profunda tensão entre a confiança do salmista e os desafios que ele enfrenta, é dizer também, entre a segurança oferecida pela presença divina e os perigos representados pelos inimigos. A isotopia da Luz e Salvação é central, dominante, na qual temos as figuras “luz” e “salvação” não apenas a indicar a proteção divina, mas também manifestando uma confiança inabalável do salmista, mesmo diante das ameaças. Logo após, a isotopia da Habitação Divina revela o profundo desejo do salmista de estar próximo a Deus, buscando refúgio e segurança na “Casa do Senhor”, no “Santuário” e em Sua “Tenda” (tabernáculo). Essas figuras destacam a segurança espiritual encontrada na proximidade com o divino, contrastando com a instabilidade do mundo exterior.

Na isotopia seguinte, a “Exaltação e Gratidão/Louvor”, a figura da “cabeça elevada” sobre os inimigos e as “oferendas de júbilo” expressam a vitória e o reconhecimento da proteção divina. O louvor aqui não é apenas um ato de gratidão,

mas um reforço da confiança do salmista em Deus. Já na isotopia da Procura e Proteção Divina, a busca incessante pela “Presença” de Deus e a certeza de ser acolhido, ainda se abandonado por “pai” e “mãe”, refletem a confiança no amparo divino em meio à tensão e risco de abandono.

Ao final, a isotopia de “Instrução e Integridade” marca o pedido do salmista por orientação divina, com figuras como “caminho” e “atalho da integridade”. Tais figuras ressaltam a confiança na justiça e proteção divina, ainda que diante de falsas acusações e violência. Já a isotopia da “Esperança e Coragem” finaliza o salmo com um chamado à força moral e à esperança na bondade divina, reafirmando a confiança do salmista na promessa de uma vida abençoada por Deus. Podemos observar como a confiança do salmista em Deus se manifesta como uma paixão semiótica que atravessa todo o texto; a construção do sentido é fortemente enraizada na figura de Deus como refúgio, luz e salvação, e vimos como essas imagens figurativas e temáticas se entrelaçam para sustentar uma confiança que perdura mesmo diante das adversidades. Essa confiança inabalável do salmista, que já foi demonstrada em momentos de perigo e desespero, agora será retomada em uma nova perspectiva no Salmo quarenta.

No próximo tópico, o tema da confiança se constrói de maneira mais testemunhal. O Salmo quarenta nos conduz a uma reflexão que se apresenta por meio de uma espera prolongada e de um resgate por parte de Deus. Nele, a confiança é expressa não só como uma força interior, mas como um reconhecimento concreto das ações divinas no decorrer da vida do salmista. Nesse sentido, a relação entre sofrimento e salvação será um ponto central, mostrando como as figuras e temas, que partem de uma condição inicial de aflição, se transformam em louvor e gratidão. Passemos à análise do Salmo quarenta.

3.4. Da Adversidade ao Louvor: A Confiança no Texto do Salmo 40

Ao longo deste tópico, veremos como o Salmo quarenta apresenta a confiança como paixão em seu desenvolvimento. Já podemos apresentar um aspecto inicial, o de que o tema da alegria/gratidão irá se consolidar ao longo do salmo de um modo mais evidente, com sua presença dominante tornando-se uma isotopia. Consideraremos também a presença de figuras que consolidam o tema da gratidão, evidenciando ainda mais esse aspecto. Veremos ainda como essa isotopia principal será manifestada pela paixão da confiança e pelo testemunho de fé (*Emuná*) do enunciador. Vamos ao Salmo:

1 Para o Condutor, para David, um cântico. 2 Eu tenho esperado e esperei pelo Senhor, (de modo que) Ele Se inclinou para mim e ouviu meu grito. 3 Ele ergueu-me do poço de águas turbulentas, da imunda lama; Ele colocou meus pés sobre uma rocha; Ele firmou meus passos. 4 Ele colocou na minha boca uma nova canção, um hino para nosso D'us. Multidões verão e ficarão atemorizadas, e elas confiarão no Senhor. 5 Louvores ao homem que fez do Senhor sua confiança, e não se voltou para os arrogantes e para aqueles que se desviam para a falsidade. 6 Muito tu fizeste-Tu, Senhor, meu D'us. Tuas maravilhas e Teus pensamentos são para nós, ninguém pode comparar-se a Ti. Posso contar ou falar deles? Eles são demasiado poderosos para relatar. 7 Nem sacrifício nem oferenda Tu desejaste, mas ouvidos receptivos Tu abriste para mim. Holocaustos e oferendas de pecado Tu não solicitaste. 8 Então eu disse: “Eis que eu cheguei!” No rolo do Livro está escrito de mim. 9 Para cumprir Tua vontade, meu D'us, eu desejei e Tua Torá está nos meus intestinos. 10 Proclamei Tua retidão numa vasta assembleia. Eis que meus lábios não contengo, Senhor, Tu sabes. 11 Tua retidão não escondi dentro do meu coração. De Tua fidelidade e Tua salvação eu falei. Não retraí Tua benevolência e Tua verdade da vasta assembleia. 12 Tu, Senhor — não retraias Tua misericórdia de mim; (que) Tua benevolência e Tua verdade sempre me protejam. 13 Pois maldades sem número me cercaram, meus pecados me alcançaram e eu não pude ver; eles foram mais que os cabelos na minha cabeça e meu coração fraquejou. 14 Quere, Senhor, socorrer-me, Senhor, para minha ajuda, apressa-Te. 15 Que eles sejam colocados em vergonha e desgraça, aqueles que buscam minha vida, para colocar nela um fim. Que eles recuem e sejam humilhados, aqueles que me desejam mal. 16 Que eles sejam surpreendidos por sua merecida vergonha, aqueles que me dizem “Ahá! Ahá!” 17 Que eles rejubilem e fiquem alegres em Ti, todos os que Te buscam. Que eles sempre digam “O Senhor seja magnificado!” aqueles que amam Tua salvação. 18 Quanto a mim, sou pobre e necessitado. Meu Senhor, pensa em mim. Tu és minha ajuda e Aquele que faz minha fuga. Meu D'us, não demores. (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p.56 - 58)

Além de explorarmos o Salmo quarenta, abordaremos também fragmentos do Salmo dezoito, que compartilham das mesmas figuras e temas, ou seja, o Salmo dezoito constrói um diálogo significativo com este salmo selecionado para análise; assim, veremos como algumas das mesmas figuras se fazem presentes em ambos os salmos (a exemplo do próprio tema da gratidão e do louvor). Observaremos como, ao longo dos dois salmos, a confiança em Deus é um eixo central que sustenta o enunciador em meio às dificuldades, resultando, ao final, em um testemunho de gratidão e louvor. As tensões entre adversidade e confiança, que consideraremos de forma tão nítida nos dois salmos em questão, serão analisadas a partir das isotopias que constituem o texto e nos ajudarão a compreender o percurso de significação e construção da fé do salmista.

De início, encontramos as figuras do “Condutor” de canções. Essa figura assinala o líder ou regente do cântico ou hino, remetendo a alguém que guia a execução do louvor, uma liderança espiritual ou uma figura de direção no culto a Deus. Há também a figura de “*David*”, o rei bíblico de Israel, a que se dá a autoria do salmo (no hebraico, a letra *lamed* pode indicar a preposição “de”); ele é aqui tratado como o enunciador, que testemunha a sua confiança em Deus por meio de um cântico. Temos também a figura do “cântico”, ou seja, um louvor ou oração em forma de canção, uma forma expressiva de comunicação com Deus, geralmente associada à celebração e ao agradecimento. É uma figura central que reflete um ato de louvor, confiança e gratidão, comum não somente nas tradições judaicas, mas também em outras esferas religiosas.

Quando voltamos à figura do condutor, reconhecemos em sua esfera de sentido outro sema, mais uma significação, a de que o real condutor é o Senhor, que conduz a vida e as ações dos fiéis. No livro em que se encontram os separados para análise, vemos uma reflexão apresentada em nota de rodapé acerca do sentido presente nesse elemento figurativo, vejamos a seguir:

Os primeiros doze versículos deste Salmo indicariam que David estava no auge da felicidade quando pronunciou essas palavras (o êxtase e a eloquência justificam a descrição “uma nova canção” usada no versículo 4). Porém, se lermos depois do versículo 12, veremos que a canção foi escrita quando o salmista se achava assaltado por muitos perigos e em necessidade extrema de salvação. No meio desses infortúnios, David encontra força e se inspira nas muitas ocasiões anteriores em que D'us o resgatou. Assim, o Senhor demonstrou a David que ele é o real

Menatseach, que concede vitória, conferindo ao homem a força espiritual com a qual enfrenta todas as tribulações terrenas. Isso ilustra o poder único de David para extrair alegria arrebatadora das profundezas da adversidade. (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 56)

Podemos reconhecer como a figura do condutor de louvores desempenha um papel central na construção da paixão da confiança. Como nota o texto da citação, embora o salmista esteja em meio a adversidades, o “Condutor” (*Menatseach*) — tradicionalmente visto como aquele que guia o louvor — pode ser interpretado como uma representação de Deus, aquele que concede vitória e força espiritual. Esse resgate divino, evidenciado por experiências passadas de salvação, se transforma em um novo cântico, uma expressão que não se origina apenas da alegria, mas também da superação das tribulações. O enunciador, então, reflete sua confiança não como uma abstração, mas como um estado transformado pela ação do “Condutor”, que assume o papel de guia e libertador. Essa figura age como um actante que conduz o enunciador da adversidade ao louvor, consolidando a relação entre confiança e salvação. A seguir, vejamos os primeiros versículos em hebraico, em transliterado e na versão em português:

1 לַמְנַצֵּחַ לְדָוִד מִזְמוֹר :

2 קוֹה קִיֵּיתִי יְהוָה וַיֵּט אֵלַי וַיִּשְׁמַע שׁוֹעֲתִי :

3 וַיַּעֲלֵנִי מִבּוֹר שְׁאוֹן מִטֵּיט הַיֵּינן וַיָּקֶם עַל-סֵלַע רֶגְלִי כוֹנֵן אֲשַׁר :

1 Lamnatsêach leDavid mizmor.

2 Cavô kiviti Adonai, valet elai vayishamá shav’ati.

3 Vaiaalêni mibor shaon mitit haiaven, vaiakem al sêla raglai conen ashurai.

1 Para o Condutor, para David, um cântico. 2 Eu tenho esperado e esperei pelo Senhor, (de modo que) Ele Se inclinou para mim e ouviu meu grito. 3 Ele ergueu-me do poço de águas turbulentas, da imunda lama; Ele colocou meus pés sobre uma rocha; Ele firmou meus passos. (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 56)

Vê-se que a primeira isotopia a ser estabelecida é a do resgate divino. Já no versículo dois, o salmista apresenta uma figura de desespero no “poço de águas turbulentas” e na “imunda lama”, as quais revestem adversidades e dificuldades profundas, com valores de opressão e vulnerabilidade. O tema pulsante aqui é o da Salvação e Resgate e Deus é a figura que retira o salmista da escuridão para uma posição segura, “colocando seus pés sobre uma rocha”. Vemos novamente, a exemplo de salmos anteriores, a figura da rocha e suas implicações de sentido: a confiança se constrói ao longo desses versículos, em que o salmista experimenta a intervenção divina que o livra de uma situação de total desesperança. Há outro elemento que se constrói, inclusive, como um testemunho do próprio salmista “Eu tenho esperado e esperei pelo Senhor”. Reconhecemos, assim como em outros

salmos, que essa salvação não é apenas física, mas transcende ao espiritual. O enunciador expressa sua confiança em Deus ao afirmar que esperou pacientemente, de modo que o Senhor se inclinou para ele e ouviu o seu grito.

A imagem de Deus inclinando-se indica uma resposta divina que vai além da simples intervenção material; é uma resposta ao clamor interior do salmista, uma conexão entre o humano e o divino que transforma a situação de aflição do primeiro em um ato de resgate espiritual; tal construção aponta para a Emuná, a fé absoluta, do que crê ainda diante de todas as adversidades. Na sequência, vemos o testemunho do resultado dessa espera: “(de modo que) Ele se inclinou para mim e ouviu meu grito”, a reconhecer que a fé é provada, mas recebe o consolo divino e a salvação. Quando o salmista declara que foi “erguido do poço de águas turbulentas, da imunda lama”, recorre a figuras que remetem a uma situação de profunda angústia, quase sufocante. No nível discursivo, essas imagens de águas turbulentas e lama podem ser interpretadas como se apontassem tanto para os perigos físicos quanto para o estado emocional e espiritual de desespero. A salvação que ele experimenta ao ser “colocado sobre uma rocha” assinala, figurativamente, não apenas um lugar físico de segurança, mas também uma nova fundação espiritual, um estado de firmeza e clareza, após a experiência de caos. Essa “rocha” é uma metáfora recorrente na tradição bíblica para a presença constante e protetora de Deus, oferecendo ao salmista estabilidade e confiança. Vejamos os versículos seguintes:

4 וַיִּתֵּן בִּפִּי שִׁיר חֲדָשׁ תְּהִלָּה לֵאלֹהֵינוּ יִרְאוּ רַבִּים וַיִּירָאוּ וַיִּבְטְחוּ בִּיהוָה :

5 אֲשֶׁר־יִהְיֶה הַגִּבֹּר אֲשֶׁר־שָׁם יְהוָה מִבְּטָחוֹ וְלֹא־פָנָה אֶל־רֹדְפִים וְשָׁטִי כָזָב :

4Vayiten befi shir chadash tehila leloheinu, yir'ru rabim veyirau veyivtechu b'Adonai. 5 Ashrê haguéver asher sam Adonai mivtacho, velo fana el rehavam vessatei chazav.

4 Ele colocou na minha boca uma nova canção, um hino para nosso D'us. Multidões verão e ficarão atemorizadas, e elas confiarão no Senhor. 5 Louvores ao homem que fez do Senhor sua confiança, e não se voltou para os arrogantes e para aqueles que se desviam para a falsidade. (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 56)

Logo depois, no versículo quatro, constrói-se a isotopia do Louvor e da Exaltação, que se apresenta por meio do testemunho do salmista. Essa resposta é uma nova canção, um cântico de louvor que reflete gratidão e reconhecimento. As figuras presentes compõem o sentido, a da “boca” e da “nova canção” transmitem uma renovação espiritual e emocional após o resgate. Além disso, essa canção

serve como testemunho público, no qual outros possam ver a ação de Deus e confiar Nele. Temos o tema do agradecimento e também o do assombro, os quais podem ser reconhecidos por meio das figuras das “multidões”, que “verão e temerão”, e também “ficarão atemorizadas”. Isso indica esse assombro por parte daqueles que verão o testemunho anunciado.

No versículo cinco, encontramos o tema da “bem aventurança”, pois o salmista declara “Louvores ao homem que fez do Senhor a sua confiança”. Nesse fragmento, podemos reconhecer o lexema “louvores” cuja construção de sentido aqui apresentará os semas de honra, de graça, de fartura, de direito, e de felicidade. Outro elemento que podemos utilizar para construir o sentido presente é “bem aventurado”, ou seja, aquele que dá nome ao tema aqui presente. O sentido presente neste salmo se manifesta do lexema אֲשֶׁרִי, em transliterado *ashrei*, que possui os semas antes citados, e não apenas descreve uma felicidade momentânea ou circunstancial, mas exprime uma condição de bem-aventurança fundamentada na confiança em Deus, que transforma o salmista em um receptor das bênçãos divinas.

Face ao exposto, podemos olhar um pouco mais para cada um dos semas que constroem a significação dessa figura: o sema de “honra” reflete a elevação espiritual daquele que deposita sua confiança em Deus, que não apenas alcança uma posição de respeito e dignidade, mas se encontra em uma relação direta e privilegiada com o Criador; já o sema de “graça”, por sua vez, indica o favor divino derramado sobre o ser que confia, o qual experimenta uma felicidade que não depende das circunstâncias, mas da benevolência de Deus. Além disso, o sema de “fartura” apresenta uma abundância espiritual, em que a confiança no Senhor não apenas garante o sustento físico, mas também nutre a alma de maneira plena e completa; tal confiança, associada à fartura espiritual, faz com que o indivíduo experimente uma vida interior rica e satisfatória, refletindo uma comunhão profunda com Deus. Já o sema de direito evoca a justiça divina, na qual o bem-aventurado tem garantido o seu lugar na presença de Deus, sendo digno de Suas bênçãos por ter escolhido o caminho da retidão e da verdade.

Nesse trecho do salmo, a confiança se apresenta em isotopia, reconhecida como a da confiança absoluta no Senhor, destacada como o valor supremo em

oposição àqueles que se voltam para a falsidade. Essas figuras apresentam em seus semas o “orgulho”, a prepotência, o desprezo, a insolência, a falsidade e a autossuficiência. O orgulho dos arrogantes se coloca como um obstáculo à dependência total em Deus, ao mesmo tempo em que a prepotência revela uma tentativa de controle e autossuficiência que ignora a soberania divina. O desprezo e a insolência expressam a atitude de desafio e desdém em relação à necessidade de confiar no Senhor. Por fim, a falsidade e a autossuficiência dos arrogantes evidenciam a sua inclinação para confiar apenas em si mesmos e nas mentiras que alimentam essa postura, distanciando-se da verdade e da proteção divina, que são exaltadas pelo salmista como verdadeiras fontes de segurança e força.

Sigamos na leitura dos versículos posteriores:

6 רבות עשית אתה יהוה אלהי נפלאותיך ומחשבותיך אלינו אין ערך אליך אגידה ואדברה
עצמו מספר :

7 זבח ומנחה לא-חפצת אֶזְנִים כְּרִית לִי עוֹלָה וְחֹטְאָה לֹא שְׁאַלְתָּ :

6 Rabot assíta ata Adonai Elohai, nifleotecha umachshevotêcha elênu, ein aroch elêcha aguída vaadabêra, atsemu missapêr. 7 Zêvach umincha lo chafátsta, oznàyim caríta li, ola vachataa lo shaálta.

6 Muito tu fizeste-Tu, Senhor, meu D'us. Tuas maravilhas e Teus pensamentos são para nós, ninguém pode comparar-se a Ti. Posso contar ou falar deles? Eles são demasiado poderosos para relatar. 7 Nem sacrifício nem oferenda Tu desejaste, mas ouvidos receptivos Tu abriste para mim. Holocaustos e oferendas de pecado Tu não solicitaste. (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 56)

Nos versículos seis e sete, temos como isotopia a Incomparabilidade divina. Nesse trecho, o salmista celebra as maravilhas de Deus e a superioridade divina sobre todos os outros seres. As “maravilhas” e os “pensamentos de Deus” se apresentam como figuras que apontam para a complexidade e a grandiosidade dos planos divinos, impossíveis de serem plenamente compreendidos ou relatados. Esses elementos figurativos, ao enfatizarem o caráter sobrenatural das ações e intenções divinas, constroem a isotopia da onipotência divina, e o salmista reconhece que é impossível contar ou descrever plenamente essas maravilhas, indicando a infinidade de ações e a profundidade dos planos de Deus. A confiança aqui se manifesta na aceitação de que o ser humano não consegue compreender todos os desígnios divinos, mas que eles são sempre superiores e imutáveis. Ao declarar “Muito tu fizeste, Senhor”, destaca-se a magnitude das obras e dos pensamentos divinos, refletindo um reconhecimento da onipotência de Deus, com o uso do lexema evidenciando uma carga de sentido quantitativa e qualitativa,

manifestando que as maravilhas realizadas por Deus são incontáveis, restando além da capacidade humana de compreensão; não apenas se realça a grandeza de Deus, mas também sublinha a ideia de que a ação divina transcende a limitação humana, afirmando Sua soberania sobre todas as coisas.

Podemos reconhecer também, no versículo sete, que a ênfase se direciona à importância da obediência e da observância dos caminhos de justiça. O sentido se constrói apresentando que Deus deseja mais que sacrifícios rituais. Temos a figura dos “sacrifícios” e das “oferendas”, representando as práticas de sacrifícios dedicadas no templo, assim como no versículo presente em Deuteronômio 12:11. Vejamos:

Então haverá um lugar que escolherá o Senhor, vosso Deus, para ali fazer habitar o seu nome; a esse lugar fareis chegar tudo o que vos ordeno: os vossos holocaustos, e os vossos sacrifícios, e os vossos dízimos, e a oferta das vossas mãos, e toda escolha dos vossos votos feitos ao Senhor, e vos alegrareis perante o Senhor, vosso Deus, vós, os vossos filhos e as vossas filhas [...] (BÍBLIA SAGRADA, Deuteronômio 12:11)

Vemos aqui uma reflexão genuína acerca da importância de entregar algo valioso ao Senhor; em uma reconstrução de sentido, o salmista aponta para a verdadeira importância de uma entrega de confiança absoluta, em que Deus não deseja apenas atos externos, mas ouvidos receptivos e um coração obediente; esse versículo constrói o tema da obediência e receptividade interior como sendo mais valioso que qualquer ritual. A figura do ouvido receptivo evoca a ideia de uma intimidade com Deus baseada em fé genuína e confiança, em que o salmista se coloca completamente disponível à vontade divina. A paixão da confiança emerge aqui como um elemento que transforma a relação entre o salmista e Deus, e a submissão à vontade divina é mais importante do que o cumprimento de sacrifícios materiais. A confiança plena substitui as ações exteriores, priorizando a verdadeira entrega do coração e do espírito. Nos versículos seguintes, reconheceremos ainda mais esse efeito de sentido provocado pelo texto, em que a entrega a Deus se apresenta como propósito divino:

8 אֲזֵאמַרְתִּי הִנֵּה-בָאתִי בִמְגִילַת-סֵפֶר כְּתוּב עָלַי :

9 לַעֲשׂוֹת-רְצוֹנָךְ אֱלֹהִי חֲפָצְתִּי וְתוֹרָתְךָ בְּתוֹךְ מִעֵי :

8 Az amárti hine vátí, bimguilat sêfer catuv alai.

9 Laassot retsonecha Elohai chafásti, vetoratecha betoch meai.

8 Então eu disse: “Eis que eu cheguei!” No rolo do Livro está escrito de mim.

9 Para cumprir Tua vontade, meu D'us, eu desejei e Tua Torá está nos meus intestinos. (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 57)

Diante desse fragmento, reconhecemos a isotopia da “obediência e confiança na vontade divina”. Quando nos deparamos com as figuras, podemos encontrar a da chegada, “eu cheguei”, que expressa a disponibilidade, a prontidão e a entrega total do salmista diante de Deus. Ele não está apenas se colocando fisicamente, mas declarando sua prontidão espiritual e emocional para aceitar e seguir esse caminho. O ato de chegar aponta para o final do processo de uma jornada de confiança, no qual o salmista reconhece que sua vida já está delineada no “rolo do Livro”, reforçando sua obediência ao plano de Deus.

As próximas figuras a serem identificadas são a “Torá nos intestinos” e a própria “Vontade divina”, com o salmista consolidando ainda mais a sua confiança ao expressar o desejo de cumprir a vontade de Deus. A “Torá nos intestinos” é uma figura para significar que a lei divina está profundamente enraizada no ser do salmista, não apenas como uma obrigação externa, mas como uma verdade interiorizada, uma força que governa todas as suas ações. A Torá, nesse caso, não é vista apenas como uma série de mandamentos, mas como o próprio eixo de sua vida e conduta, algo que ele anseia cumprir de forma espontânea e natural. A expressão hebraica, presente neste salmo, apresenta essa figura como *veToratecha betoch meai* וְתוֹרַתְךָ בְּתוֹךְ מֵעֵי, em que a Torá תוֹרָה significa “lei”, “instrução” ou “ensinamento”, referindo-se aos ensinamentos divinos ou à vontade de Deus, e *Meai* מֵעֵי significa “intestinos” ou “entranhas”, uma expressão comum no hebraico bíblico para indicar a profundidade emocional ou espiritual de uma pessoa, o centro do ser, ou seja, as emoções e sentimentos mais internos.

O trecho evidencia alguns semas, como o da internalização, apresentando a Torá não apenas como uma lei externa, mas uma verdade interior; o sema da espiritualidade, da submissão e da obediência, evidenciando que os lexemas citados, no contexto, constroem um sentido de submissão total e confiante à vontade divina. Aqui, não vemos a Torá como uma imposição externa, mas como algo que já faz parte do salmista, algo que guia e molda suas decisões, atitudes e visão de mundo, expressando que a confiança do salmista não se limita a ações

exteriores de obediência, mas envolve uma aceitação interna e plena dos valores e mandamentos divinos.

A paixão da confiança é visível na atitude do salmista de se entregar completamente ao plano divino. O enunciador demonstra uma confiança absoluta, não apenas em acreditar que Deus já planejou seu caminho, mas também em desejar seguir essa rota com alegria e entrega. O “rolo do Livro” e a “Torá nos intestinos” são figuras que indicam o quão profundamente essa confiança está enraizada. O salmista não se debate entre seguir ou não a vontade de Deus; pelo contrário, ele a abraça com entusiasmo. A confiança atua como um eixo que move toda a relação entre o salmista e Deus, e é por meio dessa confiança que ele pode cumprir o propósito divino com alegria e submissão.

Ao verificar os temas, podemos destacar o da “Obediência”, existente por meio dos fatores já levantados, o da “Confiança absoluta”, paixão central ao longo de todos os versículos e a “Internacionalização da lei divina, evidenciando que a obediência à lei de Deus não é algo imposto de fora, mas uma força interna que o guia. Esse tema destaca a devoção interior do salmista, que vive e respira a vontade divina.

Nos versículos a seguir, veremos a fé do salmista se expandir para o testemunho público, evidenciando uma confiança ativa, que se revela tanto no coração, quanto nas palavras:

10 בְּשִׁרְתִּי צִדְקַתְּ בְּקֶהֱל רַב הִנֵּה שִׁפְתִּי לֹא אֶקְלָא יְהוָה אֱתָהּ יִדְעֶת :
 11 צִדְקָתְךָ לֹא־כִסִּיתִי בְּתוֹךְ לִבִּי אֱמוּנָתְךָ וּתְשׁוּעָתְךָ אֱמָרְתִּי לֹא־כִחַדְתִּי חֲסִדְךָ וְאַמְתָּךְ לִקְהֵל
 רַב :

10 Bissarti tsédec becahal rav, hine sefatai lo echla, Adonai ata iadáta.
 11 Tsidcatecha lo chissiti betoch libi, emunatecha vaamitecha lecahal rav.
 10 Proclamei Tua retidão numa vasta assembleia. Eis que meus lábios não contengo, Senhor, Tu sabes. 11 Tua retidão não escondi dentro do meu coração. De Tua fidelidade e Tua salvação eu falei. Não retraí Tua benevolência e Tua verdade da vasta assembleia. (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 57)

Ao longo dos dois versículos, dez e onze, reconhecemos duas isotopias existentes: a do louvor público e a da proclamação da verdade divina, manifestadas por diversas figuras e temas. Entre as figuras, temos o ato de “proclamar” a retidão divina, que implica uma ação pública e assertiva, em que o salmista não apenas preserva a retidão divina para si, mas a proclama para uma “vasta assembleia”

(outra figura central), o que remete à abertura e à exposição da verdade de Deus a todos. Temos também “os lábios” como figura, que por si só remetem ao órgão de fala, apontando para a expressão exterior de uma verdade interior. A voz é o veículo pelo qual o salmista transmite seu compromisso com Deus, enfatizando que o louvor e a proclamação da retidão são manifestações verbais e não apenas internas.

Também podemos encontrar a figura da “Vasta assembléia”, que enfatiza o caráter público e coletivo da confiança e da verdade. Não é um louvor solitário ou uma experiência privada de fé, mas um testemunho dirigido a uma grande audiência. Com relação aos temas existentes, podemos reconhecer principalmente três: o primeiro refere-se à “Transparência e testemunho público”, o salmista destaca sua incapacidade de “conter” o que sente e sabe sobre a retidão divina, reforçando o tema da transparência e da abertura; a confiança em Deus é tão plena que ele não consegue deixar de compartilhá-la. Também temos o tema do “Louvor e exaltação”, que se manifesta não como uma prática solitária para o benefício pessoal, mas uma prática comunitária, na qual o enunciador serve como uma ponte entre a verdade divina e a comunidade. O terceiro tema refere-se à “Fidelidade à palavra divina”, em que o ato de proclamar a retidão de Deus indica que o salmista é fiel ao mandato divino de espalhar a verdade, reforçando o tema da obediência à vontade de Deus.

Já no versículo onze, ainda inserido na isotopia do louvor e do testemunho público, aprofunda-se a relação entre a fé interior do salmista e sua manifestação pública. Reconhecemos quatro figuras principais, dentre elas as de “Retidão no coração”, formando um conceito em torno de retidão que, estando “no coração”, figurativiza algo profundo e interior, pois o coração, enquanto centro emocional e espiritual, aponta que a retidão de Deus está profundamente enraizada no salmista. Outras figuras reconhecidas são as de “fidelidade e salvação”, centrais para a confiança. A fidelidade de Deus garante que Ele cumpre Suas promessas, enquanto a salvação aponta para o ato de resgatar e proteger, o que reforça o tema da segurança divina. Encontramos também as figuras de “benevolência e verdade”, em que a benevolência refere-se ao caráter misericordioso de Deus, enquanto a verdade aponta para a Sua imutabilidade e justiça; ambas as figuras reforçam o

entendimento de que o relacionamento com Deus é baseado em uma aliança justa e misericordiosa. Por fim, novamente, encontramos a “vasta assembleia”, que como já vimos, manifesta o testemunho público da confiança do salmista em Deus.

No que se refere aos temas, vemos novamente o da “fé interior e exterior”. O tema da integração da fé interior (retidão “no coração”) com a manifestação pública (proclamação) é central, pois a confiança em Deus é algo que não pode ser contido, sendo inevitavelmente exteriorizada. Reconhecemos também o tema da fidelidade divina, com a confiança do salmista baseada na fidelidade contínua de Deus; sua salvação é motivo de louvor, o que sugere que Deus age de acordo com Sua justiça e compaixão, independentemente das circunstâncias. Por último, com semelhante grau de importância, vemos o tema da “Aliança e benevolência”, em que o salmista ressalta a aliança entre ele e Deus, no qual Deus oferece Sua benevolência e verdade; a confiança surge da certeza de que Deus é consistentemente bondoso e fiel.

Com relação à paixão da confiança, podemos reconhecer que, mais uma vez, ela é expressa pelo salmista em aspecto tensivo máximo. Ele confia não apenas na retidão de Deus, mas também no impacto dessa verdade quando transmitida ao público. O fato de não “conter” seus lábios, mesmo diante de uma vasta assembleia, mostra uma confiança absoluta no poder de Deus, na veracidade de Seus mandamentos e na proteção que isso lhe oferece. A intensidade emocional aumenta à medida que o salmista afirma não ter “retraído” a benevolência e a verdade de Deus; essa confiança é plena e inabalável, transbordando do coração para a comunidade. O fato de o salmista falar da fidelidade e salvação reforça sua confiança na presença ativa de Deus na vida daqueles que O seguem. Já nos versículos seguintes, veremos outra isotopia entrando em ação: a “Isotopia da proteção diante do perigo”:

12 אַתָּה יְהוָה לֹא־תִכְלָא רַחֲמֶיךָ מִמֶּנִּי חֲסִדְךָ וְאַמְתָּךְ תִּמְיֵד יִצְרוּנִי :
 13 כִּי אֶפְוֶ־עָלִי רַעוּת עַד־אֵין מִסֶּפֶר הַשִּׁיגוּנִי עֹנֹתִי וְלֹא־יִכְלֹתִי לִרְאוֹת עֲצָמוֹ מִשְׁעֵרוֹת רֹאשִׁי
 וְלִבִּי עֲזָבָנִי :

14 רִצָּה יְהוָה לְהַצִּילֵנִי יְהוָה לְעֲזָרְתִּי חוֹשֶׁה :
 15 יִבְשׁוּ וַיִּחַפְּרוּ יַחַד מִבְּקָשִׁי נַפְשִׁי לִסְפוֹתֶהּ יִסְגוּ אַחֲרָיִךְ וַיִּכְלְמוּ חֲפָצֵי רַעְתִּי :

16 יִשְׁמוּ עַל־עֵקֶב בְּשִׁתָּם הָאֲמָרִים לִי הָאֵחָ הָאֵחָ :

12 Ata Adonai lo tichla rechamêcha mimêni, chasdecha vaamitecha tamid yitserúni.

13 Ki afefu alai raot ad en mispar, hissegúni avonotai velo iacholti lir'ot, atsemu missaerot roshi velibi azavani. 14 Retsê Adonai lehatsilêni, Adonai leezrati chúsha. 15 levôshu veiachperú iachad mevacshê nafshi lispota, yissôgu achor vayicalemu chafetsê raati. 16 lashômu al ékev boshtam, haomerim li heach heach.

12 Tu, Senhor — não retraias Tua misericórdia de mim; (que) Tua benevolência e Tua verdade sempre me protejam. 13 Pois maldades sem número me cercaram, meus pecados me alcançaram e eu não pude ver; eles foram mais que os cabelos na minha cabeça e meu coração fraquejou. 14 Quere, Senhor, socorrer-me, Senhor, para minha ajuda, apressa-Te. 15 Que eles sejam colocados em vergonha e desgraça, aqueles que buscam minha vida, para colocar nela um fim. Que eles recuem e sejam humilhados, aqueles que me desejam mal. 16 Que eles sejam surpreendidos por sua merecida vergonha, aqueles que me dizem “Ahá! Ahá!” (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 57)

A isotopia existente é solidificada no versículo doze por meio das figuras de “misericórdia”, de “benevolência” e “verdade”. A figura da misericórdia aparece como o escudo espiritual que o salmista busca e envolve a ideia de compaixão divina, que não só perdoa, mas também protege. Já as figuras da benevolência e da verdade de Deus são postas em um contexto de segurança: a verdade refere-se à justiça imutável de Deus, enquanto a benevolência aponta para o cuidado divino; juntas, elas formam a proteção que o salmista busca. Reconhecemos os temas de “Proteção pela aliança” e de “Dependência espiritual”. A confiança do salmista reside na aliança que ele tem com Deus, em que a proteção é garantida pela misericórdia, benevolência e verdade divinas; também vemos que o salmista reconhece sua total dependência de Deus para ser protegido contra o mal, destacando a confiança plena Nele como sua fonte de segurança.

No versículo treze, inserido na mesma isotopia, vemos também o tema da culpa pessoal, em que o salmista reconhece que suas próprias falhas (pecados) contribuem para sua situação de aflição. Diante das figuras, citemos a de “maldades sem número”, que apontam para as ameaças externas e internas; elas são amplificadas pela expressão “sem número”, manifestando um perigo esmagador e contínuo que o cerca. Vemos também a figura dos “pecados que o alcançaram”, que revela uma autorreflexão do salmista, em que ele reconhece que suas próprias transgressões contribuem para sua vulnerabilidade; o pecado é visto como um perseguidor, algo que o “alcança”. Outra figura chave na questão é a construída pela expressão “Mais que os cabelos na minha cabeça”; trata-se de uma hipérbole que intensifica a gravidade da situação, sugerindo que os pecados e maldades são inumeráveis e impossíveis de suportar sozinho.

Em respeito aos temas, vemos o do “arrependimento”, em que o salmista está ciente de suas falhas e as confessa, reconhecimento que é fundamental para que a misericórdia divina possa agir. Outro tema presente é o da “vulnerabilidade”. A confiança aqui assume uma forma tensiva, em que a consciência da culpa e da fraqueza física (fraqueza do coração) realça a necessidade de socorro divino. Já no versículo quatorze, temos a isotopia da “Súplica e da urgência pela intervenção divina”. O pedido por socorro reflete a confiança do salmista de que, apesar de sua condição, Deus virá em seu auxílio; construído pelas figuras de “Socorrer-me” e “Apressa-te”, verificamos como esse pedido de intervenção e socorro se manifesta. A figura do socorro implica uma intervenção rápida e decisiva de Deus, pois o salmista sabe que precisa de ajuda imediata e recorre ao único que pode salvá-lo. Já a urgência do salmista evidenciada pela expressão “apressa-te” revela o quão iminente é a sua situação de perigo, reforçando a dependência total de Deus como sua única esperança.

15 יִבְשׁוּ וַיִּחְפְּרוּ יַחַד מִבְקֹשִׁי נַפְשִׁי לְסִפּוֹתָהּ יִסְגּוּ אַחֲרַי וַיְכַלְמוּ חַפְצֵי רַעְתִּי :

16 יִשְׁמוּ עַל-עֵקֶב בְּשִׁתָּם הָאֲמָרִים לִי הָאֵחַ הָאֵחַ :

15 levôshu veiachperú iachad mevacshê nafshi lispota, yissôgu achor vayicalemu chafetsê raati. 16 lashômu al ékev boshtam, haomerim li heach heach.

15 Que eles sejam colocados em vergonha e desgraça, aqueles que buscam minha vida, para colocar nela um fim. Que eles recuem e sejam humilhados, aqueles que me desejam mal. 16 Que eles sejam surpreendidos por sua merecida vergonha, aqueles que me dizem “Ahá! Ahá!” (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 57)

Nesses dois versículos, vemos como a “Isotopia do confronto com os inimigos” aparece, em que o salmista clama para que seus adversários sejam punidos e envergonhados. Dentre as figuras, vemos a expressão “buscam a minha vida”, e os inimigos que buscam a vida do salmista são figurados como caçadores implacáveis, cujo objetivo é a destruição do enunciador. Há também as figuras de “vergonha de desgraça”, que evidenciam uma inversão de ordem; o salmista pede para que a humilhação e a vergonha que ele sofre sejam transferidas para seus inimigos. Também vemos a expressão “Ahá! Ahá!”, interjeição que se apresenta como uma figura de zombaria e desprezo; aqueles que zombam do salmista são, por sua vez, alvos de vergonha.

Com relação aos temas, vemos a “Justiça divina”, que aparece aqui como um desejo de que Deus reverta a situação, punindo os inimigos do salmista, e o tema da “Vingança justa”, em que a confiança do salmista em Deus como juiz reflete uma

fé em que Deus reverterá a situação de humilhação e perigo. A paixão da confiança nesses versículos transita entre a súplica urgente e a certeza de que Deus trará a vingança justa sobre os adversários. As figuras de “misericórdia”, “pecados”, “socorro”, “vergonha” e “inimigos” constroem o cenário de uma súplica tensa e urgente por intervenção divina, enquanto a confiança do salmista continua a se afirmar mesmo em meio ao caos e à culpa. A confiança aqui, mesmo em meio ao medo, é inabalável, e o salmista mantém sua fé em que Deus irá inverter sua situação. Prossigamos nossa análise pelos últimos versículos do salmo, em que será possível reconhecer outros temas relevantes:

17 יְשִׁישׁוּ וַיִּשְׁמְחוּ בְךָ כָּל־מְבַקְשֶׁיךָ יֹאמְרוּ תָמִיד יִגְדַּל יְהוָה אֱלֹהֵי תְשׁוּעָתְךָ:

18 וְאֲנִי עָנִי וְאֶבְיוֹן אֲדֹנָי יִחְשָׁב לִי עֲזָרָתִי וּמַפְלְטִי אַתָּה אֱלֹהֵי אֶל־תֵּאַחֵר:

17 lassíssu veyishmechu becha col mevakeshêcha, iomeru tamid yigdal Adonai ohavê teshuatêcha. 18 Vaani ani veevivor Adonai, aichashov li, ezrati umfalti áta, Elohai al teachar.

17 Que eles rejubilem e fiquem alegres em Ti, todos os que Te buscam. Que eles sempre digam “O Senhor seja magnificado!” aqueles que amam Tua salvação. 18 Quanto a mim, sou pobre e necessitado. Meu Senhor, pensa em mim. Tu és minha ajuda e Aquele que faz minha fuga. Meu D'us, não demores. (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 57, 58)

A análise dos versículos dezessete e dezoito apresenta uma mudança de foco, devido ao fato de que a súplica do salmista é ampliada novamente para incluir todos aqueles que buscam ao Senhor, introduzindo a isotopia do “louvor e da humildade”, enquanto a confiança no auxílio divino se mantém como o tema central. No versículo dezessete, vemos a mesma isotopia, enriquecida pela exaltação divina, ou seja, a mesma isotopia se apresenta aqui como “isotopia do louvor e da exaltação divina”.

Esse versículo volta-se para a gratidão e a alegria daqueles que buscam a Deus e experimentam Sua salvação. Entre as figuras, podemos compreender semas de alegria, de contentamento, de gratidão; vê-se a expressão “Rejubilem e fiquem alegres”, apresentando as figuras de alegria e regozijo, e de como elas expressam a resposta emocional de todos os que buscam ao Senhor e encontram nEle sua salvação. A alegria não é uma mera emoção passageira, mas a reação natural de quem experimenta a proteção divina. Já a segunda expressão, “O Senhor seja magnificado!”, apresenta os semas de elevação, de grandeza, de poder, de reverência, de louvor, de supremacia e de eternidade. Essa figura de linguagem eleva Deus como o supremo e magnânimo, merecedor de todo louvor e

reconhecimento, sugerindo a grandiosidade de Deus, que é exaltado por aqueles que reconhecem Sua salvação.

Os temas presentes são o de “Humildade e dependência” e o de “Súplica por salvação”. No primeiro tema, o salmista se reconhece como desprovido de recursos e poder, confiando inteiramente em Deus para sua salvação; o tema da humildade reflete a consciência da própria fragilidade humana e a necessidade de depender de um poder maior. Logo depois, o tema da salvação reaparece, desta vez com um tom pessoal e urgente; o salmista não busca apenas uma salvação espiritual ou eterna, mas uma intervenção imediata e prática em sua vida. A paixão da confiança aqui é carregada de uma tensão particular. O salmista expressa sua confiança total em Deus, mas a urgência de sua situação traz à tona a necessidade de uma resposta rápida. Mesmo na pobreza e necessidade, sua confiança permanece firme, mas essa confiança é acompanhada de um apelo para que Deus não tarde em socorrê-lo.

A seguir, apresentaremos o quadro de análise isotópica referente ao Salmo 40, com a finalidade de, como já mencionamos, organizar de forma clara e didática os principais elementos figurativos e temáticos identificados ao longo do texto, assim como as isotopias que estruturam a construção de sentido. Ao destacar as recorrências e inter-relações presentes no salmo, o quadro oferece uma visão panorâmica das dinâmicas de confiança, adversidade e louvor, permitindo uma compreensão mais integrada do percurso interpretativo desenvolvido até aqui.

Quadro de análise isotópica do Salmo quarenta.

Isotopia	Versículos	Elementos Figurativos	Elementos Temáticos	Significação
Isotopia do Resgate Divino	1-2-3	Condutor, David, Cântico, Tenho esperado, esperei, poço de águas turbulentas, imunda lama, rocha, pés, firmar os passos.	Salvação, Proteção	O salmista é resgatado de uma situação de angústia profunda, e sua confiança é renovada através da intervenção divina.

Isotopia do Louvor e da Exaltação	4-5	Boca, nova canção, hino, multidões, arrogantes, desviar para a falsidade	Louvor, Bem-aventurança	O resgate inspira uma nova canção de louvor, exaltando a Deus e estimulando a confiança nas multidões que testemunham.
Isotopia da Confiança Absoluta	5	Homem que fez do Senhor sua confiança, arrogantes	Confiança, Orgulho	O salmista celebra aqueles que confiam plenamente em Deus, contrastando-os com os arrogantes que se desviam da verdade.
Isotopia da Incomparabilidade Divina	6-7	Maravilhas, pensamentos de Deus, sacrifícios, oferendas, ninguém pode comparar-se a Ti, contar, falar, cheguei, Rolo do Livro, Torá, intestinos.	Onipotência, Obediência	Deus é incomparável em suas ações e pensamentos, e a verdadeira obediência vai além dos rituais, sendo uma entrega interior.
Isotopia da Obediência e Confiança	8-9	Chegada, Torá nos intestinos, rolo do Livro	Obediência, Submissão, Confiança	A Lei de Deus está profundamente internalizada no salmista, e sua confiança se expressa em sua prontidão para seguir a vontade divina.
Isotopia do Louvor Público	10-11	Proclamação, vasta assembleia, lábios, coração, fidelidade, salvação	Testemunho, Fidelidade	O salmista proclama publicamente a retidão de Deus, tornando visível sua confiança e fidelidade ao Senhor.
Isotopia da Proteção Diante do Perigo	12-13	Misericórdia, pecados, coração fraquejado, maldades	Proteção, Dependência, Vulnerabilidade	O salmista confessa suas falhas e busca misericórdia, reconhecendo a proteção divina como sua única fonte de segurança
Isotopia da Súplica Urgente	14	Socorrer-me, apressa-Te, Senhor(!)	Súplica, Urgência	O salmista implora por ajuda imediata, confiando que Deus virá ao seu socorro diante do perigo iminente.

Isotopia do Confronto com os Inimigos	15-16	Inimigos, vergonha, desgraça, “Ahá! Ahá!”	Justiça Divina, Vingança	O salmista clama para que seus inimigos sejam envergonhados e punidos pela justiça divina.
Isotopia do Louvor e da Exaltação Divina	17	Rejubilem, O Senhor seja magnificado	Louvor, Salvação	O salmista exalta a grandeza de Deus, destacando a alegria daqueles que buscam ao Senhor e amam Sua salvação.
Isotopia da Humildade e Dependência	18	Pobre, necessitado, ajuda, fuga	Humildade, Dependência	O salmista se reconhece como frágil e necessitado, confiando completamente em Deus para sua ajuda e salvação.

Quadro 5: Isotopia do Testemunho da Confiança. Fonte: autoria própria.

A partir da análise isotópica do Salmo quarenta, podemos observar como a confiança do salmista em Deus é edificada e se desenvolve ao longo do texto, revelando um percurso tensivo marcado por momentos ora de desespero, ora de plena confiança na intervenção divina. Essa análise nos revela um texto rico em significados, figuras e isotopias, centrado em uma construção complexa da confiança como paixão. A confiança do salmista em Deus emerge como o tema central, perpassando todo o enunciado, desde os momentos de desespero, resgate e restauração até o louvor e a súplica por proteção. Nesse percurso, as figuras e isotopias identificadas, como a do Resgate Divino, da Proteção Divina e do Louvor, estruturam o salmo como uma declaração de fé inabalável.

O salmo se inicia com o testemunho do salmista, que expressa sua confiança absoluta na ação divina. As imagens iniciais de perigo, como o “poço de águas turbulentas” e a “lama”, destacam o estado de aflição e desespero em que o salmista se encontra, mas é a intervenção de Deus, figurativizada pela “rocha” e pela “estabilidade”, que transforma esse cenário. Esse movimento do perigo para a segurança marca uma dinâmica tensiva, na qual a confiança do salmista se fortalece à medida que Deus age para livrá-lo. Ao longo do texto, a confiança se desdobra em diferentes níveis; ela é manifestada no louvor público, na proclamação

da “retidão” e da “benevolência” de Deus diante da assembleia, e na aceitação da “Torá nos intestinos” como um símbolo da entrega total e da obediência interior. Esse elemento figurativo, profundamente enraizado no ser do salmista, sugere uma fé que não se limita a rituais externos, mas que permeia toda a sua existência, refletindo uma conexão íntima com o divino.

Na parte final do salmo, o tom de súplica se intensifica, e o salmista implora por proteção contra os inimigos e maldades que o cercam. Essa tensão entre o perigo iminente e a confiança inabalável em Deus cria uma dinâmica de oscilação emocional, mas a paixão da confiança se mantém como força motriz. O salmista reconhece sua vulnerabilidade, mas reafirma que Deus é sua única fonte de auxílio e fuga. Por fim, podemos reconhecer que a confiança no Salmo quarenta não é apenas uma emoção passageira, mas uma paixão profunda que estrutura toda a relação do salmista com Deus. É ela que sustenta o enunciatador diante das adversidades e o move a louvar, suplicar e testemunhar as maravilhas divinas. Em última análise, o salmo nos oferece uma reflexão sobre a confiança plena em Deus, que vai além dos momentos de crise, permeando cada aspecto da vida espiritual e emocional do salmista, demonstrando que confiar é, em essência, uma forma de viver e existir diante do divino.

Ao concluir a análise do Salmo quarenta, observamos como a confiança do salmista em Deus é construída de maneira sólida e transformadora, revelando um percurso que parte da adversidade para um testemunho de louvor. Essa confiança é expressa em diversas figuras e temas, como as da rocha, dos sacrifícios e da retidão, que sintetizam a profunda relação de dependência do salmista com Deus. A narrativa poética nos permite perceber o desenvolvimento de uma fé inabalável que não se restringe apenas ao nível físico, mas se eleva ao espiritual, mostrando que, mesmo em momentos de grande tribulação, o salmista encontra refúgio e renovação na presença divina.

Na sequência, ao adentrarmos a análise do Salmo sessenta e três, perceberemos uma dimensão igualmente intensa de confiança, mas em um contexto diferente. Neste salmo, a confiança emerge em um cenário de desolação, o “deserto de Judá”, onde a busca por Deus é descrita como uma necessidade vital, comparável à sede e à fome. As figuras do deserto, da sede e do santuário

constroem uma nova camada de significação, evidenciando como o salmista, mesmo em meio ao vazio físico e espiritual, encontra em Deus a fonte de sustento e de vida. A análise desse salmo nos mostrará como a fé e a confiança se manifestam em meio à escassez e à solidão, revelando outra faceta da relação entre o salmista e o Altíssimo.

3.5. Entre o Deserto e o Santuário: A Dependência de Deus no Salmo 63

Ao longo deste tópico, reconheceremos as categorias de sentido existentes no Salmo sessenta e três, destacando a paixão da confiança. Também realizaremos uma reflexão acerca dos elementos, figurativos, temáticos e a presença de isotopias, que se repetem ao longo do texto e que já podem ter sido encontradas nos salmos anteriores.

Vejamos o texto do Salmo 63:

1 Um cântico de David, quando ele estava no deserto de Judá. 2 Ó D'us! Tu és meu D'us, eu Te procuro. Minha alma tem sede de Ti, minha carne anseia por Ti numa terra estéril e exausta (e) sem água. 3 Assim eu Te contemplei no Santuário, para ver Teu poder e Tua glória. 4 Pois melhor do que a vida é Tua benevolência, meus lábios louvar-te-ão, 5 E assim abençoar-te-ei toda a minha vida; em Teu Nome erguerei as minhas mãos. 6 Como com a gordura e abundância, minha alma se saciará. E com alegres linguagens minha boca prestará louvor. 7 Quando na minha cama Te recordo, em vigílias noturnas sobre Ti meditando. 8 Pois Tu foste uma ajuda para mim, na sombra de Tuas asas cantarei jubilosamente. 9 Minha alma une-se a Ti; para mim, Teu braço direito presta suporte. 10 Mas quanto a eles, buscam a desolação para minha alma. Eles entrarão nas mais baixas profundezas da terra. 11 Ele o arrastará pela espada; uma porção das raposas eles serão. 12 Mas o rei se alegrará com D'us; glorificado será todo aquele que jura por Ele; pois a boca dos perjuros será tapada. (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 88, 89)

Diante do texto, podemos novamente, destacar a categoria de vida versus morte, assim como nos salmos anteriores, categoria que pode ser vista por meio da busca por Deus; o anseio espiritual do salmista e a sua sede remetem a uma busca pela “vida” em sua forma mais essencial: “A minha alma tem sede de Ti, minha carne anseia por Ti numa terra estéril e exausta (e) sem água” (REFERENCIAR). A

vida, nesse contexto, indica a presença de Deus, a saciedade espiritual e a segurança na sombra de suas asas; já a morte pode ser reconhecida pelo deserto, que é descrito como “uma terra estéril e exausta”, figura que reveste a morte ou, pelo menos, a ausência de vida. É um lugar onde a ausência de água, de sustento e de vida prevalece, contrastando com o sêma de vida, constante na presença de Deus; tal oposição entre vida e morte é essencial no texto, pois ela define a luta existencial do salmista. Essa sede espiritual (vida) encontra-se com a aridez do deserto (morte), o que gera uma tensão que motiva a busca de Deus. Se olharmos para a estrutura de sentido do texto, isto é, reconhecer de um modo mais amplo os efeitos de sentidos existentes, veremos como essa oposição se encontra presente, pois a transição da aridez para a saciedade espiritual anuncia o movimento do salmista em direção à uma vida plena com Deus.

Outra oposição que podemos encontrar é a da presença divina versus ausência divina. A presença divina se constrói pela figura do “santuário” e outras figuras que veremos um pouco mais à frente, já a sua ausência, assim como a morte, é refletida na figura do deserto, um lugar de vazio, de sede e de carência; essa oposição motiva a ação do salmista. A tensão entre essas duas categorias define o percurso espiritual do salmista, que começa diante da ausência, por meio da figura do deserto, e se move em direção à presença, por meio da figura do santuário, indicando sua jornada de fé e de confiança. As mesmas figuras também constroem no texto a oposição entre sede versus saciedade: a sede assinala o anseio profundo pelo espiritual e a necessidade da presença divina, que o salmista manifesta; por outro lado, a saciedade é a resposta ao anseio do salmista, reconhecida pela saciedade da alma “com a gordura de abundância” e pelo louvor jubiloso.

Outra instância mínima de sentido, que também pode ser encontrada nos outros salmos, é a da segurança versus perigo. A segurança é reconhecida por meio do abrigo, do refúgio divino, como, por exemplo, na figura da sombra das asas de Deus; é um estado de proteção e de paz que o salmista busca e experimenta na presença divina. Já o perigo, por sua vez, é reconhecido, por exemplo, diante da figura dos inimigos, que buscam a desolação da alma do salmista. Tais elementos,

assim como outros que veremos mais à frente, apontam para as ameaças e o mal que o salmista enfrenta.

As oposições fundamentais de vida versus a morte, presença divina versus ausência divina, sede versus saciedade, segurança versus perigo constroem as instâncias mínimas de sentido no nível fundamental do Salmo sessenta e três. Elas estruturam a narrativa e o percurso espiritual do salmista, criando a base para as tensões e resoluções que ocorrem ao longo do salmo. Por meio dessas oposições, o texto explora a profundidade da confiança do salmista em Deus, mesmo em meio às maiores provações.

A seguir, abordaremos as isotopias presentes ao longo do salmo, assim como também seus principais temas e figuras presentes. Vejamos os três primeiros versículos:

1 מִזְמוֹר לְדָוִד בְּהִיּוֹתוֹ בְּמִדְבָּר יְהוּדָה :
 2 אֱלֹהִים אֵלֵי אֲתָה אֶ שְׁחַרְךָ צִמָּאָה לִךְ נַפְשִׁי כִּמְהָ לִךְ בָּשָׂרִי בְּאַרְצָ צִיָּה וְעַיִף בְּלִי מַיִם :
 3 כֵּן בִּקְדֹשׁ חֲזִיתִיךָ לְרֹאוֹת עֲצָךְ וּכְבוֹדֶךָ :

1 Mizmor leDavid, bihioto bemidbar Yehudah.

2 Elohim Eli ata ashacharecha, tsamea lecha nafshi, camá lecha vessari beérets tsiya veaief beli máyim. 3 Ken bacódesh chazitícha, lir'ot uzecha uchvodecha.

1 Um cântico de David, quando ele estava no deserto de Judá. 2 Ó D'us! Tu és meu D'us, eu Te procuro. Minha alma tem sede de Ti, minha carne anseia por Ti numa terra estéril e exausta (e) sem água. 3 Assim eu Te contemplei no Santuário, para ver Teu poder e Tua glória. (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 88)

No início do Salmo sessenta e três, já nos versículos um e dois, percebemos a construção de uma isotopia central da Busca e do Desejo Espiritual. O salmo começa com uma profunda evocação: “Ó D'us! Tu és meu D'us, eu Te procuro.” Vemos que a busca espiritual é imediatamente colocada como o eixo central do discurso; o salmista expressa sua necessidade vital de Deus em um momento de provação, simbolizado pela figura do deserto de Judá. O deserto, por si só, é uma figura carregada de significado, conotando um espaço de aridez, solidão e escassez de recursos; trata-se de um lugar onde a vida parece estagnada e o salmista se encontra vulnerável e necessitado.

Na sequência, o salmista descreve sua situação com figuras marcantes: “Minha alma tem sede de Ti, minha carne anseia por Ti numa terra estéril e exausta (e) sem água.” A figura da sede aqui é utilizada como metáfora para um desejo

espiritual profundo, que transcende o simples anseio físico, revelando que a alma do salmista depende de Deus tanto quanto o corpo depende de água para sobreviver. A expressão “minha carne anseia por Ti” reforça essa totalidade do ser, a do corpo e da alma, envolvidos na busca espiritual, em desejo tão intenso que é sentido em todas as camadas de seu ser, desde o nível mais espiritual até o físico, manifestando uma necessidade de completude e plenitude divina. Além disso, a figura da terra estéril e exausta (sem água) é utilizada para reforçar a ideia da falta e da aridez espiritual; a ausência de água representa a ausência de Deus, sugerindo que, sem Ele, a vida do salmista se torna desolada e sem vitalidade. Assim, o salmista não apenas relata sua sede de Deus, mas compara sua alma a uma terra seca que precisa da água divina para ser revitalizada.

Ao longo do texto, há a figura do “Cântico de David”, que apresenta o salmista como alguém que expressa sua devoção por meio da música e da poesia, um modo tradicional na cultura judaica de externalizar louvor, súplica ou reflexão espiritual. Ao declarar que é um cântico, o texto já introduz um tom litúrgico e de adoração, apontando para uma forma de comunicação profunda entre o salmista e Deus. O cântico, mais que uma simples canção, torna-se um veículo de expressão da alma, reforçando a intensidade emocional do salmo e ampliando sua dimensão de louvor, mesmo em meio às dificuldades.

No texto, a figura do “deserto de Judá” também é significativa. O deserto, no imaginário bíblico e judaico, sinaliza um lugar de provação, de solidão, de necessidade e, ao mesmo tempo, de revelação divina; não é apenas uma referência geográfica, mas um espaço carregado de sentido: estar no deserto implica estar afastado de tudo, desprovido de conforto e em busca de sobrevivência. Para o salmista, o deserto é o cenário ideal para a manifestação de sua sede espiritual e de sua dependência total de Deus. O deserto físico, árido e sem vida, reflete o estado interior de quem busca desesperadamente a presença divina.

Ao ser especificado como o “deserto de Judá”, a figura adquire ainda mais profundidade. Judá, sendo o território do povo judeu, é tanto uma terra prometida quanto uma terra de adversidades; assim, esse deserto representa um lugar paradoxal: é a casa do povo escolhido, mas também um local de desafios e lutas. É no deserto de Judá, o coração da terra judaica, que o salmista se encontra,

clamando por Deus. Isso reforça a ideia de que, mesmo na terra prometida, a confiança em Deus deve ser constantemente renovada, pois as provações são inerentes à caminhada de fé.

Os temas da busca espiritual e da dependência de Deus emergem com força no início do salmo. O salmista revela que sua existência está intrinsecamente ligada à presença de Deus; sem Ele, sua vida perde o sentido e se assemelha a um deserto, destacando o tema da provação, apresentando o quanto o salmista clama por salvação e sustento em meio às dificuldades extremas. Em termos de análise tensiva, a tensão presente nesses versículos é notavelmente elevada: o salmista se encontra em uma situação de desespero, semelhante ao desespero físico de estar perdido em um deserto sem água. No entanto, sua confiança permanece inabalável, demonstrada pelo fato de que, em meio à crise, ele clama por Deus. A confiança no cuidado divino é vista como a única esperança para preencher o vazio causado pela ausência de Deus, mesmo que as circunstâncias ao redor pareçam insuperáveis. Dessa forma, a paixão da confiança se revela na certeza de que, apesar da aridez espiritual, o salmista será preenchido pela presença divina. Vejamos os versículos seguintes:

4 כִּי טוֹב חַסְדֶּךָ מִחַיִּים שְׁפָתַי יִשְׁבְּחוּךָ :

5 כֵּן אֲבָרְכֶךָ בְּחַיִּי; שְׁמֶךָ אֲשָׂא כָפִי :

4 Ki tov chasdecha mechayim, sefatai ieshabechúncha.

5 Ken avarechecha vechaiai, beshimcha essa chapái.

4 Pois melhor do que a vida é Tua benevolência, meus lábios louvar-te-ão,

5 E assim abençoar-te-ei toda a minha vida; em Teu Nome erguerei as minhas mãos. (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 88)

Ao longo destes versículos, a isotopia da contemplação e louvor emerge como central, unificando os temas de devoção, adoração e reconhecimento da presença divina. O versículo três contém a figura do Santuário (assim como em outros salmos que já analisamos), um lugar de adoração onde o salmista contempla o poder e a glória de Deus; o Santuário figurativiza um espaço sagrado de encontro com o divino, um lugar onde o salmista pode testemunhar a manifestação direta da majestade divina. Essa contemplação reflete uma intimidade profunda entre o enunciador e Deus, algo que só pode ser experimentado por meio de uma busca espiritual ativa e uma confiança sólida.

Essa confiança, que começa a ser apresentada no versículo dois, encontra no versículo três um ponto alto, pois o salmista já não apenas busca a presença divina, mas a encontra no Santuário. Aqui, a figura do poder e da glória de Deus reforça a magnitude de sua experiência espiritual; o salmista vê, nesse encontro com o divino, a manifestação da força e da soberania de Deus, algo que transcende qualquer experiência terrena. O tema da majestade divina é estabelecido, com Deus sendo apresentado como o único ser capaz de preencher o vazio do salmista.

No versículo quatro, o salmista introduz a noção de que a benevolência de Deus é “melhor do que a vida”, afirmação que é um testemunho de confiança extrema e entrega. A benevolência divina é apresentada como algo mais precioso do que a própria existência, o que sugere que o salmista valoriza mais o relacionamento com Deus do que a sua própria vida; essa comparação radical entre a benevolência divina e a vida reflete a paixão da confiança em seu nível mais elevado: o salmista não apenas confia que Deus o protegerá, mas vê na bondade de Deus a própria razão de viver. Os lábios do salmista, ao louvarem a Deus, se tornam figuras que expressam o reconhecimento verbal de sua fé e devoção, ato de louvor que não é apenas um reconhecimento passivo, mas uma ação contínua e dinâmica que ele promete realizar. O tema do louvor contínuo reflete a resposta do salmista à grandeza de Deus, expressando sua gratidão não apenas como um momento isolado, mas como um compromisso vitalício de adoração.

Já no versículo cinco, temos a figura das mãos erguidas em adoração, gesto universal de súplica e louvor: erguer as mãos indica submissão, adoração e reverência total a Deus, enfatizando o tema da entrega e devoção completa. O salmista se compromete a abençoar e louvar a Deus por toda a sua vida, sugerindo que sua fé não é apenas uma resposta às circunstâncias atuais, mas uma atitude que será mantida independentemente dos desafios futuros. A expressão “em Teu Nome” ressalta o poder e a autoridade de Deus como o centro dessa entrega, indicando que é por meio do reconhecimento do nome divino que o salmista encontra sua força para continuar sua jornada espiritual.

Em termos tensivos, a confiança do salmista cresce de maneira significativa, pois sua experiência de Deus no Santuário o faz testemunhar diretamente o poder e a benevolência divina. A tensão espiritual inicial, causada pela sede e pela aridez do

deserto, começa a se dissipar à medida que o salmista entra em contato com a presença divina e se vê envolto no louvor. O louvor é, portanto, a expressão tangível dessa confiança restaurada e renovada. Na sequência, vejamos os versículos de 6 a 8:

6 כְּמוֹ חֵלֶב וְדָשֵׁן תִּשְׂבַּע נַפְשִׁי וְשִׁפְתֵי רִנּוֹת יְהוָה לִּי :

7 אִם זִכְרִיתִיךָ עַל יְצוּעֵי בְּאִשְׁמוֹרוֹת אֶהְיֶה בָּךְ :

8 כִּי הָיִיתָ עֲזָרְתָהּ לִי וּבָצִל כְּנָפֶיךָ אֶרְבֵּן :

6 Kemo chélev vadéshen tisba nafshi, vessiftê renanot iehalel pi.

7 Im zecharticha al ietsuái, beashmurot ehgue bach.

8 Ki hayíta ezraíta li, uvetsel kenafêcha aranen.

6 Como com a gordura e abundância, minha alma se saciará. E com alegres linguagens minha boca prestará louvor. 7 Quando na minha cama Te recordo, em vigílias noturnas sobre Ti meditando. 8 Pois Tu foste uma ajuda para mim, na sombra de Tuas asas cantarei jubilosamente. (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 88, 89)

Nesse fragmento, a isotopia da saciedade espiritual e do louvor contínuo permanece forte, sinalizando como a busca e a confiança em Deus resultam em satisfação plena e proteção. No versículo seis, o salmista compara sua experiência espiritual com a gordura e abundância, figuras que apresentam semas de fartura e completude; essa metáfora de saciedade espiritual sugere que a presença de Deus oferece ao salmista uma satisfação tão profunda quanto a proporcionada por um banquete farto. Aqui, o tema da plenitude espiritual é destacado, com a confiança do salmista em Deus sendo recompensada com uma saciedade que transcende o físico, preenchendo sua alma.

A figura da “boca que louva” reforça a isotopia do louvor, já estabelecida nos versículos anteriores; assim como o corpo se satisfaz com alimento, a alma do salmista se sacia na adoração e no reconhecimento da grandeza divina. As alegres linguagens indicam que o louvor não é apenas um dever ou um rito, mas uma expressão espontânea de alegria e gratidão. A confiança na benevolência e provisão de Deus transforma o louvor em uma resposta natural, algo que flui livremente dos lábios do salmista. No versículo sete, a construção de sentido traz uma nova dimensão para essa confiança: a meditação noturna. Ao recordar-se de Deus na cama, o salmista revela uma relação íntima e constante com o divino, que persiste mesmo durante a noite, um momento tradicionalmente associado ao descanso e à vulnerabilidade. A figura do “pensamento noturno” sinaliza que, mesmo em momentos de quietude e solidão, a presença de Deus é tangível. O tema da recordação constante de Deus reforça a ideia de que a confiança do

salmista não é apenas circunstancial, mas uma parte integral de sua vida, mesmo nas horas de vigília e nas de descanso.

Posteriormente, no versículo oito, vemos a figura poderosa das “asas de Deus”, um símbolo clássico de proteção e cuidado: estar sob as asas divinas transmite segurança e refúgio. A figura em si recorda que Deus é uma força que não apenas protege o salmista, mas o envolve com carinho e cuidado paternal. O tema da proteção divina encontra-se profundamente figurativizado no trecho, com as asas remetendo à segurança e ao abrigo oferecidos por Deus. O salmista canta jubilosamente sob essas asas, o que indica que, mesmo diante de perigos ou incertezas, ele encontra alegria e confiança na presença protetora de Deus.

Em termos tensivos, registra-se um aumento da confiança do salmista, que se vê não apenas protegido e saciado por Deus, mas também envolto em uma atmosfera de louvor contínuo e de confiança plena. A tensão da falta e da busca, presente no início do salmo, começa a dar lugar a uma sensação de preenchimento e segurança. A figura das asas de Deus, que oferece refúgio e segurança, junto com a imagem da saciedade espiritual, completa o ciclo de confiança expresso pelo salmista ao longo desses versículos. Aqui, a confiança como paixão atinge um ponto de grande intensidade, no qual o salmista não apenas acredita em Deus, mas vive essa confiança de maneira plena, refletida no louvor e na meditação constante. Atentemo-nos para o versículo nove:

9 דְּבַקָה נַפְשִׁי אֶחָדֶיךָ בִּי תִמְכָּה יְמִינְךָ :

9 Daveca nafshi acharêcha, bi tamecha ieminêcha.

9 Minha alma une-se a Ti; para mim, Teu braço direito presta suporte. (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 89)

Podemos reconhecer neste versículo a isotopia da união espiritual e como ela é claramente evidenciada pela figura da alma que se une a Deus. A expressão “Minha alma une-se a Ti” reflete uma profunda intimidade e comunhão espiritual, em que o salmista não apenas busca ou confia em Deus, mas se identifica plenamente com Ele; a alma é figurativamente retratada como algo que pode se aproximar e se entrelaçar com a presença divina, indicando um nível de relacionamento muito próximo. O tema da união com o divino é central nesse versículo, pois apresenta a confiança do salmista não como algo meramente momentâneo ou circunstancial, mas como uma ligação constante e irrevogável entre ele e Deus; assim, a união

também implica uma entrega total, um reconhecimento de que o salmista é sustentado e fortalecido por Deus. A figura do “braço direito” de Deus, que presta suporte, complementa essa ideia; no contexto hebraico, o braço direito é frequentemente associado ao poder, à força e à autoridade divina; portanto, o tema do suporte divino está intimamente ligado à imagem do braço direito, que sinaliza o amparo, a proteção e a força que Deus proporciona ao salmista. A confiança do salmista em Deus é tão absoluta que ele se vê sustentado pelo próprio poder de Deus.

Com relação aos aspectos tensivos, a paixão da confiança atinge um ponto alto nesse versículo. A tensão entre o desejo de proximidade e a confiança em Deus se resolve momentaneamente com a imagem da alma unida e sustentada. A confiança não é apenas uma expectativa ou um desejo futuro, mas algo que o salmista já experimenta em sua vida; ele não apenas confia em Deus para o futuro, mas já se sente apoiado e fortalecido por Ele no presente. A figura do braço direito expressa a solidez e a firmeza desse suporte, intensificando ainda mais a confiança do salmista.

A seguir, consideremos os últimos versículos do salmo:

10 וְהֵמָּה לְשׂוֹאָה יִבְקֹשׁוּ נַפְשִׁי יָבֹאוּ בְּתַחְתִּיּוֹת הָאָרֶץ :

11 יֵרֶהוּ עַל יָדִי חֶרֶב מִנֵּת שְׁעָלִים יִהְיֶה :

12 וְהַמֶּלֶךְ יִשְׁמַח בְּאֱלֹהִים יִתְהַלֵּל כָּל הַנִּשְׁבָּע בּוֹ כִּי יֵסֶ כֶּרֶךְ פִּי דוֹבְרֵי שָׁקֶר :

10 Vehêma leshoa ievacshu nafshi, iavôu betachtiot haárets.

11 Iaguirúhu al idedê chárev, menat shualim yihui.

12 Vehamèlech yismach belohim, yit'halel col hanishba bo, ki yissacher pi doverê sháker.

10 Mas quanto a eles, buscam a desolação para minha alma. Eles entrarão nas mais baixas profundezas da terra. 11 Ele o arrastará pela espada; uma porção das raposas eles serão. 12 Mas o rei se alegrará com D'us; glorificado será todo aquele que jura por Ele; pois a boca dos perjuros será tapada. (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 89)

Diante desses versículos, podemos reconhecer a isotopia do conflito e da justiça divina. A figura dos inimigos, que “buscam a desolação para minha alma”, reforça o tema do perigo iminente, intensificando a tensão entre o mal que cerca o salmista e a sua confiança inabalável em Deus. Aqui, a alma do salmista, que anteriormente estava em profunda comunhão com Deus, agora é alvo daqueles que anseiam em destruí-la. A desolação figurativa que os inimigos buscam criar é um vazio espiritual e emocional, remetendo à tentativa de romper o vínculo entre o

salmista e Deus. Esse movimento adversário intensifica a tensão narrativa, pois o salmista está ciente de que seus inimigos desejam seu fim.

Em “mais baixas profundezas da terra”, ganha relevo a condenação final dos inimigos. O tema da queda e do castigo aparece, e a profundidade das terras baixas sinaliza o abismo, um lugar de derrota e perda total. A paixão da confiança do salmista, em contraste, não é abalada por essa ameaça; ao contrário, ele demonstra uma confiança ativa na justiça divina: a expectativa de que seus inimigos “entrarão” nas profundezas da terra demonstra uma confiança absoluta na ação punitiva de Deus. A tensão que os inimigos causam ao ameaçar a alma do salmista é resolvida pela certeza de que a justiça divina prevalecerá.

Já no versículo onze, a figura da espada apresenta o instrumento da justiça e da vingança divina. Deus é retratado como aquele que “arrastará” os inimigos pela espada, uma figura que reveste a retribuição física e espiritual; as raposas, por sua vez, reforçam o tema da degradação, pois simbolizam a astúcia e a destruição, e também podem ser vistas como um sinal de algo que será abandonado e deixado para perecer. Esse castigo imposto aos inimigos é a resolução da tensão de perseguição que o salmista sente, sendo mais um motivo para sua confiança plena em Deus.

O versículo doze destaca a figura do rei que se “alegrará com D'us”, sinalizando um momento de exaltação e júbilo. Aqui, a isotopia da exaltação e da justiça se entrelaçam, pois o rei, que pode ser interpretado como o próprio salmista, encontra sua alegria e segurança na justiça divina. O tema da glorificação de Deus é central, pois todo aquele que “jura por Ele” será glorificado; já a figura dos perjuros, aqueles que mentem e enganam, será silenciada, indicando que a justiça prevalecerá sobre a falsidade e o mal. A boca dos perjuros sendo tapada reforça a ideia de que a verdade e a justiça de Deus calarão todas as mentiras, fortalecendo ainda mais a confiança do salmista no poder de Deus para intervir em sua defesa.

Diante da análise realizada sobre o Salmo sessenta e três, podemos perceber como a paixão da confiança se desdobra ao longo dos versículos, em uma jornada de tensão entre o perigo iminente e a certeza da justiça divina. O salmista, ao mesmo tempo em que expressa sua angústia diante das ameaças externas e

internas, revela uma fé inabalável no poder protetor de Deus. As isotopias que percorrem o texto, como as de proteção divina, exaltação e justiça, reforçam essa confiança que, mesmo diante das adversidades, permanece constante.

O salmo também explora uma profunda conexão entre o salmista e Deus, em que temas como a busca incessante por comunhão e a celebração da benevolência divina são recorrentes. Ao caminhar pelo deserto espiritual e físico, o salmista se volta para Deus como a fonte de todo sustento e auxílio, reconhecendo que, apesar da perseguição dos inimigos, a justiça divina trará a vitória final. Essas reflexões mostram como o salmo edifica uma estrutura de confiança que se fortalece por meio da adversidade, culminando em uma exaltação sincera da força e glória de Deus.

A seguir, apresentaremos também um quadro de análise isotópica do Salmo 63, destacando as principais isotopias, figuras, temas e suas respectivas significações, com o objetivo de ilustrar como essas isotopias organizam o texto e revelam, de maneira clara, o desenvolvimento da confiança do salmista em Deus.

Quadro de análise isotópica do Salmo sessenta e três:

Isotopia	Versículos	Elementos Figurativos	Elementos Temáticos	Significação
Isotopia da Busca Espiritual	1-2	“Cântico de David”, “Deserto de Judá”, “Minha alma tem sede de Ti”, “Minha carne anseia por Ti”	Desejo profundo de proximidade com Deus; a alma e o corpo envolvidos na busca espiritual	A busca espiritual é intensificada pela metáfora da sede, revelando um anseio profundo pela presença divina.
Contemplação e Louvor	3-5	“Te contemplei no Santuário”, “Erguerei minhas mãos”	Adoração e reconhecimento da majestade e poder de Deus; submissão e devoção completa	O louvor e a contemplação da glória de Deus no Santuário ressaltam a confiança do salmista em sua proteção e benevolência.
Saciedade	6-7	“Gordura e abundância”,	Plenitude espiritual,	A metáfora da saciedade enfatiza como a presença

Espiritual		“Alegres linguagens”	confiança e louvor como respostas à proteção e provisão divinas	de Deus preenche a vida do salmista, levando-o ao louvor jubiloso.
Proteção Divina	8	“Sombra de Tuas asas”, “Ajuda”	Deus como refúgio e proteção; segurança e amparo na confiança divina	A figura das asas representa a segurança e o carinho de Deus, reforçando a confiança do salmista.
União Espiritual	9	“Minha alma une-se a Ti”, “Braço direito”	União espiritual e confiança no suporte divino	A comunhão espiritual é enfatizada pela imagem da alma unida a Deus e sustentada por seu braço direito.
Conflito e Justiça Divina	10-12	“Desolação para minha alma”, “Espada”, “Raposas”	Perigo iminente dos inimigos; confiança na justiça divina	A confiança do salmista em Deus se mantém firme, apesar das ameaças dos inimigos, com a expectativa da justiça divina.

Quadro 6: Isotopia da Satisfação Espiritual. Fonte: autoria própria.

A análise isotópica do Salmo 63 revela um texto profundamente centrado na busca espiritual e na confiança plena do salmista em Deus. As isotopias do deserto, da sede, do socorro divino, do louvor e do confronto com os inimigos estruturam o salmo, criando uma narrativa em que a alma do salmista se revela sedenta por uma conexão com o divino. Essa busca, marcada pela ausência de água e pela aridez, é imediatamente contrastada pela certeza de que Deus, fonte de saciedade espiritual, responderá ao clamor, manifestando-se como refúgio e força.

Ao longo da análise, notamos que a confiança do salmista, expressa na figura do “braço direito” de Deus e da proteção sob Suas asas, atinge seu ápice à medida que a tensão entre o desespero e a esperança se intensifica. Mesmo diante das ameaças e dos inimigos, a confiança não é abalada. Em vez disso, o salmista reforça sua convicção de que a justiça divina prevalecerá, colocando seus adversários em derrota e garantindo sua própria exaltação.

Essa conclusão em torno dos sentidos do Salmo sessenta e três evidencia a capacidade do salmista de transitar entre momentos de tensão e paz, entre perigo e confiança absoluta, sempre tendo Deus como o centro de sua experiência. A confiança como paixão é o eixo que sustenta cada versículo, seja nas figuras do deserto e da água, seja nas metáforas da proteção e do confronto. Essa confiança inabalável, construída ao longo do salmo, serve como um testemunho vivo da relação íntima entre o salmista e Deus, o que fortalece a ideia de que, mesmo em meio à adversidade, a fé e a busca constante pelo divino são o caminho para a redenção e a vitória.

Tendo concluído a análise do Salmo sessenta e três, em que a confiança do salmista se revela de maneira intensa e profundamente ligada ao contexto do deserto, podemos nos dirigir ao próximo salmo, o Salmo setenta e um, em que a dimensão da confiança continua a ser uma força central. No entanto, esse salmo apresenta um novo conjunto de desafios e contextos que o diferenciam dos salmos anteriores. O salmista se encontra em um estágio mais avançado de sua vida, e a confiança em Deus se entrelaça com temas de amparo e proteção ao longo do tempo. Veremos como a confiança, construída ao longo da vida, se intensifica em meio a essas experiências, ao reconhecer a constante presença divina desde a juventude.

Assim, o clamor por livramento dos inimigos e a exaltação da proteção de Deus são envoltos em uma reflexão sobre o passado e o futuro, em que a fé inabalável do salmista é expressa não apenas em sua relação com os perigos presentes, mas na perspectiva da vida inteira dedicada a confiar em Deus. Vamos verificar como a confiança é moldada e sustentada diante de novos desafios e como, mais uma vez, ela se apresenta como uma isotopia central no texto.

2.6 Confiança na Adversidade: Um Estudo do Salmo 71

Neste tópico, consideramos o Salmo 71, que possui em sua essência o clamor pela proteção divina. A seguir, veremos a sua versão em língua portuguesa – mais à frente, buscaremos realizar um paralelo com a versão em língua hebraica. Como temos feito desde a análise do primeiro salmo selecionado, colocamos na frente dos versos o número dos versículos, permitindo que o leitor possa acompanhá-los de maneira mais satisfatória:

1 Em Ti, Senhor, eu me refugiei, não permitas que eu seja envergonhado, jamais.
 2 Em Tua retidão livra-me e dá-me liberdade. Inclina Teu ouvido para mim e salva-me. 3 Sê para mim um rochedo de abrigo, para entrar todas as vezes. Tu ordenaste minha salvação, pois minha Rocha e minha Fortaleza és Tu. 4 Meu D'us! Faze-me escapar do domínio do perverso, da mão do que trama e do violento. 5 Pois Tu és minha esperança, meu Senhor, Senhor/Elokim, minha segurança desde minha juventude. 6 Em Ti confiei desde o nascimento; dos interiores da minha mãe Tu me tiraste. De Ti é sempre meu louvor. 7 Tornei-me um exemplo para a multidão, pois Tu foste meu poderoso refúgio. 8 Que minha boca esteja cheia com Teu louvor, o dia inteiro com Tua glória. 9 Não me rejeites, na época da velhice, quando minha força falhar não me abandones. 10 Pois meus inimigos falam de mim, e aqueles que intencionam por minha vida se consultam, 11 Dizendo: “D'us o abandonou, persigam-no e o agarrem, pois não há nenhum salvador”. 12 Ó D'us, não fiques longe de mim, ó meu D'us, apressa-Te em minha ajuda. 13 Que sejam envergonhados e consumidos os adversários da minha alma. Que sejam envolvidos em humilhação e desgraça - aqueles que procuram meu dano. 14 Quanto a mim, sempre confiarei que acrescentarei a todos os Teus louvores. 15 Minha boca falará da Tua retidão, o dia inteiro da Tua salvação, pois não conheço seus números. 16 Virei com os atos poderosos do meu Senhor, Senhor/Elokim. Mencionarei Tua retidão, Tua somente. 17 Ó D'us, Tu me ensinaste desde minha juventude e até este momento. Eu declaro Tuas maravilhas. 18 E mesmo até a velhice e as cãs, ó D'us, não me abandones, até que eu proclame Tua força à geração, para todos que ainda virão, Teu poder. 19 E Tua retidão, ó D'us, está até os altos céus, Tu, Que fizeste grandes coisas, ó D'us, quem é como Tu? 20 Tu, Que me mostraste muitas e dolorosas desgraças, reviveme de novo, e das profundezas da terra ergue-me de novo. 21 Aumenta minha grandeza e volta para me confortar. 22 Eu, também, Te agradecerei no instrumento nevel por Tua fidelidade, meu D'us; eu cantarei para Ti no kinor, ó Santo de Israel. 23 Meus lábios rejubilarão quando eu cantar a Ti, e minha alma que Tu redimiste. 24 Minha língua, também, o dia inteiro proferirá Tua retidão. Pois estão envergonhados, pois estão humilhados — todos aqueles que procuram meu dano. (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 101- 103)

Ao longo da análise, destacaremos as instâncias mínimas possíveis do texto, existentes no nível fundamental; para isso, precisamos identificar as categorias

fundamentais e as relações de contrariedade presentes no texto. Assim, temos, por exemplo, a categoria mínima de vida *versus* morte em versículos como: “5 Pois Tu és minha esperança, meu Senhor, *Senhor/Elokim*, minha segurança desde minha juventude” (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 101). No fragmento seguinte, podemos compreender o sema de vida, visto que o salmista declara que, a todo o tempo, a presença divina o acompanha, tanto na juventude como agora, um pouco mais próximo de sua velhice.

No texto, vemos também o seguinte versículo: “6 Em Ti confiei desde o nascimento; dos interiores da minha mãe Tu me tiraste” (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 101), apresentando novamente os semas da juventude, de início, de nascimento, de surgimento e vida. Já no versículo seguinte, vemos o contraste entre vida e morte mais evidente: “[...] Revive-me de novo, e das profundezas da terra ergue-me de novo.” (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 103). Aqui, a vida figurativiza segurança e esperança contínua em Deus. Essa segurança é uma garantia de proteção divina, um refúgio contra ameaças mortais. Já a referência à juventude consolida a ideia de que toda a vida está sob a proteção de Deus desde o início até o presente, enfatizando a continuidade de uma existência protegida e abençoada.

Com relação à morte, já presente nos versículos anteriores, temos outros momentos do texto em que eles se tornam citados, por exemplo, nos versículos dez e onze, em que há uma possível ameaça de morte para a vida do salmista “10 Pois meus inimigos falam de mim, e aqueles que intencionam por minha vida se consultam, 11 Dizendo: “D’us o abandonou, persigam-no e o agarrem, pois não há nenhum salvador” (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 102).

Outra relação de contrariedade que podemos identificar no texto dá-se entre esperança *versus* desespero. Essa categoria se apresenta pela luta interna do salmista entre a sua declaração de plena confiança e sua fé inabalável em Deus e os momentos de angústia diante das adversidades. Essa dualidade pode ser considerada por meio de variados versículos, entre eles, o versículo um: “Em Ti, Senhor, eu me refugiei, não permitas que eu seja envergonhado, jamais.” (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 101). Aqui, vemos uma intensa expressão de confiança. O salmista busca refúgio em Deus, mostrando uma fé

inabalável de que o seu protetor não permitirá que ele seja envergonhado. Essa confiança é um pilar de segurança, indicando que o salmista acredita firmemente na proteção e na justiça divina. Outro versículo que apresenta essa esfera de sentido é o cinco: “Pois Tu és minha esperança, meu Senhor, Senhor/Elokim, minha segurança desde minha juventude.” (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 101) Aqui, a confiança e a esperança estão novamente afirmadas, testificando uma vida inteira de confiança inabalável. A referência à juventude implica que essa confiança foi construída e reforçada ao longo de muitos anos, estabelecendo uma base sólida de fé.

Diante das relações existentes, também podemos destacar a contrariedade entre justiça *versus* injustiça, presente, por exemplo, no versículo dois: “Em Tua retidão livra-me e dá-me liberdade” (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 101), ou também os versículos quinze e dezesseis: “Minha boca falará da Tua retidão, o dia inteiro da Tua salvação, pois não conheço seus números [...] “Mencionarei Tua retidão, Tua somente.” (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 102). Ambos os versículos apresentam os semas de justiça, não somente uma justiça do ser humano, que pode ser, em algum momento, falha, mas uma justiça perfeita.

Podemos, inclusive, compreender até mesmo a contrariedade presente entre a perfeição da justiça divina em contrapartida com a injustiça do homem: “Meu D’us! Faze-me escapar do domínio do perverso, da mão do que trama e do violento” (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 101). Essa relação também nos leva a compreender a contrariedade entre o louvor e o silêncio por meio da devoção do salmista, como no versículo oito: “Que minha boca esteja cheia com Teu louvor, o dia inteiro com Tua glória” (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 101). Já o silêncio pode ser visto tanto de modo implícito, na ausência do louvor caso a confiança falhe, por exemplo, no versículo nove: “Não me rejeites, na época da velhice, quando minha força falha não me abandones” (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 102), quanto na ameaça de abandono e presença do desespero, como no versículo vinte: “Tu, Que me mostraste muitas e dolorosas desgraças, revive-me de novo, e das profundezas da terra ergue-me de novo. 21 Aumenta minha grandeza e volta para me confortar” (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 102–103).

Vemos também a dualidade entre a força *versus* fraqueza, em que a força estará presente acompanhada dos semas de juventude, de rocha, de grandeza, e

também na presença da adversidade, visto que somente a verdadeira fé fortalecida permite que o salmista supere essa ameaça. Por fim, vemos a dualidade entre a confiança e a desconfiança. A confiança se encontra presente em todas as linhas do texto, por exemplo, no versículo cinco, já citado; nele, podemos ver essa confiança acompanhada dos semas de esperança, de segurança. Questões de que iremos tratar mais tarde.

3.6.1. A confiança como uma isotopia discursiva

Devido à maior extensão do Salmo 71, optamos por realizar a análise discursiva utilizando as isotopias presentes no texto como um guia estruturante. Essa abordagem permite uma análise mais didática e compreensível para o leitor, facilitando a identificação e compreensão dos principais temas e figuras que se repetem ao longo do salmo. Esse modo de divisão contribui para que consigamos destacar a construção do sentido global do texto. A confiança, que é a paixão central do salmo, será explorada através das diferentes isotopias, mostrando como cada elemento discursivo se relaciona e reforça a temática a ela correspondente. Para isso, iniciaremos com a isotopia da proteção divina, destacando as figuras e expressões que remetam a ela, como “rocha”, “abrigo” e “fortaleza”, mostrando como esses elementos discursivos contribuem para a construção da confiança do salmista.

Compreendemos, logo nos primeiros versículos, a presença da confiança acompanhada pelas figuras da “rocha” e de “refúgio”. Verifiquemos isso, novamente por meio dos versículos 1,2, 3 e 7:

1 בְּךָ־יְהוָה חֲסִיתִי אֶל־אֲבוֹשָׁה לְעוֹלָם :

2 בְּצִדְקָתְךָ תְּצִילֵנִי וּתְפַלֵּטֵנִי הַטָּה־אֱלִי אֲזַנְךָ וְהוֹשִׁיעֵנִי :

3 הִיָּה לִי לְצֹר מַעוֹן לְבֹא תַמִּיד צִוִּיתָ לְהוֹשִׁיעֵנִי כִי־סִלְעִי וּמַצְוֹדֹתִי אַתָּה :

4 אֱלֹהֵי פִלְטֵנִי מִיַּד רָשָׁע מִכַּף מַעוֹל וְחֹמֶץ:

1 Becha Adonai chassíti, al evôsha leolam. 2 Betsidcatecha tatsilêni utfaletêni, hate elai oznecha vehoshiêni. 3 Heie li letsur maon lavo tamid, tsivíta lehoshiêni, ki sal'i umtsudati ata. 4 Elohai paletêni miyad rasha, micaf meâvel vechomets.

1 Em Ti, Senhor, eu me refugiei, não permitas que eu seja envergonhado, jamais. 2 Em Tua retidão livra-me e dá-me liberdade. 3 Sê para mim um rochedo de abrigo, para entrar todas as vezes. Tu ordenaste minha salvação, pois minha Rocha e minha Fortaleza és Tu. 4 Meu D'us! Faze-me escapar do domínio do perverso, da mão do que trama e do violento. (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 101)

Compreendemos, por meio desses versículos, o resultado da confiança do salmista, materializada pelas figuras relatadas, e também que a fé do salmista o faz ser “um exemplo para a multidão”, com a figura do “refúgio” como um testemunho dessa confiança do salmista pelo seu Senhor. As figuras do refúgio e da rocha apontam para proteção, estabilidade e segurança. Vemos que, na isotopia da proteção divina, Deus é representado como um lugar seguro onde o salmista pode abrigar-se das adversidades. Logo no primeiro versículo, vemos a busca do salmista por Deus e seu apelo por socorro divino, sendo o conceito de refúgio uma figura clara de proteção. No versículo dois, temos o pedido “livra-me”, que pode ser entendido como uma metáfora ou uma expressão simbólica, representando a ação de ser resgatado ou protegido por Deus. Esse conceito se expande do físico ao espiritual, visto que não se trata somente de um livramento físico literal, mas de uma libertação espiritual ou emocional.

Já no versículo três, a metáfora do “rochedo de abrigo” é significativa. Apresentando-se como um elemento figurativo, o rochedo é uma estrutura forte e inabalável, figurativizando a estabilidade e a segurança que o salmista encontra em Deus. A referência a Deus como “Minha Rocha e minha Fortaleza” reforça a imagem de uma proteção forte e impenetrável, enfatizando a confiança total do salmista na proteção divina. Já no versículo seguinte, temos também essa presença da proteção em torno do sentido. O salmista clama por libertação do “domínio do perverso” e “da mão do que trama e do violento”. Tal pedido de livramento destaca a proteção contra ameaças humanas concretas. As figuras dos “perversos” e dos “violentos” trazem à tona a necessidade de ser protegido de perigos externos e físicos, reforçando a confiança na intervenção divina para escapar desses males.

Encontrar o versículo transliterado

5 כִּי־אַתָּה תִּקְוָתִי אֲדֹנָי יְהוִה מִבְּטַחִי מִנְּעוּרַי :

7 כְּמוֹפֶת הָיִיתִי לְרַבִּים וְאַתָּה מִחְסִי־עַז :

9 אֶל־תִּשְׁלִיכֵנִי לַעֵת זָקְנָה כְּכֹלֹת פְּחִי אֶל־תַּעֲזָבֵנִי :

21 תִּרְבַּב גְּדֻלָּתִי וְתִסֹּבֵב תִּנְחַמְנִי :

5 Ki ata ticvati, Adonai Elohim mivtachtí mibéten, mimeê imi ata gozi, becha tehilati tamid. 7 Kemofet hayiti lerabim, veata machassi oz. 9 Al tashlichêni leet zicna, kichlot cochi al taazêni. 21 Térev guedulati vetissovo tenachamêni. 5 Pois Tu és minha esperança, meu Senhor, Senhor/Elokim, minha segurança desde minha juventude. 7 Tornei-me um exemplo para a multidão, pois Tu foste meu poderoso refúgio. 9 Não me rejeites, na época da velhice, quando minha força falhar, não me abandones. 21 Aumenta minha grandeza e volta para me confortar. (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 101–102)

Diante dos versículos, compreendemos as figuras de “juventude”, de “multidão”. Assim como apresentado no nível fundamental, o salmista declara que sempre esteve amparado ao longo de sua vida, o que nos apresenta o tema do “amparo”. A própria proteção é compreendida aqui como uma unidade temática, assim como a “segurança” e “esperança”, que reforçam a isotopia abordada. No versículo nove, compreendemos melhor a extensidade com que o salmista revela tanto a sua confiança como a presença da proteção contínua de Deus. Por meio das figuras de “época da velhice”, ou “força falha”, compreendemos que o salmista faz um pedido a Deus para que não seja abandonado nesse momento. Isso indica a proteção absoluta tanto na juventude quanto na velhice. Já no versículo vinte e um, o pedido para que Deus aumente sua grandeza e o conforto implica a necessidade de proteção e amparo divino.

Há um lexema, “grandeza”, que deve ser reconhecido aqui, porque ele apresenta em seus semas um sentido que pode ser atribuído tanto à natureza temática quanto à figurativa. Tratando da ordem temática, pode ser reconhecido como prosperidade e honra, visto que, ao entendê-lo como uma referência à prosperidade, honra ou status elevado que o salmista deseja alcançar ou recuperar, configura um elemento temático; nesse caso, a grandeza estaria relacionada ao tema do sucesso, da bênção divina e do reconhecimento público, aspectos que são relevantes para a compreensão da proteção e da bênção contínua de Deus na vida do salmista. Em ordem figurativa, compreendemos “Grandeza como expressão da bênção divina”, visto que o lexema em questão pode ser visto como uma metáfora para a amplitude das bênçãos e da proteção divina que o salmista deseja, assumindo esse caráter figurativo. Com isso, a grandeza não se refere literalmente à elevação do status ou à prosperidade, mas sim à magnitude do conforto e da proteção que o salmista espera receber.

Compreendemos também o “conforto” como um lexema que pode ser visto tanto em seu caráter temático como figurativo, assim como “grandeza”. Quando olhamos para o texto, compreendemo-lo em seu valor temático como algo que implica diretamente na busca por consolo e segurança, com o salmista expressando o desejo de que Deus ofereça alívio de suas aflições, sofrimento ou angústia, indicando um tema de assistência e cura espiritual. Já em ordem figurativa, o lexema pode indicar novamente a presença contínua e amorosa de Deus, atuando como um suporte constante e um refúgio emocional. Esse conforto transcende o

simples alívio físico e emocional e representa uma relação íntima e reconfortante com o divino. Essa dualidade de sentido, tanto em sua esfera temática quanto em sua esfera figurativa, enriquece a interpretação do texto, descortinando a profundidade do relacionamento do salmista com Deus e a complexidade de suas petições e esperanças.

Na sequência, será possível compreender a isotopia do perigo e/ou dos inimigos, que também pode ser tomada como isotopia da luta e conflito, em razão de que esses versículos destacam a presença de adversários e situações ameaçadoras que o salmista enfrenta. Vejamos:

- 4 אֱלֹהֵי פִלְטֵנִי מִיַּד רָשָׁע מִכַּף מַעֲוִיל וְחוֹמֶץ :
 10 כִּי־אָמְרוּ אוֹיְבֵי לִי וְשֹׁמְרֵי נַפְשִׁי נִוְעָצוּ יַחְדָּו :
 11 לֵאמֹר אֱלֹהִים עָזְבוּ רִדְפוּ וְתַפְשׁוּהוּ כִּי־אֵין מַצִּיל :
 13 יִבְשׁוּ יִכְלוּ שִׁטְנֵי נַפְשִׁי יַעֲטוּ חֲרָפָה וְכָלמָה מִבִּקְשֵׁי רַעְתִּי :
 20 אֲשֶׁר הִרְאִיתֵנִי צָרוֹת רַבּוֹת וְרָעוֹת תַּשׁוּב תַּחֲיִינוּ וּמִתְהַמּוֹת הָאָרֶץ תֵּשׁוּב תַּעֲלֵנִי :
 4 Adonai paletêni miyad rasha, micaf meável vechomets.
 10 Ki ameru oievai li, veshomerê nafshi noatsu iachdav.
 11 Lemor Elohim azavo, ridfu vetifsuhu ki em matsil.
 13 levôshu yichlu sotenê nafshi, iaatu cherpa uchlima mevacshê raati.
 20 Asher hir'itâni tsarot rabot veraot, tashuv techaiêni umitehomot haârets tashuv taalêni.
 4 Meu D'us! Faze-me escapar do domínio do perverso, da mão do que trama e do violento. 10 Pois meus inimigos falam de mim, e aqueles que intencionam por minha vida se consultam, 11 Dizendo: “D'us o abandonou, persigam-no e o agarrem, pois não há nenhum salvador”. 13 Que sejam envergonhados e consumidos os adversários da minha alma. Que sejam envolvidos em humilhação e desgraça - aqueles que procuram meu dano. 20 Que me mostraste muitas e dolorosas desgraças, revive-me de novo, e das profundezas da terra ergue-me de novo. (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 101–103)

Ao longo dos fragmentos, reconhecemos unidades de sentido que reforçam a isotopia do perigo, como as figuras do “violento”, ou do “perverso”; temos as figuras de “domínio” e de “mão”, que carregam os semas de controle, indicando a opressão e o perigo físico e emocional que o salmista enfrenta. No versículo seguinte, o salmista descreve a conspiração de seus inimigos, e as possíveis ameaças à sua vida. A afirmação de que “D'us o abandonou”, pensamento no qual o salmista revela que seus inimigos possuem, reforça a percepção de vulnerabilidade e perigo iminente, em que os inimigos acreditam que podem atacar impunemente. Temos aqui a “vulnerabilidade”, “perigo” e a “impunidade” como temas que compõem a isotopia. No versículo treze, vemos que a existência de adversários que ameaçam a

integridade do salmista está claramente estabelecida; o fragmento explicita o desejo do salmista de que seus adversários, que buscam o seu dano, sejam envergonhados e humilhados. Logo à frente, no versículo vinte, temos as figuras de “dolorosas desgraças”, representando o sofrimento do salmista.

A isotopia seguinte encontrada no salmo é a isotopia do Louvor e Adoração, em que o salmista expressa repetidamente sua confiança e gratidão a Deus. Essa isotopia é essencial, visto que realça a profunda fé e confiança do salmista em Deus, mesmo em face das adversidades.

Vejamos os versículos seguintes:

6 עָלֶיךָ נִסְמַכְתִּי מִבֶּטֶן מִמַּעַי אִמִּי אַתָּה גֹזִי בֶךָ תְּהִלָּתִי תָמִיד :

8 יִמָּלֵא פִי תְהִלָּתְךָ כָּל־הַיּוֹם תִּפְאָרְתְּךָ :

14 וְאֲנִי תָמִיד אֵיחָל וְהוֹסַפְתִּי עַל־כָּל־תְּהִלָּתְךָ :

15 פִּי יוֹסֵפֶר צִדְקָתְךָ כָּל־הַיּוֹם תִּשְׁוַעְתְּךָ כִּי לֹא יִדְעָתִי סִפּוּרֹת :

6 Alêcha nismachti mibéten, mimeê imi ata gozi, becha tehilati tamid. 8 Yimale fi tehilatêcha, col haiom tifartêcha. 14 Vaani tamid aiachel, vehossafti AL col tehilatecha. 15 Pi iessaper tsidcatêcha col haiom teshuatêcha, ki lo iadâti seforot.

6 Em Ti confiei desde o nascimento; dos interiores da minha mãe Tu me tiraste. De Ti é sempre meu louvor. 8 Que minha boca esteja cheia com Teu louvor, o dia inteiro com Tua glória. 14 Quanto a mim, sempre confiarei que acrescentarei a todos os Teus louvores. 15 Minha boca falará da Tua retidão, o dia inteiro da Tua salvação, pois não conheço seus números.(WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 101–102)

No versículo seis, encontra-se novamente a paixão pela confiança presente na fala do salmista, que declara o seu louvor e confiança desde o nascimento. Podemos compreender, assim, que sua confiança sempre permanece alta e a sua extensão duradoura. Temos as figuras “dos interiores de minha mãe” e “nascimento” para indicar o tema em questão, a confiança desde o início da vida. Com isso, o salmista confessa que sua confiança e louvor a Deus não são novos; eles têm sido uma constante desde o princípio de sua existência. A expressão: “De Ti é sempre meu louvor” aponta para uma dedicação contínua e inabalável em louvar a Deus, ressaltando a confiança e a gratidão inatas do salmista.

Já no versículo seguinte, temos as figuras de “boca”, a própria menção do “louvor”, a figura do “dia inteiro” e também a da “Glória de Deus”; juntas, todas elas contribuem para a construção da isotopia do Louvor. A primeira delas, a boca, compõe um elemento que aponta para a expressão verbal e o seu diálogo com Deus. Compreendemos no versículo como o salmista menciona a ferramenta através da qual ele louva a Deus. A escolha dessa figura enfatiza a verbalização do

louvor, sugerindo que o louvor a Deus é algo que deve ser expressado de maneira audível e pública. A “boca” é um símbolo de manifestação exterior de um sentimento ou convicção interior. A expressão “louvor a Deus” encapsula a adoração e a exaltação dirigidas a Ele; esse louvor não se apresenta unicamente como um reconhecimento superficial, mas uma profunda expressão de reverência e gratidão. Por meio de todo o Salmo 71, vemos como o louvor é uma resposta à bondade, justiça e salvação de Deus. É uma figura central que indica a natureza contínua e fervorosa da devoção do salmista.

A figura do “dia inteiro” se apresenta como um elemento que reforça o tema da constância e da perenidade, indicando que o louvor do salmista não é esporádico ou reservado para momentos específicos, mas é uma atividade contínua que dura todo o dia. Isso reflete a dedicação incessante do salmista e sua devoção ininterrupta a Deus, independentemente do tempo ou circunstâncias. Temos também o elemento figurativo da “Glória de Deus”, que figurativiza a majestade, a santidade e a presença manifesta de Deus. Os temas de dignidade e continuidade aparecem. Esse elemento nos é apresentado no sentido de que a glória de Deus é algo digno de ser louvado e exaltado continuamente. Sua menção também destaca a magnificência divina que inspira o salmista a louvá-lo incessantemente. A glória é um tema recorrente que reforça a grandeza de Deus e a resposta apropriada de louvor a essa grandeza.

Já no versículo quatorze, a confiança, presente como um lexema, se apresenta também como um elemento figurativo central. A declaração “sempre confiarei” indica novamente uma confiança inabalável e contínua, representando a fidelidade e dependência do salmista em relação a Deus. Temos também a figura do “acrescentar louvores”, manifestando que o salmista não apenas louva a Deus, mas que seu louvor está em crescimento contínuo. Com isso, podemos compreender que esse elemento reforça e concretiza no texto a progressão e a ampliação do louvor. A ideia de adicionar continuamente o louvor indica também o seu caráter temático, o aumento da gratidão e do reconhecimento das obras de Deus ao longo dos tempos.

Além dos elementos já citados (a boca como uma figura, síntese de comunicação e expressão ativa da fé), vemos no versículo quinze o “falar”, apresentado aqui como um elemento verbal. O ato de falar é figurativo, representando a ação de declarar, anunciar e compartilhar as virtudes de Deus, o

que implica em dar testemunho das suas ações justas e corretas. Com isso, compreendemos que esse elemento figurativo é um ato de louvor que envolve a partilha pública da fé e das obras de Deus. Vemos também o lexema “números”, cujo sentido é figurativo, o que indica a infinitude e a abundância. Todos esses elementos acompanham o tema da imensidão das obras de Deus, que aponta para a grandiosidade e a abundância das ações divinas. O salmista reconhece que não conhece seus números, ele admite a grandeza e a transcendência das ações divinas.

Diante disso, vemos também o tema central da “retidão de Deus”, que aparece referindo-se ao ato de Deus salvar e resgatar. Vemos também o lexema “salvação”, que pode ser visto aqui tanto em seu caráter temático como em seu caráter figurativo. Em seu caráter temático, a salvação pode ser vista como a intervenção divina que resgata e protege, refere-se ao ato, a ação de Deus de resgatar e proteger o salmista de seus inimigos e de situações adversas. O tema perpassa durante todo o salmo, destacando a intervenção divina como uma força constante e poderosa que garante a segurança e o bem-estar do fiel. Em seu caráter figurativo, a salvação pode ser vista como um símbolo da proteção divina. No contexto hebraico, o lexema em questão (יְשׁוּעָה, *yeshu'ah*) está relacionada aos semas de libertação e ao livramento divino, ou seja, o elemento em questão evoca imagens de resgate, segurança e abrigo. Vejamos os versículos seguintes:

22 גַּם־אֲנִי אֹדֶךָ בְּכָל־יָנֶכֶל אֲמַתְךָ אֱלֹהֵי אֲזַמְרָה לָךְ בְּכִנּוֹר קְדוֹשׁ יִשְׂרָאֵל :

23 תִּרְנְנָה שִׁפְתַּי כִּי אֲזַמְרָה־לָּךְ וְנִפְשִׁי אֲשֶׁר פָּדִיתָ :

24 גַּם־לִשׁוֹנִי כָל־הַיּוֹם תִּהְיֶה צִדְקָתְךָ כִּי־בָשׁוּ כִי־חָפְרוּ מִבִּקְשֵׁי רַעְתִּי :

22 Gam ani odecha vichli nével amitecha Elohai, azamera lecha vechinor kedosh Yisrael.

23 Teranêna sefatai ki azamera lach, venafshi asher padíta.

24 Gam leshoni col haiom tegue tsidcatêcha, ki vôshu chi chaferu mevacshê raati.

22 Eu, também, Te agradecerei no instrumento nevel por Tua fidelidade, meu D'us; eu cantarei para Ti no kinor, ó Santo de Israel. 23 Meus lábios rejubilarão quando eu cantar a Ti, e minha alma que Tu redimiste. 24 Minha língua, também, o dia inteiro proferirá Tua retidão. Pois estão envergonhados, pois estão humilhados todos aqueles que procuram meu dano. (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 103)

Diante desses versículos, podemos destacar mais figuras e temas que enriquecem o nosso fazer interpretativo. Temos a isotopia do Louvor sendo enriquecida pelo tema da gratidão, expressa por meio da declaração do salmista de que dedicará o seu louvor, com a *nevel* e com o *kinor*. É necessário compreender o efeito de sentido causado por meio desses dois lexemas. Tais lexemas se

apresentam no sentido como elementos figurativos, que simbolizam a alegria, a celebração e a devoção do salmista. O *nevel* pode ser entendido como uma harpa ou lira grande, já o *kinor* é frequentemente traduzido como lira ou um tipo de harpa menor. Nos tempos bíblicos, esses dois instrumentos não somente eram utilizados em cerimônias de louvor e adoração, mas também em eventos sociais. Como exemplo disso, podemos citar, no contexto religioso, o Salmo 33, versículo dois, e o Salmo 144, versículo nove. Já no contexto social e festivo, podemos ler o primeiro livro de Crônicas, capítulo treze, versículo oito. Vejamos a seguir, respectivamente, os seguintes versículos:

הודו ליהוה בכנור בגבול עשור זמרו־לו :

SL 33:2 “Agradeçam ao Senhor com a harpa, com o NevelAssor cantem para Ele.” (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 42) SL 33:2

אֱלֹהִים שִׁיר חֲדָשׁ אֲשִׁירָה לָךְ בְּגִבֹּל עֶשְׂרֵי אֲזַמְרָה־לָךְ :

SL 144:9 “Ó D’us, um novo cântico eu cantarei a Ti, num nevel de dez cordas eu tocarei a Ti.” (WASSERMAN, SZWERTSZARF, 2020, p. 214)

“E Davi e todo o Israel alegraram-se perante Deus com todas as suas forças, com cânticos, com harpas, com alaúdes, com tamboris, com címbalos e com trombetas.” (1 Crônicas 13:8, Almeida Revista e Atualizada).

As construções desses instrumentos permitiam a produção de sons profundos e ressonantes, ideais para expressar emoções intensas e a grandeza das ações de Deus. No texto hebraico em questão, apresentado pelo Salmo 71, vemos que o *nevel* é associado diretamente com a fidelidade de Deus אֱמוּנָה/*Emuná*, o que destaca a profundidade da fidelidade de Deus e a seriedade do agradecimento do salmista. Já o *kinor* relaciona-se à musicalidade e à alegria do louvor a Deus; o texto hebraico associa o *kinor* com a santidade שִׁדּוּךְ e a majestade do Senhor, especialmente destacando que Deus é o Santo de Israel יִשְׂרָאֵל.

Ao longo desse processo de análise, pudemos reconhecer as imagens que auxiliam a concretizar a confiança como paixão. Com isso, vemos, pelo sentido, como o salmista reconhece e celebra incessantemente a justiça e a salvação de Deus, refletindo uma vida de devoção e adoração constante. Pudemos reconhecer os efeitos de sentido gerados ao longo desse texto, em que várias isotopias interagem para construir um sentido profundo de fé, conflito e louvor. A seguir, observaremos, por meio de quadros distintos, as isotopias, os versículos, os

elementos figurativos e elementos temáticos e suas significações presentes no Salmo 71.

Devido à extensão desse salmo, a análise será apresentada de forma detalhada para cada isotopia identificada. Isso permitirá uma compreensão mais clara e didática da riqueza semiótica contida no texto, de modo que facilite a identificação e interpretação dos diversos elementos figurativos e temáticos, destacando como eles contribuem em seu sentido para tornar a paixão da confiança mais concreta ao longo do texto.

Isotopia da Proteção divina:

V	Elementos figurativos	Elementos temáticos	Significação
1, 2, 3, 7	Rocha, Refúgio, Abrigo, Fortaleza	Proteção, Estabilidade, Segurança, testemunho	Deus como um lugar seguro onde o salmista encontra abrigo das adversidades. A metáfora do “rochedo de abrigo” e da “fortaleza” reforça a imagem de proteção forte e impenetrável.
4, 9, 20, 21	Libertação do “perverso”, “mão do violento”, “época da velhice”, “grandeza”	Livramento, Amparo, Prosperidade	Figuras de “perverso” e “violento” reforçam a necessidade de proteção contra ameaças humanas concretas. “Velhice” e “força falha” indicam a proteção contínua de Deus ao longo da vida. “Grandeza” e “conforto” indicam a prosperidade e a bênção divina.

Quadro 7: Isotopia da Proteção divina. Fonte: autoria própria.

Isotopia do Perigo e dos Inimigos (Luta e Conflito):

V	Elementos figurativos	Elementos temáticos	Significação
4	Domínio do perverso, trama, violento	Perigo, opressão	Os elementos mostram a situação de perigo e opressão enfrentada pelo salmista, destacando a necessidade de libertação divina.
10	Inimigos, vida,	Vulnerabilidade, perseguição,	Os inimigos e sua intenção de tomar a

– 11	consultar, Ameaça,	conspiração	vida do salmista ilustram a luta e conflito presentes, indicando a constante perseguição enfrentada.
13	Adversários, alma, vergonha, humilhação	Oposição, vergonha, justiça, defesa divina	A adversidade enfrentada e o desejo de ver os inimigos envergonhados mostram o conflito e a busca por justiça divina.
20	Desgraças, profundezas da terra	Sufrimento, ressurreição	As desgraças e a referência às profundezas indicam a experiência de sofrimento e a esperança na intervenção divina.

Quadro 8: Isotopia do Perigo e dos Inimigos (Luta e Conflito). Fonte: autoria própria.

Isotopia do Louvor e da Adoração:

V	Elementos figurativos	Elementos temáticos	Significação
6	Interior da Mãe, Nascer	Nascimento, Confiança Inata, Gratidão	Confiança e louvor desde o início da vida do salmista.
8	Boca, louvor, dia inteiro, glória	Adoração constante	A boca cheia de louvor e a menção ao dia inteiro representam uma adoração constante e ininterrupta.
14, 15	Acrescentar louvores, boca, falar, retidão, salvação, números	Crescimento, Fidelidade, Louvor pela justiça e salvação.	O louvor contínuo pela retidão e salvação de Deus mostra uma gratidão constante e a magnitude dos feitos divinos.
22- 23	<i>Nevel, kinor</i> , Santo de Israel, lábios, rejubilar, alma,	Partilha Pública, Infinitude, adoração fervorosa, fidelidade, celebração	A utilização de instrumentos e a menção à alma e lábios rejubilantes indicam uma adoração fervorosa e sincera.
24	Língua, retidão, dia inteiro	Louvor incessante	A figura da língua que proferirá a retidão o dia inteiro reforça a ideia de um louvor constante e incessante.

Quadro 9: Isotopia do Louvor e da Adoração. Fonte: autoria própria.

Isotopia da Imensidão das Obras de Deus:

V	Elementos figurativos	Elementos temáticos	Significação
1 5	Números	Infinitude, Abundância	A retidão de Deus é tão vasta que suas ações não podem ser contadas. Este versículo ressalta a abundância e a infinidade das obras divinas, destacando como os feitos de Deus são grandiosos e incalculáveis.
1 6	Retidão de Deus	Justiça, Proteção	Refere-se à salvação operada por Deus e sua justiça em livrar o salmista. Destaca a retidão divina como base para a proteção e a salvação, enfatizando que a justiça de Deus é um alicerce sólido e constante para o fiel.
1 7	Grandes Obras	Majestade, Bênção	As grandes obras realizadas por Deus ao longo da vida do salmista são mencionadas, sublinhando a majestade e a bênção divina em suas ações, reconhecendo a presença e a atuação contínua de Deus, desde a juventude até a velhice do salmista.
1 9	Justiça até o Céu, Grandes Coisas	Grandeza, Justiça Divina	A justiça de Deus é exaltada até os céus, e as grandes coisas que Ele tem feito são proclamadas acentuando a dimensão celestial e a magnificência das ações de Deus e reconhecendo sua supremacia e poder infinitos.

Quadro 10: Isotopia da Imensidão das Obras de Deus. Fonte: autoria própria.

Por meio do quadro, reconhecemos que o texto em questão, ao ser analisado com base nas isotopias, revela uma profunda interconexão entre confiança, perigo, conflito e louvor. A confiança do salmista em Deus, que nos é apresentada como uma paixão semiótica, nos mostra que, mesmo em meio a perigos e conflitos, ela se destaca como uma força estabilizadora, enquanto o louvor e a adoração são expressões de reconhecimento e gratidão pela proteção e salvação divinas. A análise das figuras e temas evidencia a profundidade da relação do salmista com

Deus, nos mostrando como a confiança e o louvor estão intrinsecamente ligados às experiências de perigo e redenção.

Diante do final das análises, a seguir, nas considerações finais, buscaremos sintetizar os resultados decorrentes do trabalho, além de refletir sobre as implicações deste estudo para futuros trabalhos no campo da semiótica discursiva, sobretudo aqueles que se deterem sobre textos bíblicos e/ou religiosos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, propusemo-nos a verificar como a confiança se manifesta enquanto uma paixão semiótica no conjunto de Salmos selecionados para análise. A pesquisa partiu da observação de isotopias e figuras presentes nos textos, com o objetivo de compreender como tais elementos, entendidos a partir de um arcabouço teórico próprio, constituem os sentidos de confiança em momentos de adversidade e louvor. Utilizando a abordagem da semiótica discursiva padrão, com o acréscimo de algumas considerações tensivas, buscamos mapear as oscilações entre a confiança inabalável do salmista em Deus e as situações de dúvida ou perigo que ameaçam essa confiança. A partir dessa metodologia, foi possível também identificar intensidades emocionais presentes no discurso do salmista e como elas são moldadas pela interação entre o contexto narrativo e as figuras centrais dos textos.

Ao longo do trabalho, também observamos que a confiança, longe de ser um conceito estático, se apresenta como uma paixão que percorre um eixo tensivo, ora reforçada pela segurança de Deus como refúgio, ora desafiada pelas ameaças que cercam o salmista. Essa abordagem nos permitiu ir além de uma simples interpretação dos textos e, em vez disso, compreender como a confiança é construída de maneira discursiva e poética dentro da narrativa bíblica.

Por meio dessa compreensão, os resultados obtidos a partir das análises dos Salmos 23, 121, 27, 40, 63 e 71 apontaram, primeiramente, como a confiança se constrói de diferentes maneiras ao longo dos textos, revelando uma complexidade discursiva rica em figuras e isotopias. No Salmo 23, por exemplo, encontramos a isotopia do pastoreio como eixo central da confiança. A figura do “Pastor”, que apresenta os semas de cuidado, proteção e orientação divina, se entrelaça com a figura das “ovelhas” e do “caminho”. Assim, a confiança do salmista está diretamente vinculada à certeza de que o Senhor é quem o guia por pastos verdejantes e águas tranquilas, mesmo em face do “vale da sombra da morte”. Dessa forma, o Salmo 23 constrói uma confiança serena e constante, baseada na certeza de que Deus é o guia seguro em todos os momentos da vida.

Já no Salmo 121, a confiança está profundamente ligada à isotopia da proteção divina: o salmista ergue os olhos para os montes, questionando de onde virá seu socorro, mas logo afirma que o auxílio vem do Senhor, que criou o céu e a terra. Aqui, as figuras do “guardião” e do “vigia” são centrais, já que o Senhor é descrito como aquele que não dorme, sempre a proteger o seu povo. Além disso, a isotopia da proteção é reforçada pela imagem de que o Senhor “guardará a tua entrada e a tua saída”, uma construção de sentido que evidencia a proteção durante toda a vida. A confiança manifesta-se, portanto, como uma certeza contínua da presença de Deus como protetor fiel.

No Salmo 27, por sua vez, a isotopia da luz e da salvação torna-se o centro da construção de confiança. A figura da “luz” representa a orientação divina em meio às trevas, enquanto a “salvação” manifesta o livramento e proteção divina em tempos de perigo. O salmista afirma que, mesmo cercado por inimigos, não sentirá medo, pois sua confiança está firmada na convicção de que o Senhor é sua “rocha” e refúgio. Nesse contexto, a confiança é consolidada por meio de experiências passadas, em que o salmista reflete sobre a ajuda recebida de Deus em momentos de aflição.

Em seguida, no Salmo 40, a confiança emerge a partir de um contexto de adversidade: o salmista descreve como foi resgatado do “poço de águas turbulentas”, construção de sentido que se apresenta marcada pela angústia e o desespero. Essa situação inicial, no entanto, transforma-se em “gratidão” e “hino de louvor”, expressando a confiança no resgate divino, com as figuras da “rocha” e do “poço” comportando o sentido de alívio de situações de perigo. Desse modo, a

confiança, movida pelo testemunho pessoal do salmista, renova-se com a afirmação de que Deus colocou “uma nova canção” em sua boca.

No Salmo 63, por sua vez, a isotopia da busca espiritual e da sede de Deus é central: o salmista, no deserto de Judá, descreve sua alma como sedenta de Deus em uma “terra seca e exausta”. Nesse caso, a figura do deserto, além de apresentar o seu conceito tradicional, se constrói de modo a exprimir o estado emocional do salmista, ansiando pelo Senhor. Mesmo em meio à escassez, a confiança se eleva a um nível espiritual, em que o salmista reafirma que Deus é sua “ajuda” e encontra consolo sob “as asas” divinas.

Finalmente, no Salmo 71, a confiança do salmista é expressa de forma reflexiva, orientada para a fidelidade de Deus ao longo da vida, com o salmista pedindo refúgio e relembrando a presença de Deus desde sua juventude. As figuras do “refúgio” e da “rocha” reaparecem, reforçando a imagem de Deus como protetor. A confiança aqui, portanto, reflete a maturidade de alguém que já experimentou a bondade divina por muitos anos, reafirmando sua fé e pedindo sustento na velhice.

Diante destes resultados, podemos retomar, agora, a perspectiva de que a pesquisa realizada apresentar contribuições significativas para diversos campos do conhecimento, desde o da semiótica e da linguística até o dos estudos bíblicos e teológicos. Ao longo da análise dos salmos, buscamos aplicar a semiótica discursiva, de modo consistente, a textos religiosos, tendo em vista um avanço na compreensão dos processos de construção do sentido em textos dessa natureza. Tal recorte e enfoque semiótico, aliado à análise tensiva das paixões, permitiu desvelar aspectos vinculados às paixões e à figuratividade que, muitas vezes, permanecem implícitos em outros estudos.

Com relação ao nosso recorte, acreditamos haver outro ponto de contribuição, visto que se trata de textos que possuem uma profunda carga emocional e histórica, reverenciados tanto no judaísmo quanto no cristianismo. Ao trabalhar com a confiança como uma paixão central nos textos, apresentamos uma nova perspectiva sobre como esses poemas dialogam com as experiências humanas de medo, esperança e fé. Além disso, ao explorar os diferentes níveis de análise semiótica, a pesquisa, com foco no nível discursivo, permite uma leitura mais profunda e detalhada dos Salmos, destacando isotopias importantes, como a da proteção divina, do louvor e do pastoreio.

A utilização de textos em hebraico e suas traduções interlineares também pode ser considerada uma contribuição, na medida em que permite uma análise comparativa que preserva a riqueza semântica do idioma original e, ao mesmo tempo, torna acessível ao leitor não familiarizado com a língua hebraica os efeitos de sentido presentes no texto. Tal procedimento metodológico permite respeitar a cadência e a musicalidade dos textos originais, ao mesmo tempo em que evidencia nuances culturais e religiosas, presentes na esfera de sentido dos textos, que podem se perder em outras traduções.

Além disso, ao preservar o texto hebraico e contextualizá-lo dentro de sua cultura e tradição, a pesquisa não apenas valoriza a riqueza linguística e simbólica do *Tanakh*, mas também manifesta aspectos fundamentais da construção judaica de sentido. Em um ambiente acadêmico no qual há ausência de um número maior de estudos que conectem a semiótica ao *corpus* bíblico, especialmente sob a ótica da tradição judaica, este trabalho se configura como uma importante ponte para promover um diálogo interdisciplinar que valoriza as especificidades dessa cultura milenar. Esse cuidado na escolha das versões dos salmos auxilia no enriquecimento da análise e fortalece a validade das interpretações apresentadas.

Além disso, o trabalho, por meio desse recorte e metodologia, promove o diálogo entre diferentes disciplinas, como a semiótica, a teologia e os estudos literários. Ao explorar figuras como “o pastor”, “a tenda”, “a luz”, “o deserto” e “a rocha” nos Salmos, procuramos reconhecer o rico universo de sentidos do texto a partir de uma estrutura teórica sólida, que oferece novas possibilidades interpretativas tanto para estudiosos quanto para leitores devotos. Isso confere à pesquisa um valor não apenas teórico, mas também prático, com aplicabilidade para a comunidade acadêmica e religiosa.

Apesar de tantos ganhos, vemos que ainda há muito a ser explorado no campo da semiótica aplicada aos Salmos. Nossos resultados não podem ser tomados como conceitos fechados, especialmente no nível fundamental em que construímos o quadrado semiótico por meio de nosso recorte e reflexão – isso porque as nuances de sentido no texto religioso permitem diferentes abordagens e leituras, o que abre espaço para futuras pesquisas ampliarem as análises aqui apresentadas. Um dos pontos que merece atenção em estudos futuros é a utilização ainda mais aprofundada da língua hebraica, tanto no aspecto linguístico quanto no simbólico, para resgatar níveis mais profundos de significação. Nesse

sentido, podemos destacar o *PARDES*, uma metodologia judaica milenar de interpretação bíblica que contempla quatro níveis de compreensão: o *Peshat* (significado literal), o *Remez* (indicações ou alusões), o *Derash* (interpretações homiléticas) e o *Sod* (significado místico).

Além dos resultados obtidos, a pesquisa apontou para a possibilidade de exploração contínua dos elementos analisados. A própria estrutura da análise semiótica, com base nas isotopias, figuras e temas, permite que os conceitos trabalhados sejam revisitados e reavaliados à luz de novas abordagens teóricas ou metodológicas. O recorte adotado nesta dissertação abre caminho para que outros estudiosos possam aprofundar ainda mais o estudo das noções básicas empregadas aqui, enriquecendo o campo de investigação e trazendo novos entendimentos à medida que novas interpretações e metodologias forem aplicadas.

REFERÊNCIAS

A MESA. Chabad.org. Disponível em:

<https://pt.chabad.org/parshah/article_cdo/aid/913186/jewish/A-Mesa.htm>. Acesso em: 7 jun. 2024.

ARAÚJO, Fernanda Martines; MARTINS, Geraldo Vicente. Antologia Poética de Drumond: uma análise dos campos lexicais da seção um eu todo retorcido. *Acta Semiotica et Lingvistica*, vol. 25. p. 88-103, 2020.

A temporalidade e o desenvolvimento da escrita hebraica e dos textos bíblicos no mundo antigo: apontamentos. *Vértices*, [S. l.], n. 20, p. 139–159, 2018. DOI: 10.11606/issn.2179-5894.i20p139-159. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/vertices/article/view/179258>.. Acesso em: 01 jun. 2024.

BALANIUC, H. M. Isotopias e ponto de vista na leitura do salmo 139. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 23, n. 1, p. 223-240, jan./abr. 2023. Disponível em: <<https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgl/article/view/15561/11860>>. Acesso em: 01 jun. 2023.

BARROS, Diana Luz Pessoa. Teoria semiótica do texto. São Paulo: Ática, 2005.

_____. Teoria semiótica do texto. São Paulo: Ática, 2011.

BENVENISTE, Émile. Problemas de linguística geral I. (5ª. ed). Campinas. SP: Pontes.

BERTRAND, Denis. Caminhos da semiótica literária. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

BÍBLIA Sagrada. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada no Brasil. 2ª ed. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

FIORIN, José Luiz. Elementos de Análise do Discurso. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

FONTAINE, Maria. A palavra de Deus atemporal. Disponível em: <<https://activated.org/pt/alicerce/a-palavra-de-deus/a-biblia/a-palavra-de-deus-atemporal/>>. Acessado em: 15 de abr. de 2021.

FREEMAN, Tzvi. O que é Bitachon? Verdadeira Confiança. PT.Chabad.Org, Valores judaicos<Blocos de Construção. Disponível em: <https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/2987002/jewish/O-Que-Bitachon.htm>. Acesso em: 01 de jun. de 2023.

FRIDLIN, Jairo. Sidur completo. São Paulo: Editora e Livraria Sêfer LTDA, 1997.

GEISLER, Norman; NIX, William. Introdução a Bíblia. São Paulo: Editora Vita, 2006.

GREIMAS, Algirdas Julien & COURTÉS, Joseph. Dicionário de semiótica. São Paulo: Contexto, 2011.

GUIMARÃES, Marcelo M. Revelações Surpreendentes do Salmo 23. YouTube, 3 de mar. de 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vzHv7pl3VCs>>. Acesso em 01 de fev. 2024.

HATZAMRI, Abraham & MORE-HATZAMRI, Shohana. Dicionário português-hebraico hebraico-português. São Paulo: SÊFER, 2000.

HJELMSLEV, Louis. Prolegômenos a uma teoria da linguagem. São Paulo: Perspectiva, 1975.

ISHAI, David ben. O livro dos salmos com transliteração linear. traduzido por Adolfo Wasserman, ChaimSzwertszarf. São Paulo: Maayanot, 2017.

JAKOBSON, Roman. Linguística e comunicação. 9ed. São Paulo: Cultrix, 1977.

KONINGS, Johan. Traduções bíblicas católicas no Brasil (2000-2015). Belo Horizonte – MG: Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor., Curitiba, v. 8, n. 1, 89-102, jan./abr. 2016.

LIMA, Anderson de Oliveira. Destaques brasileiros na abordagem literária da Bíblia. Revista Âncora, Cidade, v.X, n. 11, p. 1-24, mar. 2016. Disponível em: <http://www.revistaancora.com.br/revista_10/Artigo-Ancora2.pdf>. Acesso em: 27 dez, 2023.

_____. Semiótica Discursiva: Uma Introdução Metodológica para Biblistas. Revista Âncora, vol. VIII, ano 7, p. 1-21, 2012.

MARTINS, Geraldo Vicente; BULHÕES, Ricardo Magalhães. Literatura e espetáculo religioso em um conto de Marcelino Freire. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea. n. 52, p. 66-79, set./dez. 2017. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/elbc/a/8pYsrTd93fcM39LYTSpkZvJ/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 27 de dez, 2023.

NASCIMENTO, Lyslei. O Aleph, Beatriz e a Cabala em Jorge Luis Borges. Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, out. 2008. Disponível em:<<https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/download/13961/11142/37921>>. Acesso em: 01 de jun. de 2023.

RASKIN, Aaron L. A Luz das Letras: Uma Jornada Mística Através do Alfabeto Hebraico. Tradução de Solange Porto. 2. ed. São Paulo: Editora Lubavitch - Brasil, 2017.

SANTOS, Raquel Santana; SOUZA, Paulo Chagas de. Aspectos da análise linguística. In: FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à linguística II: princípios de análise*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003. p. 9-31.

SILVA, Sueli Maria Ramos da. Discurso fundador: análise semiótica de textos das Sagradas Escrituras. *Revista Investigações*, Recife, v. 32, n. 2, p. 548-570, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/241777>. Acesso em: 27 de dez, 2023.

SOARES-SILVA, Thaíssa. Gratidão e louvor: lexemas e figuras no texto do Salmo 92. *Acta Semiótica et Lingvistica*, vol. 29, n. 3, p. 34-50, 2023. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/actas/article/view/18031/22140> >. Acesso em: 27 de dez, 2023.

TANAH Completo- Hebraico e Português. Traduzida em português por David Gorodovits e Jairo Fridlin. São Paulo, SP: Sefer, 2018.

TEHILIM Keter David. Traduzida em português por Adolpho Wasserman, ChaimSzwertszarf. São Paulo: Maayanot, 2020.

TORÁ. Gênesis. Português. A Lei de Moisés. Tradução de Meir Matzliah Melamed. São Paulo: Sêfer, 2001. p. 1-7.

VENTUROTTI, Fabiano. A transcrição bíblica em Haroldo de Campos. *Revista Desempenho*, UNB, vol. 9, n. 1, jun. p. 1-17, 2008. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rd/article/view/9345/8265>>. Acesso em: 27 dez, 2023.

ZABATIERO, Júlio. Manual de Exegese. São Paulo: Hagnos, 2007.

ZABATIERO, Júlio; LEONEL, João. Bíblia, Literatura e Linguagem. São Paulo: Paulus, 2011.

ZILBERBERG, Claude. Síntese da gramática tensiva. Significação: Revista de Cultura Audiovisual, [S. l.], v. 33, n. 25, p. 163–204, 2006. DOI: 10.11606/issn.2316-7114.sig.2006.65626. Disponível em: <https://revistas.usp.br/significacao/article/view/65626>.. Acesso em: 03 set. 2024.